



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA  
AMÉRICA LATINA (PPGICAL)**

**A INTEGRAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU E PARQUE NACIONAL  
IGUAZÚ E AS CONTRIBUIÇÕES DAS DUAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO  
PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**WEMERSON AUGUSTO DA SILVA PINHEIRO**

Foz do Iguaçu  
2026



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA  
AMÉRICA LATINA (PPGICAL)**

**A INTEGRAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU E PARQUE NACIONAL  
IGUAZÚ E AS CONTRIBUIÇÕES DAS DUAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO PARA A  
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**WEMERSON AUGUSTO DA SILVA PINHEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, para a obtenção do título de Mestre em Integração Latino-Americana.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Silvia Andreu da Fonseca

Foz do Iguaçu

2026

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação  
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - CENTRAL

P654i

Pinheiro, Wemerson Augusto da Silva.

A integração do Parque Nacional do Iguaçu e Parque Nacional Iguazú e as contribuições das duas unidades de conservação para a divulgação científica e a educação ambiental / Wemerson Augusto da Silva Pinheiro.

- Foz do Iguaçu, 2026.

171 fls.: il.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana do ILAESP (Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política).

Orientadora: Ana Sílvia Andreu da Fonseca.

1. Parque Nacional do Iguaçu (PR). 2. Parque Nacional Iguazú (Argentina). 3. Integração social. 4. Divulgação de informação. 5. Educação ambiental. I. Fonseca, Ana Sílvia Andreu da. II. Título.

CDU

502/504(81/82)

WEMERSON AUGUSTO DA SILVA PINHEIRO

**A INTEGRAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU E PARQUE NACIONAL  
IGUAZÚ E AS CONTRIBUIÇÕES DAS DUAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO  
PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Integração Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof. Dra. Ana Sílvia Andreu da Fonseca  
(ICAL-UNILA)

---

Prof. Dra. Angela Terumi Fushita  
(CTA-UFABC)

---

Prof. Dra. Luciana Mello Ribeiro  
(PPD-UNILA)

---

Prof. Dr. Felix Pablo Friggeri  
(ICAL-UNILA)

Foz do Iguaçu, março de 2026

## **AGRADECIMENTOS**

**À mainha, ao pain, minha família, Patrícia, Manu;**

**A minhas professoras e professores desta jornada, até hoje, de vida estudantil;**

**À minha orientadora, Ana Fonseca, por apresentar caminhos e possibilidades;**

**Aos profissionais dos Parques Nacionais do Iguaçu e Iguazú que me mostraram caminhos possíveis para a integração;**

**À Cibele, primeira mulher a assumir e gerir o Parque Nacional do Iguaçu como chefe, em mais de 80 anos de existência da unidade de conservação, por mostrar que, como as águas das Cataratas do Iguaçu, tudo flui;**

**Ao jornalismo, às e aos colegas jornalistas que me fizeram buscar conhecimento, respostas e informações para diversas indagações, embates, realidades e curiosidades;**

**Aos amigos e amigas desta caminhada entre os desafios da vida na fronteira.**

“Cachoeiras sem as águas  
é barranco torto, morto, tudo igual  
como correnteza sem barranco  
é apenas água a rolar”

Milton Nascimento e Lô Borges  
Clube da Esquina 2

## RESUMO

A pesquisa analisa os processos de integração, divulgação científica e educação ambiental entre o Parque Nacional do Iguaçu (Brasil) e o Parque Nacional Iguazú (Argentina), considerando seus planos de manejo e as práticas desenvolvidas por gestores, pesquisadores e comunidades do entorno. A análise parte do marco legal e institucional de ambos os países, incluindo o enquadramento internacional da IUCN e a condição de Patrimônio Natural Mundial reconhecida pela UNESCO, para compreender como se articulam estratégias de conservação, pesquisa de longa duração, educação ambiental e cooperação transfronteiriça. Metodologicamente, o estudo combina revisão documental (planos de manejo e legislações específicas) e entrevistas semiestruturadas com servidores/as e pesquisadores/as vinculados/as às duas unidades, identificando desafios e potencialidades na gestão compartilhada. Os depoimentos evidenciam dilemas relacionados à burocracia para circulação de equipes e compartilhamento de dados, mostram a fragilidade dos vínculos institucionais entre pesquisa e gestão e destacam a necessidade de ampliar a comunicação científica com as comunidades locais. Ao mesmo tempo, apontam avanços significativos e experiências inovadoras em educação ambiental, tanto no Brasil quanto na Argentina. Este estudo, caracterizado como pesquisa de campo, demonstra que os parques, embora enfrentem pressões políticas, turísticas, territoriais e institucionais, funcionam como laboratórios privilegiados para práticas de ciência aberta, integração regional e formação de acervos digitais de memória socioambiental.

**Palavras-chave:** Parques nacionais Iguaçu e Iguazú. Integração transfronteiriça. Educação ambiental. Comunicação e divulgação científica. Ciência aberta.

## ABSTRACT

The research analyzes the processes of integration, scientific dissemination, and environmental education between Iguaçu National Park (Brazil) and Iguazú National Park (Argentina), considering their management plans and the practices developed by managers, researchers, and surrounding communities. The analysis starts from the legal and institutional framework of both countries, including the international framework of the IUCN and the condition of World Natural Heritage recognized by UNESCO, to understand how strategies of conservation, long-term research, environmental education, and cross-border cooperation are articulated. Methodologically, the study combines documentary review of management plans and specific legislation with semi-structured interviews with staff members and researchers linked to both protected areas, identifying challenges and potentialities in shared management. The testimonies reveal dilemmas related to bureaucracy for the circulation of teams and data sharing, show the fragility of institutional links between research and management, and highlight the need to expand scientific communication with local communities. At the same time, they point to significant advances and innovative experiences in environmental education, both in Brazil and in Argentina. This field research demonstrates that the parks, although facing political, tourism, territorial, and institutional pressures, function as privileged laboratories for practices of open science, regional integration, and the formation of digital collections of socioenvironmental memory.

**Keywords:** Iguaçu and Iguazú National Parks. Cross-border integration. Environmental education. Scientific communication and dissemination. Open science.

## RESUMEN

La investigación analiza los procesos de integración, divulgación científica y educación ambiental entre el Parque Nacional do Iguaçu (Brasil) y el Parque Nacional Iguazú (Argentina), considerando sus planes de manejo y las prácticas desarrolladas por gestores, investigadores y comunidades del entorno. El análisis parte del marco legal e institucional de ambos países, incluyendo el encuadre internacional de la IUCN y la condición de Patrimonio Natural Mundial reconocida por la UNESCO, con el fin de comprender cómo se articulan las estrategias de conservación, investigación de larga duración, educación ambiental y cooperación transfronteriza. Metodológicamente, el estudio combina la revisión documental de planes de manejo y legislaciones específicas con entrevistas semiestructuradas a funcionarios e investigadores vinculados a ambas unidades, identificando desafíos y potencialidades en la gestión compartida. Los testimonios evidencian dilemas relacionados con la burocracia para la circulación de equipos y el intercambio de datos, muestran la fragilidad de los vínculos institucionales entre investigación y gestión y destacan la necesidad de ampliar la comunicación científica con las comunidades locales. Al mismo tiempo, señalan avances significativos y experiencias innovadoras en educación ambiental, tanto en Brasil como en Argentina. Este estudio, caracterizado como investigación de campo, demuestra que los parques, aunque enfrentan presiones políticas, turísticas, territoriales e institucionales, funcionan como laboratorios privilegiados para prácticas de ciencia abierta, integración regional y formación de acervos digitales de memoria socioambiental.

**Palabras clave:** Parques nacionales del Iguaçu y del Iguazú. Integración transfronteriza. Educación ambiental. Comunicación y divulgación científica. Ciencia abierta.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APN	Administración de Parques Nacionales
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IUCN	International Union for Conservation of Nature
NPS	National Park Service
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
APA	Área de Proteção Ambiental
RESEX	Reserva Extrativista
TBPA	Área Protegida Transfronteiriça

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1 PANORAMA GERAL: OS PARQUES NACIONAIS IGUAÇU E IGUAZÚ</b>	<b>18</b>
1.1 ENQUADRAMENTO LEGAL DOS PARQUES	24
1.2 SEGURANÇA NACIONAL E SOBERANIA	26
1.3 COLONIALISMO NA CRIAÇÃO DOS PARQUES DO IGUAÇU E IGUAZÚ	32
1.4 DISPUTAS SILENCIOSAS E A INFLUÊNCIA DO NORTE GLOBAL	35
1.5 COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA E A INTEGRAÇÃO	37
1.6 CONTRIBUIÇÕES ECOSSISTÊMICAS PARA A REGIÃO	43
1.7 E SE NÃO EXISTISSEM OS PARQUES NACIONAIS?	48
1.8 O PARQUE COMO SÍMBOLO DA VIDA	50
<b>2 PESQUISA, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL</b>	<b>61</b>
2.1 MARCOS CONCEITUAIS	62
2.2 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NOS PARQUES	68
2.3 PERFIL DOS/AS ENTREVISTADOS/AS	71
2.4 PROJETOS E INICIATIVAS CIENTÍFICAS NOS PARQUES	78
<b>3 ECOMUSEU VIRTUAL</b>	<b>84</b>
3.1 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA COM LINGUAGEM ACESSÍVEL	87
3.2 ESTRUTURAÇÃO DAS SEÇÕES DO ECOMUSEU VIRTUAL	90
3.3 JUSTIFICATIVA PARA VIABILIDADE E CAMINHOS PARA SUA CRIAÇÃO	91
3.4 DEFINIÇÃO CONCEITUAL: ECOMUSEU VIRTUAL OU OBSERVATÓRIO	93
3.5 CUSTEIO E MANUTENÇÃO	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO 01 - LISTA DE PESQUISAS PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU	107
ANEXO 02 - LISTA DE PESQUISAS PARQUE NACIONAL IGUAZÚ	138
ANEXO 03 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO ATILIO EMILIANO GUZMAN	160
ANEXO 04 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO DIEGO VARELA	161
ANEXO 05 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO JOSÉ MARIA HÉRVAS	162
ANEXO 06 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO JOSÉ ULISSES DOS SANTOS	163
ANEXO 07 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADA MARCELA STÜKER KROPF	164
ANEXO 08 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADA MARIA FLORENCIA BIONDI	165
ANEXO 09 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO MARIELE XAVIER	166
ANEXO 10 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO MARIUS BELLUCI	167
ANEXO 11 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO NEUCIR SZINWELSKI	168
ANEXO 12 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO ROGERIO OLIVEIRA SOUZA	169
ANEXO 13 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO YARA DE MELO BARROS	170

## INTRODUÇÃO

A região das Três Fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai – onde está sediado o Campus da Unila (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) e onde nasce esta pesquisa – abriga duas importantes áreas naturais de domínios nacionais, protegidas e estratégicas na América Latina: o Parque Nacional do Iguaçu, no lado brasileiro, e o Parque Nacional Iguazú, no lado argentino. Os dois são Patrimônios Mundiais tombados pela UNESCO e compartilham o desafio de proteger uma das poucas áreas remanescentes da Mata Atlântica e promover, ao mesmo tempo, o acesso público à visitação, a percepção e a conscientização ambiental, o pertencimento à comunidade local, valores que representam o lugar, relações com o território, pesquisa científica, entre outras funções sociais de um parque nacional. Os parques estão inseridos nos contextos históricos que constituem a América Latina. Conforme Quijano, os processos que ocorrem no continente conduzem à constituição de uma nova subjetividade, não apenas individual, mas também coletiva, configurando uma nova forma de intersubjetividade. Evidencia que os processos históricos originados na América não se limitam à reorganização econômica e política do sistema mundial, mas atuam de forma decisiva na constituição das formas de pensar, sentir e se relacionar socialmente (Quijano, 2000, p. 9).

Este trabalho tem como objetivo observar as dinâmicas de integração, divulgação científica e educação ambiental entre o Parque Nacional do Iguaçu (Brasil) e o Parque Nacional Iguazú (Argentina), e entre as duas unidades de conservação e a sociedade no entorno. Entende-se que a informação constitui um elemento estruturante da educação ambiental concebida como política pública. Conforme Sorrentino et al. (2005, p. 293), a educação ambiental deve “prover materiais instrucionais, que permitam o acesso à informação e ao conhecimento”, evidenciando que o acesso qualificado à informação é condição para a formação de sujeitos críticos e participativos. Os autores aprofundam essa perspectiva ao defenderem a produção e sistematização de informações sobre o território, ao propor que dados referentes às escolas, à flora, à fauna, ao clima e aos recursos hídricos do entorno e da microrregião sejam coletados de forma fidedigna, georreferenciados e organizados em resultados descritivos padronizados (Sorrentino et al., 2005, p. 293). Dessa forma, a informação deixa de ser apenas conteúdo e

passa a integrar o próprio processo pedagógico da educação ambiental, articulando conhecimento, território e participação social.

Igualmente, são identificados potenciais mecanismos para democratizar o conhecimento científico gerado nos e pelos parques. Para tanto, este trabalho aborda os referidos parques no Capítulo 1, trazendo o histórico e a legislação, os aspectos de segurança nacional, soberania e fronteiras, passando pelas áreas de contenção de impactos ambientais, suas comunidades vizinhas tradicionais e os desafios para a integração, bem como as disputas históricas e periódicas. No Capítulo 2, são observadas a pesquisa e a divulgação científica nos parques Iguazu e Iguazú, com pesquisa e entrevista sobre Educação Ambiental, projetos de referência histórica, diálogo com gestores e consulta a acervos históricos. No Capítulo 3, é apresentada a proposta de criação de um ecomuseu virtual, como possibilidade de divulgação científica dos parques e conhecimentos do território, com preocupação ambiental e popular, garantindo o acesso e a democratização de informações, de forma sistemática, permanente e gratuita.

### **Procedimentos metodológicos**

Metodologicamente, esta é uma investigação qualitativa que, por meio da consideração de documentos e textos históricos sobre os parques e da realização de entrevistas com gestores/as, pesquisadores/as e educadores/as ambientais que neles têm atuado, forma uma espécie de cartografia sobre a produção científico-cultural que envolve tais unidades de conservação. Tem, assim, um caráter tanto exploratório quanto descritivo (Gerhardt; Silveira, 2009), à proporção que busca se constituir como uma pesquisa de levantamento e organização de dados para que, se ou quando possível, sejam propostas iniciativas de divulgação científica e cultural. “A pesquisa de campo envolve a coleta direta de dados junto a sujeitos, articulando procedimentos bibliográficos e documentais com diferentes estratégias investigativas (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)” (Fonseca, 2002, apud Gerhardt; Silveira, 2009, p. 39).

Nesta pesquisa, foram realizadas entrevistas com gestores e educadores/as ambientais em atividade nos dois parques, bem como cientistas reconhecidos/as por investigações realizadas junto a essas unidades de conservação. Professores da Unila, incluindo a orientadora, e gestores dos parques colaboraram na definição de nomes de cientistas a serem entrevistados/as. As entrevistas abordaram três temas

transversais para todos/as entrevistados/as: 1) Integração entre os parques e deles com a comunidade do entorno; 2) Conhecimento e articulação com as pesquisas científicas; e 3) Educação ambiental e suas relações com os parques.

Os tipos de entrevistas seguiram as definições de Lage (2005, p. 33-34), sendo testemunhais, do ponto de vista dos objetivos, e dialogais, em termos de circunstâncias de realização, ou seja, são entrevistas semiestruturadas. As entrevistas testemunhais caracterizam-se como um “relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu”. Lage (2005, p. 33) completa que “esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas”. E quanto ao fato de serem entrevistas dialogais, conforme Lage (2005, p. 34), elas são as entrevistas por excelência. “Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limita a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.”

O trabalho foi estruturado em uma pesquisa qualitativa na forma, sobretudo, de pesquisa de campo (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 37-38), com entrevistas direcionadas aos setores de pesquisa, educação e gestão dos parques nos dois países. As entrevistas foram realizadas presencialmente com servidores públicos das instituições que gerem os parques, entre os meses de janeiro a julho de 2025. Também foram realizadas entrevistas com pesquisadores/as externos/as que atuam com projetos nas duas unidades de conservação, ou realizaram pesquisas de mestrado ou doutorado tendo o parque como objeto de estudo ou de relação. A partir dos temas transversais listados anteriormente, em todas as entrevistas foram abordados os seguintes tópicos: pesquisa científica, ligação da pessoa com os parques, trajetória de pesquisa nos parques, educação ambiental, integração e a percepção que a pessoa tem da produção e divulgação científica nos parques.

As entrevistas desta pesquisa foram realizadas em três formatos: presencial, vídeo chamada e questionário via e-mail.

As primeiras entrevistas foram realizadas presencialmente, com os dois chefes das unidades de conservação, com o intuito de coletar informações e apresentar o projeto para que pudessem manifestar acordo. Com José Ulisses, chefe do Parque Nacional do Iguaçu, a entrevista presencial ocorreu em 29 de janeiro de 2025, na sede do ICMBio, na cidade de Foz do Iguaçu, com duração de

duas horas. A entrevista com José Maria Hérva, chefe do Parque Nacional Iguazú, ocorreu no dia 11 de março, com duração de duas horas, na sede administrativa do Parque, localizada no centro de Puerto Iguazú. Na sequência das entrevistas presenciais, dia 19 de maio, foram entrevistados, por cerca de duas horas, os gestores que atuam no Parque Nacional do Iguazu, na sede do ICMBio, Marius da Silva Pinto Belluci e Rogério Oliveira Souza.

Durante o mês de junho de 2025, foram realizadas as entrevistas por vídeo chamada, com duração média de uma hora para cada, com os e as seguintes pesquisadores/as: Neucir Szinwelski, Marcela Kropf, Mariele Mucciato Xavier, Yara Barros e Diego Varella.

E, por último, foi enviado questionário via e-mail para Atilio Guzmán e Maria Florencia Biondi, que atuam na gestão do Parque Nacional Iguazú, durante o período de junho e julho de 2025.

### **Referencial teórico**

Esta pesquisa tem como referências as discussões acerca da educação ambiental, a integração latino-americana e os processos de colonização, na região e no continente, para situar os parques nacionais, objetos de estudo. A educação ambiental é entendida neste trabalho como política pública que busca fortalecer processos coletivos de organização, participação social, conhecimento e ampliação do poder político de parcelas majoritárias da população. Uma educação articuladora de construção da cidadania, justiça ambiental e de democratização do acesso aos bens naturais, configurando-se como um instrumento fundamental para a reorientação das relações entre sociedade, natureza e Estado. De acordo com Sorrentino et al. (2005, p. 287): “Vivemos processos de exclusão nos quais há uma ampla degradação ambiental socializada com uma maioria submetida, indissociados de uma apropriação privada dos benefícios materiais gerados.”

Para dialogar sobre os parques de fronteira, a pesquisa se debruça sobre o estudo de Kropf (2014), “Ultrapassando Fronteiras na Gestão da Biodiversidade: o caso dos Parques Nacionais do Iguazu (Brasil) e Iguazú (Argentina)”, paralelamente à análise de documentos e às entrevistas realizadas sobre o tema, o que será desdobrado mais à frente. E as discussões referentes ao colonialismo no continente, que influenciou as bases para a criação e lógica de funcionamento dos parques nacionais, são subsidiadas pelas perspectivas teóricas de Quijano (2005), Orlando

Fals Borda (2015), Walsh (2009), Maldonado-Torres (2007). Os conceitos de “segurança nacional” e “políticas de segurança”, que serviram de argumentos para os documentos governamentais que deram origem aos parques, são analisados com pensamentos de Leal (2003), Cepik (2005) e Hirst (1988).

Paralelo aos estudos das referências bibliográficas, foi realizada uma análise minuciosa nos atos e documentos de constituição dos dois parques, que demarcam as datas, influências, argumentos e justificativas para a criação, ampliação e estruturação das duas unidades de conservação sul-americanas.

Esta pesquisa apresenta uma contribuição, que é uma proposta para a criação de um ecomuseu virtual, como possibilidade de democratização de informações relacionadas às pesquisas realizadas com temáticas que envolvem os dois parques. A criação de um espaço digital desse tipo tem como referência teórica Beiguelman (2019; 2020), que trata da memória no ambiente e dos acervos digitais como arquivos vivos, em constante transformação, atravessados por disputas de poder.

Como jornalista e pesquisador focado na democratização da informação, ciência aberta, digitalização de acervos de impressos e criação de espaços virtuais de memórias da imprensa, acredito que a divulgação científica, como uma visão de comunicação popular e sistemática, no sentido permanente, contribui para a maior relevância da integração binacional dos parques e integração regional, que também é o propósito do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL), na Unila, onde esta pesquisa está vinculada. A efetivação da integração passa pela percepção das pessoas que moram no entorno e o grau de conhecimento que possuem destes lugares, seguido pelas pessoas que visitam estes lugares física ou virtualmente.

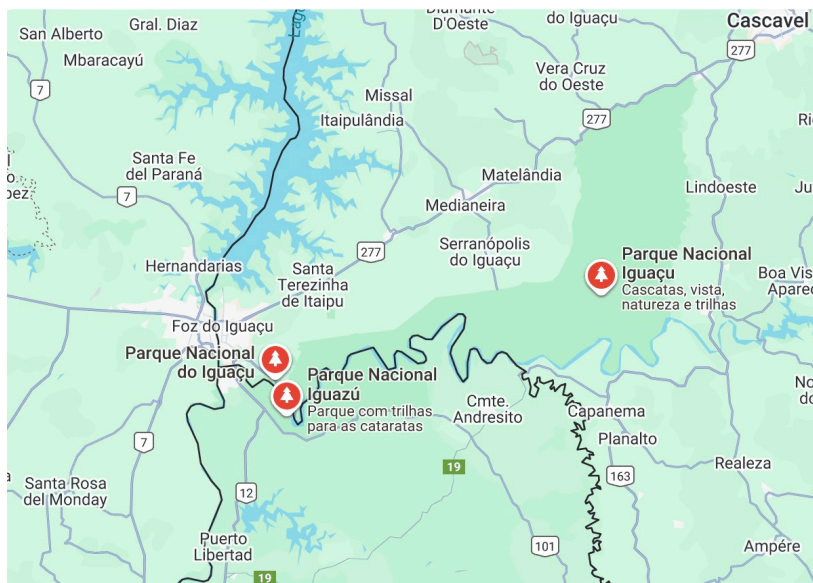
Durante 18 anos, trabalhei no setor de imprensa da concessão pública responsável pela gestão da visitação turística do Parque Nacional do Iguaçu. Vi e ouvi, de todos os gestores que atuaram na chefia da unidade, a necessidade de valorizar as relações culturais, sociais, a biodiversidade e tudo que envolve a riqueza visível e invisível do parque, para além da seca, da cheia e dos espetáculos das águas. Como trabalhador da área de comunicação e imprensa, coloquei como um desafio de carreira profissional conceber produções valorizando e narrando as surpresas, as descobertas, as relações humanas, os sonhos envolvidos e entrelaçados nesse lugar. Passados estes anos, o desafio permanece. Apesar de os

locais abrigarem riquezas imensuráveis para a humanidade, a região e a natureza em geral, muitas pessoas desconhecem e não entendem a importância desses lugares para a vida da própria região e, conseqüentemente, a história desse território. Ao longo desta pesquisa, serão desdobrados, por meio de leitura de documentos históricos e entrevistas com profissionais envolvidos com os parques, possíveis motivos para o conhecimento e o desconhecimento por parte significativa da população sobre assuntos tratados em pesquisas e, também, a forma com a qual as pessoas se relacionam com esses lugares.

## 1 PANORAMA GERAL: OS PARQUES NACIONAIS IGUAÇU E IGUAZÚ

Para desdobrar o estudo, é preciso adentrar os parques e situar o território da pesquisa, o que será feito a seguir.<sup>1</sup>

O Parque Nacional do Iguaçu, localizado no Oeste do Paraná, Brasil, na fronteira com a Argentina, foi criado no ano de 1939 e é administrado pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), órgão público federal vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) que integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama). O parque possui uma extensão de 185 mil hectares, abrangendo a área de 14 cidades do estado do Paraná (ICMBIO, s/d), são elas: Capitão Leônidas Marques, Capanema, Céu Azul, Foz do Iguaçu, Lindoeste, Matelândia, Medianeira, Ramilândia, Santa Lúcia, Santa Tereza do Oeste, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Serranópolis do Iguaçu e Vera Cruz do Oeste.



**Imagem 1:** Parque Nacional Iguaçu (ao Sul do Rio Iguaçu) e Parque Nacional do Iguaçu (ao Norte do Rio Iguaçu), ambos à direita do Rio Paraná (em Guarani: “rio que parece mar”). Iguaçu, por sua vez, significa “água (y) grande (guaçu)”. Fonte da imagem: Google Maps

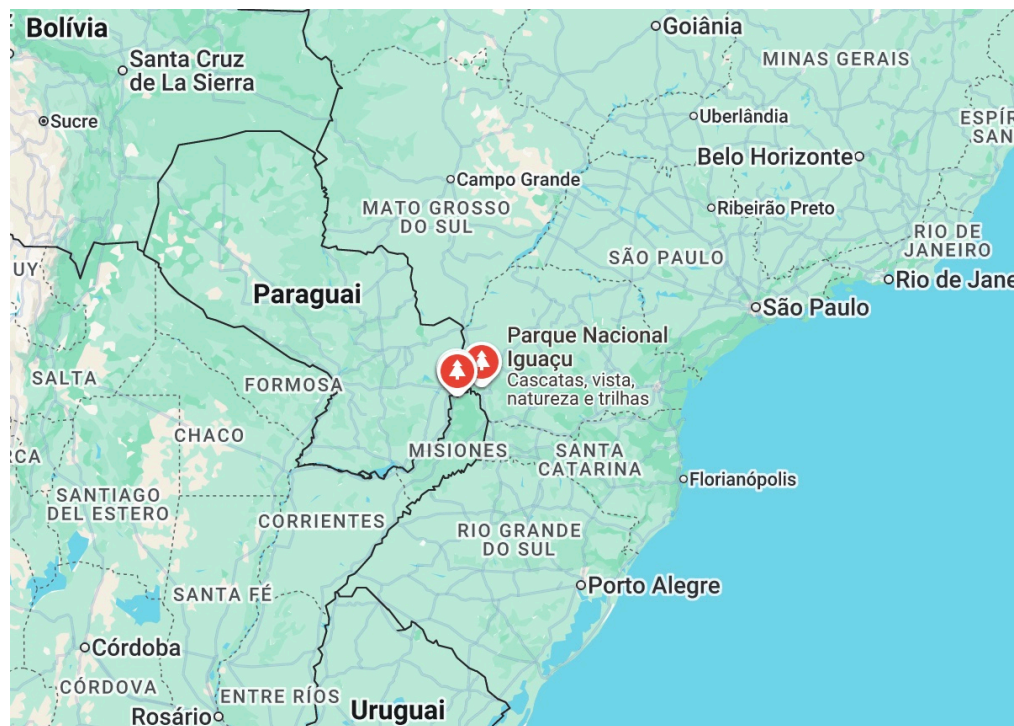
<sup>1</sup> Neste estudo, será adotado o termo Três Fronteiras para se referir às fronteiras entre Argentina, Brasil e Paraguai. Há outros termos utilizados, porém não fazem relação com esta proposta. É o caso dos conceitos: Tríplice Fronteira, utilizado pela imprensa internacional e nacional para localizar a região em temas como geopolítica e segurança; Região Trinacional, utilizado nos últimos anos por instituições comerciais, associações e projetos entre os países; e o termo Três Fronteiras, entre eles, o mais falado e utilizado pelas pessoas que vivem na região, como o “na fronteira” – embora sejam três países ou três fronteiras, os moradores das cidades dos três países costumam dizer que vivem “na fronteira”. É neste território que se localizam os dois parques nacionais sobre os quais este estudo dialoga.

Já o Parque Nacional Iguazú está situado ao norte do estado de Misiones, Argentina, na fronteira com o Brasil. A unidade foi criada cinco anos antes do parque brasileiro, em 1934, e é administrada pela APN (Administración de Parques Nacionales), instituição pública responsável por gerenciar as áreas protegidas (AP), subordinada ao governo federal da Argentina. O parque argentino possui uma extensão de 67.698 hectares, e sua área de visitação pública está a 17 km do centro de Puerto Iguazú, cidade vizinha a Foz do Iguaçu, no Brasil. A unidade de conservação argentina abrange as cidades de Puerto Iguazú e Comandante Andresito.

Embora o parque argentino seja mais de 100 mil hectares menor que o brasileiro, concentra 80% das Cataratas do Iguaçu (Lima, 2019, p. 136), algo muito simbólico para quem visita os parques. No entanto, apesar de ter uma área oficialmente menor, o Parque Nacional Iguazú está ligado ao Parque Provincial Urugua-í, que é a maior área protegida em Misiones, que possui 84 mil hectares. Está localizado entre as cidades argentinas de Comandante Andresito, San Antonio e Bernardo de Irigoyen e faz divisa a sudeste do Parque Nacional Iguazú. Essa região integra o Corredor Verde, uma área de cerca de 1 milhão de hectares, segundo o Ministerio de Ecología y Recursos Naturales Renovables de Misiones (2025), já que a norte o Parque Nacional Iguazú se encontra com os Parques Provinciales Yacuí e Urugua-í e o Parque Nacional do Iguaçu do Brasil; a leste, com a Reserva da Biosfera Yabotí, Parques Provinciales Esmeralda e Moconá; e, ao sul, com os Parques Provinciales Salto Encantado e Vale do Cuña Pirú.

Dada a importância dessas duas unidades de conservação (Iguaçu e Iguazú) para a biodiversidade e a integração latino-americana, que juntas conservam milhares de espécies, é fundamental garantir e manter sua beleza estética (cênica) e a conservação *in situ* da diversidade biológica, incluindo “espécies ameaçadas de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação”, conforme defende a Unesco (Iphan, s/d) e o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Embora unidades de conservação desse tipo mantenham controle sobre o fluxo humano, em quantidade de indivíduos e tempo de permanência, limitando a interação humana com o espaço e suas práticas culturais (Diegues, 2001), são áreas de grande intercâmbio. Anualmente, as duas unidades são visitadas por pessoas de 190 nacionalidades – um público que sente e enxerga nos parques espaços conservados e simbólicos, muitas vezes destacando a

singularidade das experiências vivenciadas. Do mesmo modo, pesquisadores realizam estudos sobre as unidades, ou as unidades são citadas como referências para distintos temas, como conservação, ecologia, proteção, binacionalidade, ativação territorial, turismo, comunidades locais, desenvolvimento regional, entre outros temas.



**Imagem 2:** ambos os parques em contextualização geográfica no Cone Sul, ao sul do Trópico de Capricórnio. Google Maps.

Apesar da proximidade geográfica e das semelhanças, desde ecológicas à forma como são geridas as duas unidades de conservação, da beleza cênica e sua feição singular da natureza, à importância ecológica, cultural e simbólica deste “parque binacional” e seu posicionamento estratégico na geopolítica do continente, há desafios para a integração entre os parques, entre eles e a comunidade local, e entre os parques e seus visitantes. Juntos, os visitantes das duas unidades somam aproximadamente 4 milhões de pessoas que, por ano, têm a oportunidade de visitar, visitar ou conhecer pela primeira vez na vida um parque nacional. A visita pública é a principal ferramenta de contato físico e de conhecimento das pessoas com os parques e é, portanto, um meio de percepção, que pode ser utilizado para a

educação ambiental, resguardando todas as limitações e dispersões que envolvem as experiências do turismo de massa nas pessoas.

Importante destacar que nenhuma paisagem está isenta de conflitos ambientais e decisões políticas. A própria opção por delimitar uma área natural para mantê-la o mais intocada possível, reservando à sociedade humana e suas máquinas um trecho para visitação, experiência e percepção ambiental, é uma decisão política e exige complexa administração dos sistemas públicos e das concessões ao longo das décadas. Até mesmo a percepção do valor c nico dos patrim nios naturais é modificada ao longo do tempo e exige atualização da gestão. Estudos de relatos sobre as Cataratas do Iguaçu demonstram que a imagem que se faz das paisagens   transformada pelo tempo, assim como os próprios conceitos de "paisagem" e "natureza" (Karpinski; Vieira, 2020). Afinal, "a paisagem não é a região, mas certa maneira de v -la ou figura-la como 'conjunto' perceptiva e/ou esteticamente organizado: ela jamais se encontra somente *in situ*" (Furegatti, 2023, p. 49), mas também em suas representações, nas memórias, nos afetos.

Ao trazer para a discussão sobre paisagem o geógrafo sino-americano Yu-Fu Tuan, Sylvia Furegatti (2023, p. 53) lembra que "espaço, meio ambiente, lugar e experiência são os elementos fulcrais de suas investigações que o conduzem à elaboração do conceito de 'topofilia', conjunto de atitudes ou sistema de crenças que produzem elos afetivos entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico". E esses elos, por serem ao mesmo tempo objetivos e subjetivos, são constantemente transformados por fatores igualmente objetivos e subjetivos. Enquanto Karpinski e Vieira (2020) tratam, dentre outras, da percepção c nica, paisagística, dos patrim nios naturais, Furegatti (2023) destaca a experiência e a representação, ambas do universo do sensível, em relação   nossa percepção ambiental.

De qualquer modo, a construção da paisagem, em relatos reais ou ficcionais, em registros documentais ou artísticos,   ao mesmo tempo est tica e política (Soares, 2020). Em termos de documentação, de formação de um acervo para conservação e disponibilização de pesquisas, produções artísticas e narrativas ou relatos dos referidos parques, o desafio começa no levantamento, sobretudo por pesquisas ocultas ou não mais disponíveis, passa pela multimidialidade de seus suportes (papel, foto, audiovisual, arquivos digitais dos mais diversos tipos, relatos orais) e nos métodos de disposição/exposição desse material. O caráter interdisciplinar dos ecomuseus   uma via possível para registro, mediação e acesso

à informação de patrimônios naturais (Lemos; Karpinski, 2020). Nesse sentido, esta pesquisa oferece, no capítulo 3, uma proposta de ecomuseu virtual das duas unidades de conservação, como forma de contribuição para a democratização da informação sobre os parques. A possibilidade de um ecomuseu surgiu exatamente da percepção, a partir desta pesquisa, de falta de uma instância com esse fim.

Os riscos das mudanças climáticas exigem ações em comum para proteção ambiental, de memória e garantia de vida às sociedades humanas e não-humanas. Para Maretti (2019), “áreas protegidas são o melhor instrumento que a humanidade já inventou para a conservação da natureza”. Embora recentes pesquisas tenham demonstrado que a presença humana pode ser um fator de conservação e de aumento da biodiversidade, como no caso da Amazônia, em áreas de forte pressão urbana, do turismo de massa e do agronegócio, a afirmação de Maretti faz mais sentido. O autor refere-se ao contexto atual, baseado na lógica da expansão de áreas para habitação e outros empreendimentos, reduzindo as áreas naturais. É o caso da região Oeste do Paraná, em que o parque faz divisa em sua maior parte com rodovias e propriedades rurais baseadas na monocultura, com exceções de pequenas propriedades, que mantêm atividades e relações com o parque. Neste cenário, o parque, com todos os questionamentos que se possam fazer, mantém uma área resguardando sua biodiversidade, garantindo sua conservação.



**Imagem 3:** lavouras de monoculturas cercam e pressionam a biodiversidade do Parque Nacional do Iguaçu, região de Serranópolis do Iguaçu. Crédito da fotografia: Marcos Labanca

Na América Latina e Caribe, o total de áreas conservadas representa cerca de 23% dos ambientes terrestres e 13% de ambientes marinhos (Maretti, 2019). Os

números parecem altos, mas não fazem frente à realidade latino-americana: a região com maior biodiversidade do mundo, além de sua diversidade social e cultural, necessita de mais proteção.

Com o olhar da paisagem da memória (Portz, 2002), a pesquisa mergulha na história dos parques, buscando compreender a concepção dessas áreas, seus interesses, conflitos e objetivos, muitas vezes inebriados pela feição cênica das Cataratas. Trata-se da imagem que as pessoas guardam e da qual se orgulham ao afirmar que visitaram as Cataratas ou o parque das Cataratas, como costumam denominar.

Importante destacar que os parques nacionais são lugares onde a vida selvagem encontra plenitude e onde a beleza natural transforma a experiência das pessoas em momentos sensíveis, educativos, únicos e políticos, como o caso de Iguaçu e Iguazú. As pessoas, quando estão nestes parques, fazem homenagens, lembram de pessoas que já partiram, lembram de suas essências, vínculos familiares e trajetórias de vida. Isto não está nos livros. Para constatar tal experiência, basta uma visita aos parques. As pessoas não são as mesmas após visitarem os parques. Iguaçu e Iguazú são territórios que nos lembram da finitude da natureza, da finitude da vida, ao mesmo tempo que mostram à humanidade a capacidade e força regeneradora da natureza, como ensinam os povos ancestrais. Os parques Iguaçu e Iguazú são, para o mundo, entre tantas possibilidades, lugares de saberes científicos e vivência poética para as pessoas próximas e distantes, para pessoas que se ligam com a natureza local fisicamente e também para aquelas que estão ligadas virtualmente por apenas uma fotografia, um vídeo, uma mensagem ou lembrança.

Esta pesquisa entende que contribuir para a integração dessas instituições representa não apenas uma prática de gestão transfronteiriça, mas também uma iniciativa simbólica e prática para os países latino-americanos cooperarem em torno de uma agenda socioambiental e cultural comum. Há um repertório cultural local único entre estas duas unidades de conservação que, com organização e por meio da divulgação científica e cultural, pode ser uma referência nos esforços de integração, atraindo moradores e visitantes para conhecer diferentes perspectivas dos parques.

É diante da crescente degradação ambiental, da intensificação do turismo de massa, da desinformação em escala global e das mudanças climáticas, que as

iniciativas de comunicação científica e educação ambiental desempenham um papel ainda mais estratégico na mobilização e na construção de novas formas de interação com a natureza. Mas, embora os parques tenham uma importância científica, cultural, social e política, e embora existam estudos que tratam de sua comunicação científica e da educação ambiental, percebe-se uma falta de integração entre os parques e a comunidade, conforme relatos e dados que serão apresentados a seguir.

## **1.1 ENQUADRAMENTO LEGAL DOS PARQUES**

Há muitas histórias a serem contadas sobre os parques nacionais Iguazu e Iguazú, há fatos e informações importantes para as duas unidades, há lendas de ambos os lados, há muita ciência produzida pelas equipes dos parques e por pesquisadores externos, porém, há um discurso dominante de parte significativa da população que “diz” que os parques são apenas as Cataratas do Iguazu, em Português, e Cataratas del Iguazú, em Espanhol. Há desdobramentos desta imagem na memória de visitantes de todo o mundo e, até, nos moradores que dizem que as “Cataratas são nosso quintal.” As pessoas dizem que visitaram as Cataratas, e não que visitaram os parques nacionais. Isto tem relação com o modo como os parques nacionais foram concebidos, criados, pensados, formados e geridos, de suas fundações até os dias atuais. Para entender a percepção ambiental, pública e cultural que as pessoas possuem dos parques nacionais do Iguazu e Iguazú, é preciso fazer um resgate dos objetivos dos governos do Brasil e Argentina, de como pensavam e planejavam, entre os anos 1900 a 1940, período de criação de ambos os parques. Como parte do objetivo da integração latino-americana, compreender os interesses que levaram à criação do Parque Nacional do Iguazu e do Parque Nacional Iguazú pode ajudar a entender as relações históricas com esses espaços simbólicos na região.

O Parque Nacional Iguazú, Argentina, foi o primeiro a ser criado, no ano de 1934, pelo presidente Agustín Pedro Justo, que governou a Argentina no período de 1932 a 1938. O Parque Nacional do Iguazu foi criado no ano de 1939, cinco anos depois, pelo presidente Getúlio Vargas, no Estado Novo (1937–1945). Nesse período, tanto Brasil quanto Argentina buscavam povoar e ocupar lugares

estratégicos de seus territórios, e sinalizavam para a consolidação de feitos grandes e impactantes.

Antes do resgate histórico, é necessário conceituar que estes territórios também são impactados pela International Union for the Conservation of Nature (IUCN), que é o principal organismo internacional encarregado da determinação de categorias de administração de áreas protegidas, amplamente reconhecidas como referência global. Os Parques Nacionais do Iguaçu (Brasil) e Iguazú (Argentina) estão classificados na Categoria II da IUCN. O que isso significa? Significa que ambos os parques nacionais constituem áreas destinadas à conservação da biodiversidade, espaços abertos à visitação pública, à pesquisa científica e à educação ambiental (IUCN, 1994). Apesar de a organização apresentar a diretriz conceitual internacional para a categorização de zonas protegidas, a responsabilidade pela implementação e execução dessas classificações compete às legislações nacionais em seus respectivos territórios.

Na Argentina, o enquadramento é efetuado pela Administración de Parques Nacionales (APN), fundamentando-se na Lei n.º 22.351/1980, que versa sobre Parques Nacionais, Monumentos Naturais e Reservas Nacionais. A legislação também evidencia a presença do setor de Reserva Nacional (Categoria VI) e da Reserva Natural Estricta (Categoria Ia), refletindo distintos níveis de proteção e manejo dentro da mesma unidade, no caso de Iguazú. No território brasileiro, o entendimento e a implementação das categorias de manejo de unidades de conservação são regidos pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), estabelecido pela Lei n.º 9.985/2000 e normatizado pelo Decreto n.º 4.340/2002. O SNUC categoriza as unidades de conservação em grupos e categorias específicas, como Parque Nacional, Área de Proteção Ambiental, Estação Ecológica, Reserva Biológica, Floresta Nacional, entre outros. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é responsável pela implementação da política nacional e pela administração das unidades de conservação federais. No que diz respeito aos parques nacionais, reconhece a compatibilidade entre a categoria brasileira de Parque Nacional e a Categoria II da IUCN.

## 1.2 SEGURANÇA NACIONAL E SOBERANIA

A Argentina buscava, por meio da criação do Parque Nacional Iguazú, o sublime nacional, a grandeza argentina, e reafirmar sua soberania, como destaca Piglia (2012). O primeiro diretor da Dirección Nacional de Parques (DNP), organização criada no ano de 1934 para gerir os parques nacionais na Argentina, foi Ezequiel Bustillo, que tinha a preocupação do “desenvolvimento atrelada à soberania e segurança nacional”.

El proyecto de Bustillo para la región se completaba con la creación y urbanización de una serie de villas turísticas destinadas a residencias de veraneo de la elite. Las villas debían promover el desarrollo económico, dinamizando el turismo en todo el parque, y, a la vez, convertirse en poblaciones base que permitieran reafirmar la soberanía argentina, en áreas fronterizas consideradas peligrosamente “vacías” (Piglia, 2012, p. 64).

Seguindo essa preocupação com a soberania nacional argentina, Scarzanella (2002) frisa a corrida pela segurança e a proteção de território, por meio dos parques nacionais.

El segundo parque que se creó en Argentina fue el de Iguazú. En 1902 el arquitecto paisajista Carlos Thays recibió el encargo de estudiar el área. También este parque se encontraba en una zona limítrofe: la creación de una colonia militar brasileña impulsó al gobierno argentino a hacer lo mismo. Durante el gobierno de Alvear (1922-1928), se expropiaron 75.000 hectáreas, base para un futuro parque, puesto bajo la égida del Ministerio de Guerra (Scarzanella, 2002, p.4).

No Brasil, as preocupações e interesses guardam similaridades. Além da beleza cênica e importância da área para a conservação da biodiversidade, a área da fronteira entre o Brasil e a Argentina era estratégica para o governo federal, como destaca Gente (1989). Durante seu governo, Getúlio Vargas buscou a ocupação do território por meio do projeto geopolítico conhecido como Marcha para o Oeste, que consistia na colonização por intermédio de colônias agrícolas. A União tinha como objetivo impedir a aquisição dessas terras por estrangeiros. Mais tarde, essas propriedades foram indenizadas para ampliação nos limites dos parques nos dois

países, como será apresentado na sequência, conforme registram os planos de manejo do Brasil (2018) e Argentina (2017).

Na tabela, por mim elaborada, estão organizados os principais marcos para a concretização dos parques nas fronteiras entre Brasil e Argentina.

**Tabela 1:** Marcos históricos de referência com base nos interesses nacionais e de soberania dos países. Período da concepção à criação dos parques nacionais do Iguazu e Iguazú.

<b>Parque Nacional do Iguazu (Brasil)</b>	<b>Parque Nacional Iguazú (Argentina)</b>
<b>1876</b> – Engenheiro Rebouças propõe a criação do Parque Nacional do Iguazu, inspirado no Yellowstone (EUA).	<b>1872</b> – Influência do Parque Nacional de Yellowstone (EUA) para a criação do sistema de parques argentinos.
<b>1916</b> – A pedido de Santos Dumont, o governo estadual transformou as terras ao redor das Cataratas em área pública.	<b>1889</b> – Arbitramento entre Brasil e Argentina, com litígio decidido pelo presidente dos EUA, Stephen Grover Cleveland.
<b>1916</b> – Decreto nº 653 do estado do Paraná declara a área de interesse público.	<b>1900</b> – Governo argentino solicita ao Senado lei para proteger as Cataratas.
<b>1916</b> – Jesús Val, fazendeiro uruguaio, tem sua propriedade declarada de utilidade pública e é indenizado.	<b>1902</b> – “Primera Excursión de Turistas al Iguazú” com cientistas alemães, organizada pelo governo.
<b>1930</b> – Decreto nº 2.153 amplia a área desapropriada para cerca de 3.300 hectares.	<b>1928</b> – Lei nº 6712 indica o território para formação de parque e colônia militar.
<b>1939</b> – Decreto nº 1.035, assinado por Getúlio Vargas, institui o Parque Nacional do Iguazu.	<b>1934</b> – Lei nº 12.103 cria o Parque Nacional Iguazú, sem distinção de limites com a colônia militar.
	<b>1934</b> – Lei nº 12.103 também institui a Direção Nacional de Parques (DNP), inspirada na essência do modelo norte-americano de gestão de parques.

**Fonte:** Planos de Manejo dos Parques (ICMBio, 2018; APN, 2017). Tabela organizada pelo autor.

O governo Vargas instituiu um conjunto de leis demonstrando preocupação com as fronteiras, a soberania e o território nacional. Nesse arcabouço estão as leis 38/1935 e 136/1935 e os decretos-leis 431/1938 e 4.766/1942, que resumidamente tratam dos crimes militares e contra a segurança do Estado, e deram subsídios para a Constituição de 1937, regulamentada pelo Decreto-Lei n.º 1.968, de 17 de janeiro de 1940, que estabeleceu que “as concessões de terras na faixa de cento e cinquenta quilômetros ao longo da fronteira do território nacional somente poderão ser feitas mediante prévia audiência do Conselho de

Segurança Nacional” (Brasil, 1940). Neste período, exatamente no dia 10 de janeiro de 1939, o presidente Getúlio Vargas criou o Parque Nacional do Iguaçu com o Decreto-Lei nº 1.035.

Um recorte histórico do naturalista Carlos Burmeister chama a atenção para olhar muito além da natureza. O viajante, como também era conhecido, visitou a região em 1897, anos antes da formalização das unidades, e no livro de 1889, intitulado *Memoria sobre el territorio de Misiones por el naturalista viajero Carlos Burmeister*, narra-se que a preocupação estava muito além do ambiental, tanto do governo brasileiro quanto do argentino. De acordo com Burmeister (1899), a criação do Parque Nacional Iguazú, na Argentina, teve como motivação, além da natureza, garantir soberania e definições de território, após a mediação do governo norte-americano de Cleveland, em 1895. E, em sua viagem à região, o naturalista registrou o movimento do Exército Brasileiro, na cidade de Foz do Iguaçu, com a instalação de uma colônia militar e um projeto de formação de uma área de parque. O naturalista Burmeister encontrou em uma placa afixada em uma árvore as informações do nome do capitão do Exército Brasileiro “*Edimundo Barros*”, que assinava o documento visual. O resultado da expedição repercutiu no meio militar argentino, e no ano de 1909 foi elaborada a Lei n.º 6712, que cria o território para formação de um parque e uma colônia militar. Nesse ano, foi desapropriada, com base na legislação argentina, uma área de 75 mil hectares para criação de um futuro parque e de uma colônia militar para proteger suas fronteiras (Argentina, 1909).

A movimentação brasileira na cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, instigou o governo argentino. De acordo com Scarzanella (2002), o governo argentino estava preocupado com a defesa militar e criar o Parque Nacional Iguazú seria uma forma rápida de decretar área de interesse nacional e cercar de todos os cuidados necessários a área.

Do lado brasileiro, conforme aponta o historiador paranaense Ruy Christovam Wachowicz, no livro *Obrageros, mensus e colonos*, de 1987, o objetivo do governo foi muito além de criar apenas um parque, existia uma estratégia de segurança da região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai) pelo governo de Getúlio Vargas. De acordo com Wachowicz (1987), o impulso para a criação do Parque Nacional do Iguaçu esteve mais ligado à consolidação da fronteira nacional do que às questões ambientais.

**Tabela 2:** Histórico de decretos e leis que ampliam a presença dos governos do Brasil e da Argentina na fronteira entre os dois países

<b>Parque Nacional do Iguaçu (Brasil)</b>	<b>Parque Nacional Iguazú (Argentina)</b>
<b>1944:</b> decretos 6.506, 6.587 e 6.664 ampliam consecutivamente as áreas do Parque Nacional do Iguaçu.	<b>1941:</b> Decreto 100.133 indica a diferenciação do povoado de Puerto Aguirre do Parque Iguazú, diferenciando o Parque Iguazú e a colônia militar.
<b>1967 a 1978:</b> levantamento, retirada de comunidades do parque e desapropriação dos antigos moradores.	<b>1970:</b> Lei n.º 18.801 declara como reserva nacional a zona oeste do parque (área das Cataratas).
<b>1981:</b> decreto assinado pelo presidente João Figueiredo reorganiza os limites do parque, incluindo o leito do Rio Iguaçu e as ilhas ali existentes, e exclui uma área de cerca de 1.400 ha, no extremo-norte do parque, onde foi criada a cidade de Santa Tereza do Oeste.	<b>1972:</b> Lei n.º 19.478 regulamenta ajuste dos limites dos 67 mil km divididos entre a reserva nacional e o parque nacional.
<b>1986:</b> Parque Iguaçu recebe título de Patrimônio Mundial Natural (Unesco).	<b>1984:</b> Parque Iguazú é incluído na lista de Patrimônio Mundial Natural (Unesco).

**Fonte:** Plano de Manejo dos Parques (ICMBio, 2018; APN, 2017). Tabela organizada pelo autor.

Na sequência, serão analisados trechos do texto das leis e decretos nacionais para criação dos parques, como os termos ambíguos, que demonstram objetivos distintos, como: interesses geopolíticos, soberania, defesa nacional, turismo, arrecadação centralizada para as capitais dos países e preservação.

### **Documento de fundação do Parque Nacional Iguazú, Argentina:**

O Parque Nacional Iguazú, situado ao norte da província (estado) de Misiones, Argentina, na fronteira com o Brasil, foi criado no ano de 1934, com a Ley n.º 12.103/1934, conforme o plano de manejo da unidade argentina.

Los objetivos de creación del PNI no se mencionan explícitamente en la ley de creación del PNI, pero cita que podrá declararse parques o reservas nacionales a aquellas porciones del territorio de la Nación, que por su extraordinaria belleza, o en razón de algún interés científico determinado, sean dignas de ser conservadas para uso y goce de la población de la República (Argentina, 1934).

O documento que cria o parque argentino traz em sua “certidão de nascimento” uma missão de geopolítica, de soberania e de desenvolvimento de áreas de fronteira e periferia.

De la ley, el equipo planificador interpreta que la creación responde originalmente a la preservación de valores paisajísticos de las Cataratas del Río Iguazú y como elemento estratégico para la geopolítica nacional. Esta acción permitiría la reafirmación de la soberanía y el desarrollo de áreas de frontera y periféricas, instrumentadas a través del fomento del turismo (Argentina, 1934).

O Parque Nacional Iguazú, antes da lei de criação, durante e depois, segue sendo regido pela lei de parques nacionais, que até o presente tem 18 alterações (Argentina, s/d). Entre elas, vale um olhar atento sobre o Decreto n.º 100.133, que fixa os limites do Parque Nacional Iguazú e exclui áreas de domínio público.

Decreto n.º 100.133. Fijándose los límites del Parque Nacional del Iguazú y excluyendo del dominio público 500 Hs., para el trazado del pueblo Puerto Aguirre. Buenos Aires, 18 de Septiembre de 1941. En uso de las atribuciones conferidas por el artículo 5.º del Estatuto de la Revolución Argentina (Argentina, 1941).

O olhar sobre a localidade e a preocupação territorial, inclusive o que será parque e o que não será, também aparece no artigo da Ley n.º 22.351. O governo busca reafirmar a soberania e a defesa nacional com a criação do parque, entre outras contribuições e propósitos, alinhados entre o governo federal, militares e áreas de meio ambiente, entre alas governistas.

De acuerdo a la Ley N.º 22.351, se considera PN a las áreas a conservar en su estado natural, que sean representativas de una región fitoogeográfica y tengan gran atractivo en bellezas escénicas o interés científico, las que serán mantenidas sin otras alteraciones que las necesarias para asegurar su control, la atención del visitante y aquellas que correspondan a medidas de Defensa Nacional adoptadas para satisfacer necesidades de Seguridad Nacional (Argentina, 1980).

### **Documento de fundação do Parque Iguazu, Brasil**

O Parque Nacional do Iguazu, localizado no Oeste do Paraná, Brasil, na fronteira com a Argentina, foi criado em 1939 com o Decreto-Lei n.º 1.035, de 10 de

janeiro. O documento intitulado “Cria o Parque Nacional do Iguassú e dá outras providências” se baseia no artigo 134 da Constituição, que coloca sob a proteção e cuidados especiais da nação, dos estados e dos municípios os monumentos históricos, artísticos e naturais, assim como as paisagens ou os locais particularmente dotados pela natureza.

Após cinco anos da criação do parque argentino, o governo brasileiro, que já estava fazendo estudos na região, decreta a criação do Parque Nacional do Iguaçu, com redação mais branda, informando e justificando o feito pelas terras, a flora, a fauna, as belezas naturais, o turismo, e que o parque estaria sobre os cuidados do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, o qual ficaria com os módicos valores oriundos da visita dos “excursionistas”, referindo-se a um lugar distante e buscado por desbravadores, na época.

Art. 1º Fica criado, junto às Cataratas de Iguassú, o Parque Nacional do Iguassú, subordinado ao Serviço Florestal do Ministério da Agricultura. Art. 2º A área do Parque será fixada depois do indispensável reconhecimento e estudo da região. Art. 3º As terras, a flora, a fauna e as belezas naturais, na área a ser demarcada, ficam sujeitas ao regime estabelecido pelo Código Florestal aprovado pelo Decreto nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934. Art. 4º A administração do Parque e os demais trabalhos a ele afetos serão exercidos por funcionários do Quadro único do Ministério da Agricultura e por pessoal extranumerário admitido na forma da legislação em vigor. Art. 5º O Presidente da República baixará Regulamento para o Parque Nacional do Iguassú, no qual serão reguladas a entrada e permanência de excursionistas e estabelecidas taxas módicas de acesso à permanência. Art. 6º A renda arrecadada pela administração do Parque será recolhida aos cofres públicos, na forma da legislação em vigor. Art. 7º Revogam-se as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1939, 118º da Independência e 51º da República. Getúlio Vargas.

Passados cinco anos da criação do Parque Nacional do Iguaçu, o governo de Getúlio Vargas elabora o Decreto-Lei n.º 6.550, de 31 de maio de 1944, criando o Território de Iguaçu, que abrangeria cinco municípios: Foz do Iguaçu, Iguaçu, Clevelândia, Mangueirinha e Chapecó. O território unificou a Região Oeste e Sudoeste do Paraná com parte do estado de Santa Catarina (Lopes, 2002). A área que abrange atualmente o parque, com suas margens atingindo 14 cidades, estava dentro do Território do Iguaçu. A área federal era uma resposta à disputa territorial entre o Brasil e a Argentina por áreas de fronteira que ocorreu no final do século XIX e aumentou a preocupação do governo brasileiro em proteger o território.

A Marcha para o Oeste tinha o objetivo claro de povoar essa região. Para o presidente Getúlio Vargas, o Brasil era uma unidade. Todos deveriam sacrificar-se pela defesa do seu território (Lopes, 2002). A área do Território Federal do Iguaçu abrangia o Oeste e o Sudoeste do Paraná e o Oeste de Santa Catarina, correspondendo a 65.854 quilômetros quadrados, sendo 51.452 quilômetros quadrados oriundos do estado do Paraná e 14.402 quilômetros quadrados provenientes de Santa Catarina. Passados 15 dias da criação do Território do Iguaçu, o governo Vargas amplia a área do Parque Nacional do Iguaçu com o Decreto-Lei n.º 6.587, de 10 de junho de 1944, aumentando a área de influência federal da unidade de conservação, alcançando limites estratégicos na Região Oeste e Sudoeste do estado do Paraná. O presidente Getúlio Vargas sancionou, no Rio de Janeiro, no dia 14 de junho de 1944, 123º ano da Independência e 56º ano da República, mais uma ampliação de áreas no Parque Nacional do Iguaçu.

Art. 1º A área pertencente ao patrimônio da União, em virtude do art. 1º, c, do Decreto-lei nº 2.073, de 8 de março de 1940, limitada ao norte pela estrada de rodagem Iguassu-Cascavel, a leste pelo rio Gonçalves Dias, ao sul pelo rio Iguassu e a oeste pelo Parque Nacional de Iguassu, fica incorporada ao dito Parque e sob administração comum. O Serviço Florestal, do Ministério da Agricultura, baixará as instruções que se tornarem necessárias ao cumprimento desta lei, bem como à proteção da fauna, da flora e das belezas naturais existentes na área referida.

### **1.3 COLONIALISMO NA CRIAÇÃO DOS PARQUES DO IGUAÇU E IGUAZÚ**

O Parque Nacional de Yellowstone, situado no estado de Wyoming, nos Estados Unidos, exerceu um papel decisivo de inspiração para diversos parques no mundo, entre eles os do Brasil e da Argentina. Nesse parque, antes de sua criação, no ano de 1872, havia nativos que viviam em torno das rochas ou pedras amarelas, as quais deram origem ao seu nome. Para Diegues (2001), o "modelo Yellowstone" de parques sem moradores vindo de países industrializados e de clima temperado para países do terceiro mundo, cujas florestas remanescentes foram e continuam sendo, em grande parte, habitadas por populações tradicionais, está na base não só de conflitos, mas também de uma visão inadequada de áreas protegidas. O território do atual Parque Nacional de Yellowstone era ocupado pelos indígenas Crow, Blackfeet e Shoshone-Bannock. Esses indígenas, descritos como "selvagens,

demônios vermelhos, comedores de búfalos, de salmão e de tubérculos", não deixaram a área do parque espontaneamente (Kemf, 1993 apud Diegues, 2001, p. 25).

Nesse conceito de espaço/tempo da Modernidade, no qual se criaram os novos padrões de poder, Quijano (2003, p. 117) destaca:

Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder.

Nessas conquistas se apagam a história, a cultura, os saberes e o conhecimento das pessoas, como aponta Walsh (2009), o que pode ser pensado, no caso do Parque Nacional de Yellowstone, que criou um formato de parque e exportou seu modelo para o mundo, sem o povo que vivia no local. *“Es la colonialidad cosmogónica o de la madre naturaleza, la que tiene que ver con la fuerza vital-mágico-espiritual de la existencia de las comunidades afrodescendientes e indígenas, cada una con sus particularidades históricas”* (Walsh, 2009, p.3). A criação de parques na Argentina e no Brasil foi cercada pelo movimento global com apelo da preservação das belezas naturais, tendo os Estados Unidos como espelho, inclusive na relação com seus antigos moradores. Para Scarzanella (2022), os índios eram um problema. *“Sobre todo del parque Lanín, se toleró su presencia y se trató de nacionalizarlos y educarlos creando escuelas y capillas.”* A Argentina abriu os caminhos na América do Sul, criando os primeiros parques nacionais orientados por Yellowstone.

Influencia significativa de los Estados Unidos en las decisiones argentinas en materia de parques. Se pasa de contactos individuales entre estudiosos y políticos de ambos países, al comienzo del siglo XX, a una fase de relaciones institucionales entre agencias especializadas en los años treinta. Por último vemos constituirse una organización panamericana en el sector, a partir de los años cuarenta. (Scarzanella, 2002, p. 2).

O Brasil seguiu os passos da Argentina com a criação do Parque Nacional de Itatiaia, em 1937, e na sequência o Parque Nacional do Iguaçu, em 1939 (ICMBio,

2018). O parque brasileiro, na fronteira entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, espelhou sua atuação e seguiu o fluxo da política do governo argentino, que já estava com diálogo mais avançado com o exterior, inclusive com a mídia internacional. A autora chama a atenção para a mensagem da Disney, alinhada com os parques nacionais recém-criados na América Latina e com o objetivo dos Estados Unidos na região:

En 1941 Charles Perry Weimer rodó en varios países un documental con el título 'Cabalgada de Sudamérica'. Después de haber filmado los bosques y lagos chilenos se propuso incluir en sus tomas también los parques argentinos. El autor acompañaría la proyección de su película, en los EE.UU. y en los otros países occidentales, con conferencias en las cuales aparecería vestido con los trajes típicos de los países visitados: en Chile se había conseguido un traje de huaso. Al igual que el Goofy gaucho de Walt Disney, llevaba un tranquilizador mensaje de amistad y solidaridad entre pueblos distintos pero aliados (Scarzanella, 2002, p.13).

Apesar da influência norte-americana, observa-se um olhar de diálogo local nos últimos anos na gestão participativa e inclusiva, com a criação do conselho gestor, como o Conselho Consultivo do Parque Nacional do Iguaçu (Conparni), no ano de 2001. Do mesmo modo, registra-se um aumento de atividades envolvendo a participação da comunidade com consultas e atividades culturais e sociais, também no Parque Nacional Iguazú. Esses esforços de interação com as comunidades, com valorização dos saberes tradicionais, indicam interesse de superar a lógica de relação do colonizador e colonizado e a visão conservacionista baseada na separação entre sociedade e natureza.

Os fatos históricos e as investigações deste estudo mostram múltiplos interesses que envolveram a criação e ampliação dos parques nacionais Iguaçu e Iguazú, na fronteira do Brasil com a Argentina, para além da questão da conservação, preservação e beleza cênica. As intenções, interesses e questões nacionais, que envolveram a criação dos parques, constituem uma interessante fonte de conhecimento para repensar a região fronteira, entre Argentina, Brasil e Paraguai, sob a perspectiva latino-americana da integração. Analisar os sentidos, preocupações e interesses contidos nas decisões, com o uso dos conceitos: geopolítica nacional, soberania, segurança nacional, desenvolvimento de áreas de fronteira e periféricas, permite outras leituras, além da preocupação ambiental, que

também tem importante papel para a região fronteira de Argentina, Brasil e Paraguai.

#### 1.4 DISPUTAS SILENCIOSAS E A INFLUÊNCIA DO NORTE GLOBAL

Além de haver uma herança do Parque Nacional de Yellowstone no modo de atuação e percepção na criação e na condução de Iguazu e Iguazú, há uma busca silenciosa de dois governos por influência, poder, soberania e concentração de recursos financeiros no território das Três Fronteiras. Conforme tabela e documentos apresentados, os governos de ambos os países monitoraram a região e reagiram sistematicamente na demarcação das áreas, como também, de forma sincronizada, expandiram seus terrenos. O Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos, o *National Park Service* (NPS), foi criado em 25 de agosto de 1916. O Parque Nacional de Yellowstone integra o grupo de 63 parques nacionais administrados pelo NPS. Ao todo, o órgão governamental gere 429 unidades além dos parques nacionais, que incluem: áreas históricas nacionais; campos, trilhas, costas; monumentos nacionais; reservas nacionais; lagos e rios nacionais. Segundo o *Yellowstone National Park (2025)*, em seu boletim informativo anual *Yellowstone Resources and Issues Handbook: 2025*, o número total de profissionais que trabalham exclusivamente para o parque é de 4 mil pessoas, sendo 750 funcionários vinculados ao National Park Service (NPS). O número de funcionários de Yellowstone é o dobro do total de funcionários que atuam nos parques brasileiro e argentino.

Diferentemente dos Parques Nacionais de Iguazu e Iguazú, os valores arrecadados com a cobrança de ingressos são integralmente retornados ao Parque Nacional de Yellowstone. No ano de 2024, Yellowstone informa no site oficial do NPS (<https://www.nps.gov>) a arrecadação de 128,1 milhões de dólares. Sendo 24,8 milhões exclusivamente de ingresso, taxas, acampamentos, uso público. A prestação de contas traz também o detalhamento dos recursos e onde foram aplicados, como operações e equipe; construção de instalações, reabilitação e manutenção cíclica; incêndios florestais; outras dotações federais; doações e subsídios; e serviços e convênios. Ainda que seja possível discutir formas e

maneiras com que este dinheiro é investido, o parque norte-americano recebe recursos integrais, ao servir a população com um serviço público de um parque nacional. Além disso, os dados sobre arrecadação são públicos e transparentes na página do parque. O objetivo desta informação é buscar entender um dado muito importante para os parques, a informação pública de forma integrada e transparente de maneira facilitada.

Em Iguazu e Iguazú, os recursos não voltam em sua totalidade para as duas unidades. Os recursos são centralizados pelos órgãos federais e, segundo os gestores, uma pequena parte, muito pequena, volta para o custeio de atividades pontuais dos parques. Os valores que os parques geram, o quanto eles recebem e onde é investido é um assunto que paira na cabeça da comunidade, e se criam muitos imaginários. Na região, é comum ouvir membros da comunidade dizerem que o dinheiro do parque brasileiro vai todo para Brasília para sustentar o órgão e outros parques. Na Argentina, o pensamento é semelhante, dizendo que o capital é todo direcionado para Buenos Aires para sustentar outras unidades e que não volta quase nada para cá.

Em constantes consultas aos portais oficiais, tanto do Parque Nacional do Iguazu, hospedado na plataforma do governo federal sob o endereço <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/mata-atlantica/lista-de-ucs/parna-do-iguacu>, quanto do Parque Nacional Iguazú, também hospedado numa plataforma de governo – <https://www.argentina.gob.ar/parquesnacionales/iguazu> –, percebe-se que não há notícias relacionadas sobre arrecadação, valores que retornam à unidade e muito menos o detalhamento dos recursos que arrecada, recebe e investe. Um exemplo é o valor de arrecadação que retorna para as unidades. Essa informação não consta em nenhuma notícia publicada pelos parques, em seus respectivos sites.

As informações existem, mas são publicadas em editais complexos, burocráticos, em meio a blocos de dados, sem detalhamento, em contradição com o princípio de informações de utilidade pública ou de transparência. Os dois parques não trazem essas informações de modo transparente e acessível ao público. Para ter acesso a elas – que são tão básicas, em se tratando de algo público –, a pessoa interessada, seja pesquisador ou profissional de mídia, tem que solicitar via Lei de Acesso à Informação no Brasil, criada em 18 de novembro de 2011, com o número

12.527, e na Argentina com a Ley N.º 27.275, *Derecho de Acceso a la Información Pública*, sancionada em 14 de setembro de 2016.

A dificuldade no acesso às informações favorece a criação de notícias inverídicas, como também o distanciamento da comunidade, somado a recursos financeiros limitados e insuficientes, conforme relato dos gestores, que será apresentado mais à frente. Mesmo estando os dois parques nacionais entre os que mais arrecadam em seus respectivos países, os recursos que retornam não são suficientes para a execução de todas as atividades previstas nos planos dos dois parques.

## 1.5 COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA E A INTEGRAÇÃO

Para aprofundar os conhecimentos sobre integração, cooperação e trocas entre os dois parques, foram realizadas entrevistas com seus dois gestores e setores estratégicos, similares em ambas as unidades. Abaixo, o roteiro de perguntas feitas para ambos os gestores:

1 - Avaliação da integração entre os parques e dos parques com a comunidade; 2 - O que os parques realizam em conjunto atualmente?; 3 - Como os parques se comunicam com a sociedade?; 4 - Há compartilhamento de dados de pesquisas?; 5 - Quais são os desafios para melhorar a percepção das ações do parque na sociedade?; 6 - Qual é o status das atividades de educação ambiental com a comunidade e os visitantes dos parques?

Em paralelo, foi realizada uma pesquisa detalhada nos protocolos de intenção e cartas de compromisso firmadas entre os dois parques, entre os anos de 2013 a 2024. A série de protocolos de intenção e cartas de compromisso firmadas entre o Parque Nacional do Iguaçu (PNI), gerido pelo ICMBio no Brasil, e o Parque Nacional Iguazú, administrado pela APN na Argentina, revela um esforço contínuo de cooperação binacional que ultrapassa a simples gestão ambiental e se articula com objetivos de integração territorial, educação ambiental, pesquisa científica e fortalecimento institucional. Nas trocas, mostra-se a necessidade de articulação estratégica entre as duas unidades de conservação que integram o Patrimônio Mundial Natural reconhecido pela UNESCO. Os documentos formalizam um

significativo histórico de colaboração existente entre os parques e sinalizam para sonhos em comum, como gestão integrada, ecossistema compartilhado e parque binacional, tendo a Mata Atlântica, o Rio Iguaçu e as Cataratas como grandes conectores. Na análise documental, foram considerados 27 documentos, sendo cartas de intenção, despachos, atas de reunião, resoluções e memorandos. Os documentos versam sobre: propostas de acordos e parcerias; cartas de intenções; despachos de Brasília e Buenos Aires; pedidos de cooperação; acordos formais; parceria com organizações internacionais, entre outros temas ligados à necessidade de trabalho conjunto. Nas trocas de informações entre os documentos, identificam-se três grupos de instituições diretamente envolvidas na formulação, mediação e pedidos de ações conjuntas entre o Parque Nacional do Iguaçu (Brasil) e o Parque Nacional Iguazú (Argentina), no âmbito da cooperação binacional.

**Tabela 3 – Instituições envolvidas na parceria de Iguaçu e Iguazú**

<b>Instituições Brasileiras</b>	<b>Instituições Argentinas</b>	<b>Organismos Internacionais</b>
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)	Administración de Parques Nacionales (APN)	Organização das Nações Unidas (ONU)
Parque Nacional do Iguaçu	Parque Nacional Iguazú	UNESCO
Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA)	Ministério de Relaciones Exteriores (Argentina)	Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB)
Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE)	Fundo Argentino de Cooperação Sul-Sul e Triangular (FO.AR)	WWF (World Wildlife Fund)
UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana	Presidência e Diretoria Nacional da APN	
CONPARNI – Conselho Consultivo do PNI	Guarda-Parques Argentinos	
ADERE – Associação de Desenvolvimento de Esportes Radicais e Ecologia		

Tabela elaborada pelo autor.

Os documentos analisados apontam eixos prioritários de atuação conjunta, que podem ser agrupados em cinco grandes áreas, como proposta para integração territorial e gestão compartilhada entre os parques nacionais. Essas iniciativas estão organizadas em cinco eixos principais: 1) Planejamento conjunto de manejo: prevê a integração dos planos de manejo das duas unidades de conservação, com especial atenção à compatibilização dos zoneamentos nas áreas contíguas, respeitando a legislação de ambos os países; 2) Uso público: propõe-se a criação de passarelas e trilhas binacionais, eventos como a Travessia Náutica Binacional e, de forma mais ousada, um projeto de teleférico que conecte fisicamente os dois parques sobre o rio Iguaçu; 3) Fiscalização ambiental conjunta: inclui ações coordenadas entre os agentes brasileiros e argentinos, com a possibilidade de atuação em território vizinho em casos de flagrante delito ambiental, respeitando os procedimentos legais de cada país; 4) Pesquisa científica integrada: contempla o fortalecimento do Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração (PELD), a ampliação do projeto “Carnívoros do Iguaçu” (CENAP) e o desenvolvimento de uma plataforma compartilhada de dados e relatórios científicos entre os dois parques; 5) Educação e comunicação ambiental: destaca a importância de programas de interpretação ambiental conjuntos, intercâmbio técnico entre servidores e o envolvimento da UNILA como mediadora acadêmica, especialmente na construção de modelos de gestão compartilhada.

Propõe-se, neste recorte temporal de 11 anos de tratativas consideradas, analisar a articulação de ações de conservação em áreas de fronteira, com destaque para intercâmbio de informações sobre fauna, flora, manejo e monitoramento ambiental, corredores ecológicos, espécies ameaçadas e prevenção de incêndios, fiscalização, acordos, entre outros temas. Os protocolos enfatizam a importância de atividades de educação ambiental voltadas às comunidades do entorno, visitantes e escolas da região dos três países. Há a previsão de se promover campanhas conjuntas de conscientização e fomentar o sentimento de pertencimento e valorização do território protegido. Um dos compromissos mais destacados, que se repete com frequência nos documentos, diz respeito à troca de conhecimentos entre as equipes técnicas dos dois parques, incluindo o intercâmbio de pesquisadores, a organização de seminários e a produção de publicações binacionais. A intenção, de acordo com os parques, é ampliar a base de dados compartilhados e fomentar a pesquisa sobre temas comuns, especialmente a biodiversidade e o impacto do

turismo. Os acordos preveem a construção de um relacionamento institucional estável, com reuniões regulares de avaliação, definição de metas conjuntas e designação de pontos focais permanentes.

Busca-se também influenciar políticas públicas mais amplas para o fortalecimento da cooperação entre as agendas ambientais dos dois países. Os documentos mostram uma grande vontade e muita solidariedade entre os profissionais dos parques Iguaçu e Iguazú. A assinatura dos protocolos não apenas simboliza boa vontade política, solidária e técnica, mas estabelece compromissos concretos que, se efetivamente implementados, podem transformar a relação entre os parques e a região. Entre os principais resultados esperados estão: criação de um plano de ação binacional para áreas comuns de fronteira; compartilhamento de metodologias de monitoramento da biodiversidade; realização de campanhas conjuntas de combate ao tráfico de fauna e incêndios; e desenvolvimento de uma agenda comum de eventos educativos e culturais.

Como mediador deste plano de trabalho, os parques contaram com o apoio da WWF, que atuou em período específico, a partir de 2014, como instituição articuladora, citada em memórias de reuniões e despachos como organização parceira. A instituição que tem atuação internacional aparece de forma constante em três eixos de atuação: Planejamento conjunto: A WWF apoiou a revisão do plano de manejo do Parque Nacional do Iguaçu (PNI), divulgado no ano de 2018, considerando a integração com o parque argentino. Participação ativa na definição de objetivos estratégicos binacionais; elaboração do Programa de Conservação da Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos no Corredor Binacional do Parque Nacional do Iguaçu; e apoio em viagens de intercâmbio técnico com outros parques; Integração técnica: Apoio ao DPP (Desenho do Processo de Planejamento) da nova fase do plano de manejo do Parque Nacional do Iguaçu, entregue em 2018; proposição de diretrizes para intercâmbio de servidores, harmonização de zoneamentos e ações integradas de conservação; e articulação em eventos e relatórios; e Capacitações conjuntas: Curso teórico ministrado pela WWF sobre o uso do aplicativo Smart Park, usado para proteção e gestão de áreas protegidas; e, formação de equipes mistas (Brasil e Argentina) para operação do sistema.

Apesar das intenções e do desejo dos servidores, os registros documentais reconhecem os desafios existentes, como as diferenças institucionais entre ICMBio e APN, governo brasileiro e governo argentino, a assimetria de recursos, as

barreiras administrativas e jurídicas, e a necessidade de maior envolvimento das comunidades locais no processo de integração. A superação desses entraves depende da manutenção de canais de diálogo abertos, da criação de estruturas de governança participativas e do apoio político das esferas superiores dos governos de ambos os países. Este sentimento está presente e registrado nos documentos. E, para além do que está escrito, é possível pensar no que não está escrito. Neste recorte de 11 anos de discussões de integração e cooperação binacional, foi registrado o trabalho de 26 instituições, sendo 13 brasileiras, 7 argentinas e 6 internacionais de apoio técnico. Durante essa jornada, tanto Brasil quanto Argentina fizeram trocas de presidentes, o que ocasionou, por influências políticas, trocas dos gestores das instituições nacionais que geriam os parques, como também a substituição dos/as gestores/as de Iguazu e Iguazú.

Para aprofundar o entendimento sobre as realizações, resultados e posição atual do planejamento binacional, foram entrevistados para este estudo os atuais chefes do Parque Nacional do Iguazu, José Ulisses dos Santos, e do Parque Nacional Iguazú, José María Hervás. Das entrevistas são analisados trechos e pontos em comum, como entendimentos, feitos e contribuições para integração.

Entrevistado José María Hervas: chefe do Parque Nacional Iguazú (Argentina), tem formação como tecnólogo universitário Guardaparque Nacional e integra o quadro de Guardaparques Nacionales da Administração de Parques Nacionales (APN) desde 1990. Acumula experiência no sistema de áreas protegidas da Argentina, com foco na gestão de unidades federais e na articulação entre conservação e comunidade. Hervas exerceu também o cargo de chefe dos seguintes parques: Mburucuyá (Corrientes); Talampaya, em La Rioja (sítio do Patrimônio Mundial); El Palmar, na província de Entre Ríos; entre outras unidades. Hervas reconhece avanços importantes no relacionamento com o Parque Nacional do Iguazu (Brasil), especialmente após o início de sua convivência com o chefe brasileiro, José Ulisses dos Santos. Ele afirma: “Com Ulisses, nos entendemos. Falamos de igual para igual, sabemos do que estamos falando. Mas isso não é institucional”. A cooperação existe, mas está alicerçada em laços pessoais de confiança, e não em normas, convênios ou marcos diplomáticos. O entrevistado reforça que ações pontuais, como fiscalizações conjuntas e reuniões técnicas, ocorrem “por baixo”, entre os servidores, mas que não há respaldo oficial por parte das instâncias superiores, como os Ministérios do Meio Ambiente ou as chancelarias

dos dois países. “Nada disso foi elevado à Cancillería”, lamenta. Hérvás é enfático ao destacar que os parques compartilham território, objetivos de conservação e status de Patrimônio Mundial, mas ainda carecem de um documento-marco oficial, com protocolos e normas vinculantes; um plano de gestão binacional, que permita decisões integradas sobre uso público, fiscalização, educação e pesquisa; e, instrumentos legais que deem segurança jurídica às ações conjuntas.

O gestor aponta situações em que a falta de coordenação gera contradições práticas, como o uso de embarcações ou helicópteros: enquanto um lado interrompe as atividades por razões ambientais, o outro segue operando. Também lembra que há ações como fiscalizações integradas no alto rio Iguaçu, feitas entre *guardaparques* brasileiros e argentinos — mas que tudo ainda é informal, com base em “boas relações”. De acordo com Hérvás, essa situação precisa mudar: “Seria fantástico se a sociedade pudesse ver os dois parques trabalhando juntos. Mas não sei se um dia isso vai acontecer, se as chancelarias vão se sentar para conversar”. Ele defende a necessidade de criar uma estrutura institucional de cooperação, com apoio político e diplomático, para que a integração não dependa apenas da disposição de indivíduos bem-intencionados.

Entrevistado José Ulisses dos Santos: chefe do Parque Nacional do Iguaçu (Brasil), tem formação de historiador, possui especialização em Gestão Socioambiental e integra desde o ano de 2007 o quadro de servidores do ICMBio. Ulisses atuou como responsável pelo Projeto Peixe-Boi Marinho em Pernambuco por 11 anos, integrando educação ambiental com turismo de base comunitária e inclusão social. Também foi chefe-substituto da gestão integrada da Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais (APA Costa dos Corais), área marinha de mais de 400 mil hectares, abrangendo trechos dos estados de Pernambuco e Alagoas. José Ulisses reconhece que a relação entre as equipes é cordial e cooperativa, marcada por boa vontade mútua, especialmente com o novo gestor do Parque Nacional Iguazú. Ele menciona que, no passado, chegaram a realizar “quatro ou cinco encontros intercalados” com o então gestor argentino Claudio Sacramento, mas que essas reuniões cessaram após sua saída. “Hoje, não temos nenhum produto conjunto entre os parques”, afirma com franqueza. Ainda assim, destaca avanços importantes, como a participação em oficinas do plano de interpretação ambiental e o uso, pelo parque argentino, do Programa de Interpretação Ambiental brasileiro como referência. O diálogo técnico existe, mas ocorre de maneira

esporádica, informal e sem uma agenda estruturada. Ulisses identifica que a integração se dá “muito mais por prestígio e cordialidade” do que por um compromisso institucional consolidado. Entre os principais desafios, o entrevistado cita: a falta de normativas claras para ações conjuntas; a inexistência de uma agenda regular de reuniões técnicas; a dificuldade em conciliar calendários e prioridades administrativas entre os dois países; e o desequilíbrio de presença institucional, concentrada em Foz do Iguaçu.

Como propostas de fortalecimento, Ulisses defende: a criação de seminários permanentes entre as equipes; a retomada de trocas sistemáticas com a gestão argentina; e estímulo à produção conjunta de materiais, pesquisas e programas de educação ambiental. Segundo ele: “A gente realmente precisa promover mais atividades. Promover maior conhecimento sobre o território e os instrumentos de gestão”. Essa declaração revela que, embora haja relações interpessoais estabelecidas, a integração institucional entre os parques ainda é um desafio no horizonte, algo a ser buscado e pensado diariamente.

Pensar a cooperação entre os parques nacionais do Iguaçu e Iguazú tem um valor simbólico e uma conexão com a agenda ambiental sul-americana. Todos os registros apontam para uma visão de futuro baseada na cooperação e no respeito mútuo entre povos, instituições e a região fronteira ao posicionar os parques como espaços de ciência, cultura, educação e diálogo. Esforços necessários para enfrentar diversos reveses e disputas cotidianas para a conservação e integração dos parques, como: a tentativa histórica de reabertura da Estrada do Colono; a disputa, pelo estado do Paraná, do terreno onde estão situadas as Cataratas do Iguaçu, do lado brasileiro; o atropelamento de fauna nas vias dentro dos dois parques; e a divulgação de conhecimento das ações e do que realmente são os parques nacionais Iguaçu e Iguazú.

## **1.6 CONTRIBUIÇÕES ECOSSISTÊMICAS PARA A REGIÃO**

É preciso refletir sobre esse território, dinâmico, que há dez mil anos foi terra dos Itararés, depois dos Guaranis, passando pelos jesuítas e demais povos que hoje habitam cidades no entorno dos parques e os próprios parques; e mostrar que, apesar da forma com que os parques foram constituídos, via decretos dos governos

federais da Argentina e do Brasil, esses territórios podem ser barreiras de contenção para a especulação imobiliária e as investidas do agronegócio. A opção de delimitar uma área natural para mantê-la o mais intocada possível, reservando à sociedade humana e suas máquinas um trecho para visitação, experiência e percepção ambiental, é uma decisão política.

O Parna Iguaçu guarda o registro da passagem das diferentes culturas e ocupações do Alto Paraná, evidenciado pela presença de sítios arqueológicos, das etnias Itararé e Guaraní, das Vilas São José do Iguaçu, Santo Alberto, São Luiz, Santa Lúcia, comunidade Dois Irmãos e de estruturas históricas como o Hotel das Cataratas, a Usina São João e a estrada histórica Foz do Iguaçu - Cataratas. (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018, p. 12).

O Parque Nacional do Iguaçu e o Parque Nacional Iguazú possuem mais de 250 mil hectares de floresta, representando um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica da Região Sul do Brasil. Os parques estão interligados a outros espaços florestais similares na Argentina e no Brasil, resultando em um corredor verde que abriga uma rica diversidade de espécies raras e ameaçadas de fauna e flora, como bugio, harpia, gato-maracajá, onça-pintada, palmito juçara, peroba-rosa, jacutinga e surubim-do-Iguaçu. São áreas que conservam um grande potencial de biodiversidade para pesquisas científicas e manutenção da vida. Os parques nacionais do Iguaçu e Iguazú, mesmo impactados por grandes faixas de terra dedicadas ao agronegócio e usinas hidrelétricas no curso do Rio Iguaçu, próximo aos limites de ambos, permanecem contribuindo com diversos recursos ecossistêmicos à região.

Os recursos ecossistêmicos dos parques contribuem para a contenção das fronteiras agrícolas, a mitigação dos impactos ambientais, a garantia da vida selvagem e a qualidade ambiental para os moradores do entorno, conforme demonstra o Plano de Manejo do Parque Nacional do Iguaçu (ICMBIO, 2018):

1) Espécies-chave para ações de conservação: são as espécies ameaçadas, regional ou nacionalmente (por ex.: jacutinga – *Aburria jacutinga*; anta – *Tapirus terrestris*; queixada – *Tayassu pecari* etc.), endêmicas (por ex.: surubim-do-iguazu – *Steindachneridion melanodermatum*) e alvos de caça, pesca ou exploração (por ex.: macuco – *Tinamus solitarius*, palmito-juçara – *Euterpe edulis*), que são importantes indicadores da qualidade ambiental, como fator de sensibilização e compõem a rica

diversidade dos parques. Possuem importante papel ecológico, fazendo parte da cadeia alimentar;

2) Onça-pintada, animal topo de cadeia, integrante da paisagem: a manutenção da onça-pintada, maior predador das Américas, ameaçada pela destruição de habitat, caça, diminuição de presas, encontra nos parques e corredores suas conexões, principalmente com a Argentina, um ambiente favorável para sua sobrevivência. Sua persistência, enquanto população na natureza, depende intrinsecamente da manutenção de recursos (presas, água, habitat de qualidade), da integridade da paisagem (grande contínuo florestal e conexão com outros fragmentos) e da diminuição dos conflitos com o entorno do parque;

3) O maciço florestal protegido pelos parques representa um dos últimos grandes remanescentes da Mata Atlântica: proporciona diversos serviços ecossistêmicos, como: produção de água para o entorno, sequestro de carbono, regulação climática local, polinização e manutenção do solo. Em conjunto com o Parque Nacional Iguazú, funciona como área núcleo da ecorregião de florestas do Alto Paraná, abrigando uma rica diversidade e contribuindo para a manutenção de espécies ameaçadas;

4) Referência em padrões hidrológicos: a malha hídrica do Parque Nacional do Iguaçu é composta pela bacia do Rio Floriano, uma das poucas bacias totalmente abrigadas na Mata Atlântica do Sul do país, por lagoas e diversos afluentes do baixo Iguaçu. Constitui a base para a manutenção da rica biodiversidade regional e confere delimitação geográfica para proteção da unidade. O parque garante a integridade do Rio Floriano, que é referência em padrões hidrológicos, além de favorecer a manutenção da vazão das Cataratas do Iguaçu. No Parque Nacional Iguazú, Argentina, os recursos sistêmicos guardam todas as semelhanças, até mesmo porque a natureza é única e singular da região;

5) Feição da natureza com as Cataratas do Iguaçu: estrutura ecológica singular e suas volumosas águas, são ícones, integrando o Brasil e a Argentina projetam o Parna Iguaçu como Patrimônio Natural Brasileiro e importante instrumento para a conservação da natureza;

6) Experiência de conexão com a natureza: com seus distintos acidentes de relevo, fisionomias geológicas, rios, cachoeiras, corredeiras e ambientes, o Parna Iguaçu oferece diversificadas oportunidades para práticas recreativas, esportivas e de lazer em contato com a natureza, que projetam o grande potencial do Parque e

seu entorno para o desenvolvimento do turismo sustentável como estratégia para sua conservação;

7) Referência em educação ambiental e espaço para geração de conhecimento: uma área protegida que, através de sua Escola Parque, é uma referência em educação ambiental como espaço de diálogo e participação cidadã, interpretação ambiental e construção de conhecimento. O Parque também é um espaço que oportuniza desenvolver, de maneira dinâmica, pesquisas científicas em prol da conservação e da geração de conhecimento; e,

8) Patrimônio Histórico-cultural: salvaguarda a história da conservação da natureza no Brasil e as memórias das ocupações, com referências históricas da transformação da paisagem, tais como os sítios arqueológicos, a cultura indígena, antigas vilas, estradas.

Dois aspectos amplos merecem destaque com relação ao Parque Iguazú. Se no parque brasileiro a onça-pintada (*Panthera onca*) é o símbolo da unidade, no parque argentino o mascote é o andorinhão-de-cascata (*Cypseloides senex*), pássaro que habita as rochas das Cataratas do Iguazú e sua forte relação com os povos ancestrais.

Su alta biodiversidad y las cataratas del Iguazú lo convierten en uno de los sitios prioritarios de conservación nacional e internacional. La selva es dominante; sin embargo, las diferencias en los suelos, el relieve y el régimen de aguas propician una gran variedad de ambientes. En los sitios más altos y planos del paisaje aparecen selvas altas densas con el estilizado palmito y el enorme palo rosa. En las zonas de pendientes o acompañando los arroyos, en cambio, las selvas son más bajas, abiertas y con cañaverales. Sobre la franja costera del río Iguazú superior y en las islas aparecen las selvas ribereñas, un poco más bajas que las selvas de altos y con algunas especies típicas de la zona costera (Argentina, 2019).

Segundo o *Plan de manejo del Parque Nacional Iguazú*, o parque contribui para preservar a cultura, reafirmar a identidade regional e zelar pela cultura guarani com diálogo permanente.

El PNI resguarda parte del conocimiento tradicional, y contribuye a generar y/o fortalecer los procesos de construcción o reafirmación de identidad. Actualmente se han identificado 8 sitios y recursos de valor cultural e histórico, que forman parte del Patrimonio Cultural del PN. Por otra parte, el PNI preserva el ambiente que representa a la cultura guaraní y mantiene una relación fluida con las comunidades que habitan en las zonas aledañas al Parque, a través de diferentes proyectos y actividades - Pueblos originarios. Comunidades mbyá guaraní (APN, 2017, p. 134).

A jornada da visitação pública, de ambas as unidades de conservação, provoca reflexões e gera condições para repensar a relação com a natureza. Seja onde essas pessoas estiverem ou de onde vierem. “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p. 10). É uma experiência que se soma a outros esforços de pessoas, organizações, entidades, pesquisadores, universidades e movimentos pela natureza e sua harmônica relação com as pessoas. “A construção da percepção da realidade está em constante diálogo com o que chega através das capacidades sensoriais, dos meios e redes de comunicação, do conhecimento acadêmico, de manifestações artísticas e culturais” (Fonseca, 2024, p.15). A percepção que as pessoas têm desses lugares chamados de parques nacionais é uma construção baseada em vivências, experiências. E essas experiências colaboram para a dinâmica de fortalecimento da imagem dos parques não apenas na região, mas em outros locais do mundo. Essas imagens guardadas na memória das pessoas contribuem para que os parques continuem existindo, provoquem memórias afetivas e proporcionem condições para debates, pesquisa, visitação, conservação e relações.

“A percepção ambiental é exemplo de que a questão ambiental, além de científica, política e social, é também afetiva, mítica e poética” (Fonseca, 2020, p.117). A relevância das duas unidades de conservação vai além do seu valor paisagístico – potencial cênico –, turístico ou de lazer, que atrai anualmente cerca de 4 milhões de pessoas de 170 países. Diversos programas e estudos de restauração e repovoamento de espécies reduzidas ou em risco de extinção, além do seu grande potencial de memória entre a humanidade, a capacidade de divulgação científica e a educação ambiental, fazem desse lugar um mecanismo de percepção ambiental para quem mora ao lado, para quem mora longe, para quem conhece ou sonha conhecê-lo.

## 1.7 E SE NÃO EXISTISSEM OS PARQUES NACIONAIS?

Se não existissem os Parques Nacionais do Iguaçu e Iguazú, muito provavelmente as áreas seriam utilizadas pela monocultura dos grãos, como o que ocorre em grande escala na América Latina, e na região tanto do lado brasileiro quanto argentino do parque. Atualmente, as margens, na área de limites dos parques, são ocupadas por cidades que possuem economia baseada em atividades agrícolas e agroindustriais. Do lado brasileiro, predomina o agronegócio com o plantio de soja, milho, trigo, com experiências também de agricultura familiar e propriedades que produzem alimentos orgânicos. Na Argentina, o parque faz fronteira com plantações de eucalipto, mandioca, erva-mate, fumo, entre outros cultivos em menor quantidade, além das propriedades familiares. Sob pressão do agronegócio, estão o ICMBio, no Brasil, e a APN, na Argentina. Além do agronegócio, os parques enfrentam crimes ambientais de caça aos animais. “A caça, pesca e extração de palmito constituem atividade ilegal que persiste até os dias atuais, motivada por questão cultural (transmitida pelas gerações), consumo interno e comércio de peixe, carne e peles” (ICMBio, 2018).

A administração do parque reconhece que tem grandes desafios e, diariamente, está dando visibilidade à luta, que às vezes parece solitária, contra a repetição das práticas ilegais cometidas por pessoas em prejuízo da natureza. Nem todos os moradores do entorno dos parques têm uma relação afetiva positiva. Há moradores que mantêm uma relação muito forte com a agricultura, ofício repassado pelos avós, bisavós. Muitos contam histórias da área de quando não era parque e quando existia a polêmica Estrada do Colono. No Parque, a estrada do Colono, localizada em área brasileira, cortava a floresta ao longo de 18 km, conectando os municípios de Capanema e Serranópolis do Iguaçu. Aberta em 1953, foi fechada pelo IBAMA em 2001 e novamente em 2003, após uma nova tentativa de abertura, dando espaço à recomposição da floresta no antigo leito. Atualmente, podem ser observados indícios claros da presença da fauna no local e recuperação da vegetação.

O Parque Nacional do Iguaçu tem uma estrada em seu interior, a BR-469, que leva até as Cataratas, e duas que margeiam o parque, a BR-277, na região de Céu Azul, e a Estrada Velha de Guarapuava, que margeia o Parque desde Foz do Iguaçu

até Céu Azul (ICMBio, 2018). Na tentativa de conter as fronteiras agrícolas e mitigar os impactos ambientais, a Estrada do Colono foi fechada. Porém, do lado argentino, existe uma rodovia que atravessa o parque. Chamada de Rota Nacional 101 (RN 101), ela sai da cidade de Puerto Iguazú, passa em Comandante Andresito (vizinha de Capanema) e encontra a cidade de Bernardo Irigoyem, na divisa dos municípios de Barracão e Dionísio Cerqueira, no estado de Santa Catarina. A estrada tem 32 quilômetros e não é asfaltada. Certamente, se não fossem os parques, o uso de venenos em algumas propriedades do entorno do parque, que já é comum, seria ainda maior, em uma área que provavelmente seria utilizada para plantio, como destacam os relatórios da APN (2017): “Donde hay cultivos de Yerba Mate (*Ilex paraguariensis*) y Tabaco (*Nicotiana tabacum*) es corriente el uso de herbicidas que contienen glifosato”.

Entender a região requer cautela. Há conflitos históricos, impactos socioambientais, há ações de mitigação, há biodiversidade, e há percepção ambiental ao nível global. É preciso contextualizar a região no cenário da América Latina, com sua busca por progresso e desenvolvimento, a partir dos processos de globalização e da geopolítica territorial contemporânea. A região das Três Fronteiras conta hoje com uma população crescente que já soma cerca de 700 mil habitantes somente nas três principais cidades (Ciudad del Este no Paraguai, Foz do Iguaçu no Brasil e Puerto Iguazú na Argentina, em ordem decrescente). A economia da região gira em torno do setor de serviços, com destaque para o comércio, o turismo de massa e a educação em nível superior, além da geração de energia hidrelétrica (com a Itaipu Binacional) e a agricultura. A região é fortemente marcada pela presença de estrangeiros e pelo fluxo transnacional de pessoas, mercadorias e serviços, podendo ser considerada uma região global, que procura ampliar o desenvolvimento econômico, acadêmico-científico e urbano ao mesmo tempo em que depende dos recursos naturais e serviços ecossistêmicos do território para manter suas principais atividades.

Tal como em outras regiões do continente, o parque sofreu impacto com a construção de hidrelétricas próximo aos limites da unidade e ainda sofre com caça e pressão das propriedades do agronegócio, que buscam expandir sua produção com uso de agrotóxicos. Apesar de todos os desafios, é preciso reconhecer que o Parque Nacional do Iguaçu e o Parque Nacional Iguazú ainda representam um dos últimos remanescentes da Floresta Atlântica. Ao proteger a biodiversidade, apesar do

turismo de massa e das disputas em temas sensíveis com as cidades do entorno, a unidade mantém certa estabilidade ambiental e hídrica, o que contribui para a qualidade de vida das populações residentes no entorno.

A perda e a fragmentação de habitat, resultantes de atividades humanas, constituem as maiores ameaças aos mamíferos terrestres no Brasil pois estão relacionadas ao desenvolvimento econômico por meio do crescimento de áreas cultivadas e urbanas, do aumento da densidade populacional, da poluição atmosférica e aquática e do aumento da malha rodoviária. A fragmentação é crítica na Mata Atlântica, onde apenas um quarto de todas as áreas protegidas nesse bioma tem o tamanho suficiente para sustentar populações viáveis de animais, principalmente quando se consideram os de grande porte. (Fushita et al., 2011, p. 3072 - grifos meus).

Os parques aqui tratados são parte dessa fração (apenas um quarto) das áreas protegidas do bioma que permitem a vida de animais de grande porte. Essa é sua importância: salvaguardar ao menos parte da biodiversidade. Não se pretende aqui colocar o ser humano como ameaça às demais espécies, já que existem modelos de sociedade humana que não implicam em risco à vida, mas discutir que, no atual momento da região de fronteira, com a vigência de modelos socioeconômicos ainda presos a matrizes coloniais no território, os parques mantêm-se necessários.

## **1.8 O PARQUE COMO SÍMBOLO DA VIDA**

Entendendo que não é possível separar humano e natureza, e parafraseando Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, escritor, filósofo e articulador dos direitos indígenas no Brasil, é preciso rejeitar o fora, o dentro, o nós, o eles, a natureza, o homem, a humanidade, como algo separado, distinto, independente. Krenak (2019, 2020, 2022) chama atenção para a separação que produz graves consequências ambientais, culturais e espirituais. Ela nos aprisiona em uma lógica predatória e utilitarista. A afirmação de que somos natureza “que sente, que pensa e que fala” abre espaço para uma ética relacional que escuta e responde aos diversos agentes da Terra (rios, árvores, animais), não apenas como objetos, mas como interlocutores. É um exercício, talvez um retorno, para algo que sempre esteve conosco, como os rios, a mata, os bichos, os ciclos da vida, que precisam ser percebidos, sentidos, vividos. No sentido de que o futuro é ancestral, conforme

defende Krenak, é preciso olhar quem veio antes, que já estava tanto aqui no Brasil, na Argentina, na região dos parques nacionais que são objetos de estudo desta pesquisa.

Nessa perspectiva, foi analisado o contexto de famílias das comunidades rurais, que vieram para a região a convite de governos, que inclusive habitavam áreas hoje anexadas aos parques, conforme tabelas 1 e 2 apresentadas nas páginas anteriores, e das comunidades quilombolas e guaranis – a primeira, vizinha ao Parque Nacional do Iguaçu, Brasil, e, a segunda, localizada às margens do Parque Nacional Iguazú, Argentina. Isso foi feito com o objetivo de entender a vida destes povos, sua relação com a região, de que forma o parque faz parte da vida deles e se eles são “vistos”, já que estão inseridos no bioma, no coração da Mata Atlântica.

### **Comunidades rurais**

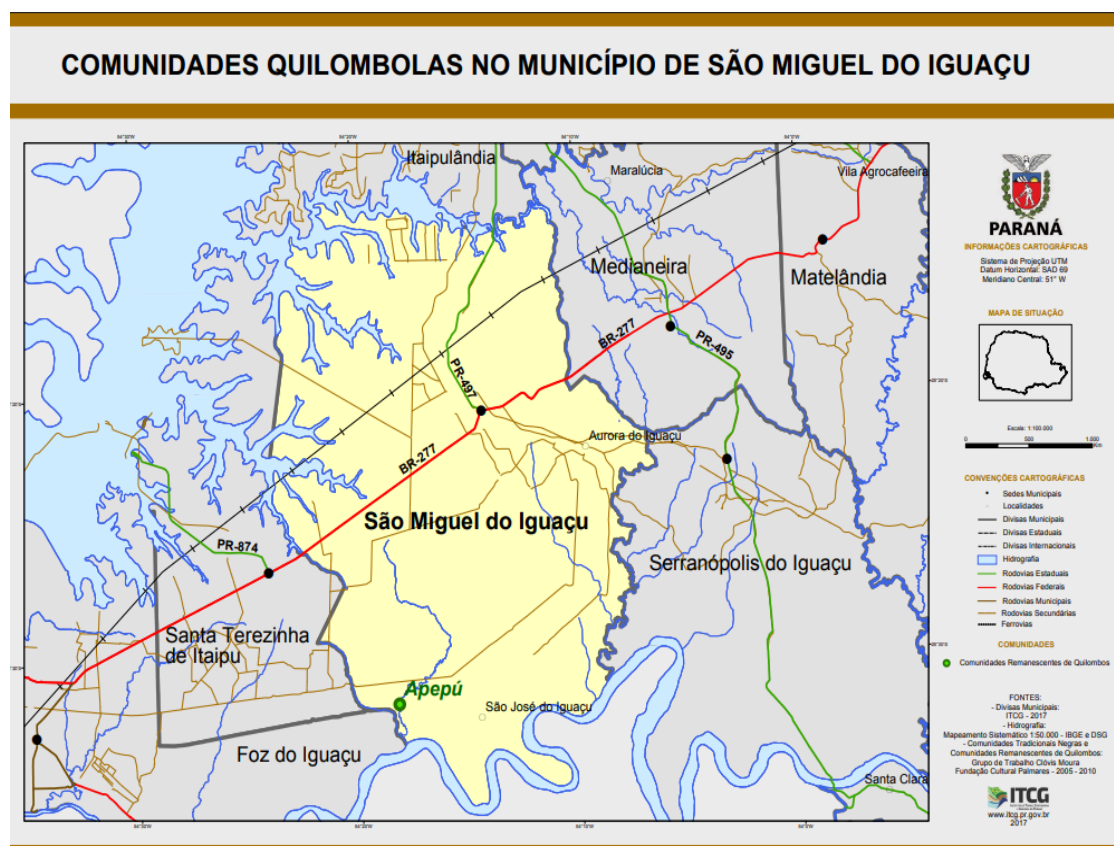
A região atual, compreendida pelo Parque Nacional do Iguaçu e seu entorno, já apresentava ocupação humana e uso produtivo muito antes da criação oficial da unidade de conservação – sem adentrar na presença dos povos originários, tema que será tratado adiante. As 14 cidades vizinhas ao parque se estruturaram a partir de propriedades rurais, inclusive com áreas que, posteriormente, foram anexadas à unidade. Esse histórico evidencia que o parque não se implantou sobre um território vazio, mas sobre um território já ocupado e organizado a partir de propriedades rurais. Em um recorte mais recente da história, segundo Wachowicz (1987), registra-se a chegada significativa de imigrantes alemães e italianos entre as décadas de 1920 e 1930, que se dirigiram principalmente ao Oeste do Paraná e, na região, se organizaram em pequenas propriedades familiares rurais. Muitos receberam terras suficientes para o cultivo e a moradia, ao mesmo tempo em que trabalhavam para companhias estrangeiras que exploravam, na região, o cultivo da erva-mate e o corte de madeiras nativas.

Essa relação histórica com a terra consolidou vínculos profundos entre as famílias e o território, transmitidos ao longo das gerações que hoje lideram muitas das propriedades rurais existentes no entorno do parque. São, em grande medida, herdeiros diretos desse processo histórico, marcado por contradições e afetos, que permanecem vivos na memória social local.

Esses elementos ajudam a compreender as tensões que ainda se manifestam, que são resistências, em relação à existência do Parque Nacional do Iguaçu e aos regramentos ambientais impostos sobre o território, frequentemente percebidos por parte da população local como restrições a um espaço historicamente ocupado, produzido e pertencente a eles muito antes da criação da unidade de conservação, tanto no Brasil quanto na Argentina.

## Quilombo Apepu

Localizada a 27 km do centro da cidade de São Miguel do Iguaçu, Região Oeste do Paraná, na divisa com o Parque Nacional do Iguaçu, a Comunidade Quilombola Apepu foi criada em 1905 pela família Correia.



**Imagem 4:** Mapa da cidade de São Miguel do Iguaçu (PR), com a Comunidade Apepú, localizada ao Sul. Fonte: Instituto Água e Terra do Paraná (IAT). Diretoria de Informações Geográficas (2017).

O nome da comunidade faz referência à laranja apepu, que era encontrada em abundância na propriedade. Da fruta, os moradores produziam muitas receitas,

inclusive, até a metade do século passado, mantinham um alambique para beneficiamento do suco. Dona Aurora Correia, 73 anos, é a líder e segue o legado de seu avô, fundador do quilombo há mais de cem anos. De acordo com Portz, Decurgez e Silva (2017), a comunidade quilombola Apepú foi formada com 80 alqueires iniciais e atualmente restam apenas 20. Os irmãos de Aurora venderam parte de suas terras, e outra parte considerável foi anexada ao Parque Nacional do Iguaçu, conforme a expansão da área do parque, iniciada na década de 1930 e concluída no final dos anos 1990 (ICMBIO, 2018). O terreno original onde se instalou a família em 1905 pertence atualmente ao Parque Nacional do Iguaçu. No ano de 1970, as famílias da comunidade tiveram de se mudar para uma propriedade próxima à unidade de conservação, ficando fora do parque. O quilombo possui duas áreas centrais: a sede histórica da comunidade Apepu e a área onde estão as casas da família Correia.

A delimitação do Parque Nacional do Iguaçu acarretou a realocação dos membros da família Correia para a atual Sanga Funda, ocasionando perda de terras e a impossibilidade da utilização e circulação pela mata, da qual, antigamente, os quilombolas retiravam plantas, caçavam e pescavam. Apesar das dificuldades para o desenvolvimento da lavoura em sua propriedade, os membros do quilombo coletam frutas como a goiaba e a acerola. Para a subsistência, plantam milho, mandioca, feijão, abóbora, cana, batata doce e cultivam uma horta comunitária. Além disso, criam animais como porcos, galinhas e patos. Também há o cultivo e a comercialização de soja (Portz; Decurgez; Silva, 2017, p. 95).

A área foi certificada pela Fundação Palmares como comunidade quilombola Apepú em 13 de dezembro de 2006, na cidade de São Miguel do Iguaçu, Paraná (Fundação Cultural Palmares, 2023). A comunidade integra cerca de 12 famílias descendentes de Florentino Correia. Apesar do reconhecimento, enfrenta desafios fundiários e ameaças de despejo. Atualmente, a comunidade resiste e busca a subsistência com projetos, entre eles: de turismo; pomar de frutas cítricas, abacates, goiaba e fruta-do-conde; irrigação; centro cultural; projeto habitacional; projeto frango caipira; horta orgânica; revitalização da nascente; e sistema de captação e distribuição de água tratada. Diversos membros da família Correia moram e trabalham nas cidades de São Miguel do Iguaçu e Foz do Iguaçu. Aos finais de semana, regressam para visitar e descansar com os familiares. De acordo com a líder da comunidade, a vontade de ir trabalhar fora é inevitável. Resumidamente, a quilombola quer dizer que os mais novos sentem uma necessidade de viver o

mundo contemporâneo, criar outras relações, e para isso precisam de dinheiro, que vão buscar trabalhando nestes dois centros comerciais das cidades vizinhas (Portz, Decurgez, Silva, 2017).

A comunidade conta com a Trilha Quilombo Apepu, que inicia na borda da floresta do Parque Nacional do Iguaçu, passa pelas margens do Rio Iguaçu e margeia o Riacho Apepu, em um percurso de 6,7km de ida e volta. O percurso é formado por grandes e imponentes árvores nativas. A trilha foi aberta pelo parque em novembro de 2024 e integra o Sistema de Trilhas Nacionais de Longo Curso Caminhos do Peabiru. Conforme destacam Dozzo e Morais (2025), “a criação da Trilha Apepú em parceria com o ICMBio destaca o potencial do turismo local como fonte de renda e conscientização cultural”.

O percurso pode ser realizado a pé ou de bicicleta e é totalmente autoguiado. É possível contratar serviços de turismo comunitário oferecidos pelos próprios moradores da comunidade, possibilitando ao visitante dialogar com os quilombolas e conhecer de forma mais aprofundada a biodiversidade e a história local. A mística e a resistência mantêm vivo o quilombo. A mística faz parte da identidade da comunidade. Dona Aurora relembra uma história contada pelo seu pai: quando criança, ele não falava e não andava.

Na mesma época, estava de passagem pela região do Apepu um monge chamado João Maria, que receitou a Florentino um copo d'água. Após esse evento, o menino teria sido curado. Em agradecimento, o pai de Florentino construiu uma capela dedicada a São João Batista, a fim de lembrar o milagre. Atualmente, a pequena capela está dentro do Parque Nacional do Iguaçu, à margem da estrada rural que liga a comunidade a Foz do Iguaçu. Esse relato demonstra como a comunidade se relaciona com a crença e a manutenção dos saberes de cura (Portz, Decurgez, Silva, 2017, p. 94).

A mística e a crença são trabalhadas coletivamente de geração em geração pela oralidade. De forma integral, eles reconhecem e mantêm suas práticas religiosas.



**Imagem 5:** Capela mística da família Correia, na cidade de São Miguel do Iguazu, dentro do Parque Nacional do Iguazu, onde antes era também território do Quilombo Apepu. Crédito fotografia: Marcos Labanca / Portal H2FOZ

## Comunidades Mbya Guarani

Membros do povo originário da região Guarani Mbyá vivem atualmente em dez comunidades que estão localizadas nas cidades de Puerto Iguazú e Andresito, Região Norte da província de Misiones. Entre as duas cidades, às margens do parque e próximo à unidade de conservação argentina, vivem dez comunidades.



**Imagem 6:** Comunidades *Mbya Guarani*, Misiones (Argentina). Crédito Google Maps.

Em Puerto Iguazú se encontram as comunidades: Mbororé, Yryapu, Jasy Porã, Tupambae, Ita Poty Miri, Miri Marangatu. As maiores aldeias são Mbororé e Yryapu, que também são os povos mais antigos. Todas as outras comunidades são

fruto do desmembramento dessas duas. Segundo o pesquisador e jornalista local, Claudio Salvador, as comunidades da região noroeste da Argentina são:

Nuestro territorio particular abarca a las comunidades de la Nación Guaraní Fortín Mbororé, Mirí Marangatu, Tupa Mbae, Ita Poty Mirí, Jasy Pora, e Yryyapu en Puerto Iguazú; Ka'aguy Porâ I y Ka'aguy Porâ II en Comandante Andresito y las aldeas Guapoy, Nuevo Amanecer y Andrés Guacurari en Puerto Libertad. (Salvador, 2020, p. 6).

Conforme o “Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas” (INDEC, 2010; 2022), que realiza o censo populacional de toda a Argentina e traz um detalhamento sobre os povos indígenas ou descendentes de povos indígenas, o povo Mbya Guaraní pertence à família tupi-guarani. Na Argentina, eles ocupam a região conhecida por “Selva Paranaense”, oficialmente chamada de província de Misiones. O estudo de 2022 aponta um aumento populacional dos Mbya Guaraní.



**Imagem 7:** Comunidade Mbororé, Puerto Iguazú, Argentina - Crédito Maxí Tondato

No censo do ano de 2010, havia 7.379 pessoas que se identificavam como pertencentes ou descendentes do povo Mbya Guaraní. No último relatório produzido pelo Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC), em 2022, a população da etnia, na cidade de Puerto, subiu para 11.014.



**Imagem 8:** Comunidade Yryapu - Crédito Google Street View

A variação, entre os 12 anos de pesquisa, pode ser explicada por três possibilidades: aumento real da população Mbya Guaraní na cidade de Puerto Iguazú; pertencimento, com descendentes e familiares assumindo a identidade de seu povo; e margem de erro possível nas pesquisas nacionais que permitem respostas subjetivas, uma vez que elas perguntam com qual povo a pessoa se identifica.

Os Mbya Guaraní atualmente se dividem entre as ocupações com a terra, plantio, comunidade e as atividades na região central de Puerto Iguazú. *“El momento de mayor injerencia de los hombres es en la etapa de preparación de la tierra, ellos se ocupan de hacer las rozas”* (Cebolla Badie, 2013, p.70). No centro da cidade argentina, há uma concentração maior de crianças, adolescentes e mulheres da comunidade Mbya Guaraní. É mais raro encontrar os homens nas atividades urbanas. Geralmente, eles ficam na comunidade, enquanto os filhos e esposas vendem artesanato ou pedem dinheiro pelas vias públicas. *“También es frecuente la práctica de la mendicidad en el pueblo, donde es habitual observar a mujeres y niños mbya deambulando de casa en casa.”* (Cebolla Badie, 2013, p.11).

Os guaranis também são encontrados esculpindo artesanatos ou se apresentando nas regiões centrais com cancioneros das músicas dos guaranis, com os instrumentos musicais utilizados nos rituais e celebrações. No Parque Nacional Iguazú, possuem um espaço exclusivo, logo na entrada, onde está localizado o centro de recepção dos visitantes da reserva, em que comercializam o artesanato produzido pela comunidade.

Em Iguazu, o modo como os guarani circulam pela cidade se dá de forma parecida, criando seus próprios caminhos (por onde se encontram quando passam), abrindo trilhas e descobrindo passagens através de terrenos e lugares não usuais, por toda a cidade há pessoas vendendo artesanatos (mulheres e crianças principalmente), e jovens passeando em grupos. (Mendes, 2020, p. 6).

Do outro lado da cidade, está a Tekoha, ou aldeia, que significa “o lugar onde somos o que somos”, área onde ficam as casas cerimoniais da tradição guarani e o centro das atividades xamânico-religiosas das comunidades, que resistem e vivem à sua maneira. Conforme Cebolla Badie (2013), a organização social e o território ocupado pelos Mbya atualmente, com as constantes transferências, migrações, mudanças de comportamento na comunidade, estão fortemente relacionados à dinâmica social das aldeias, que se alterou e continua alterando-se diante da expansão agrícola na região. A mobilidade também corresponde a encontrar um lugar que tenha floresta para desenvolver a sua cosmologia, o seu mundo de caça, e viver a experiência hortícola da cultura Mby. “A religiosidade permeia a vida cotidiana dos Mbya, portanto os pontos cardeais, nascer e pôr do sol estão relacionados às áreas onde os deuses habitam” (Cebolla Badie, 2013, p. 93).

Os Mbya Guaraní convivem em constantes embates existenciais na região, segundo o portal Misiones Online (2025), como a falta de água, ironicamente, em uma região que explora o recurso natural para diversos fins, inclusive para o turismo internacional. *“Abandono institucional que vulnera derechos fundamentales y cuestiona los valores de igualdad y dignidad. El agua, reconocida como un derecho humano por las Naciones Unidas, se ha convertido en un recurso condicionado en estas dos comunidades Mbya Guaraní en Misiones”*. Apesar das dificuldades, os Guaranis seguem a cultura ancestral, com relação íntima com a natureza. Possuem uma concepção ecológica na qual animais e plantas têm um sentido espiritual. Há ligação espiritual que impede de caçar excessivamente ou maltratar a presa sem a necessidade do consumo. O Movimento Indígena é como um sujeito político, reflete Friggeri (2012). Para o autor, o movimento está apoiado em subjetividades que, embora expressem novos comportamentos, possuem uma essência profunda ancestral, que lhe garante uma radicalidade única:

Radicalidad en dos sentidos: muestran la raíz más profunda de lo latinoamericano y desde allí piensan la política y – por eso mismo- son capaces de las críticas y las propuestas más profundas y más revolucionarias no solo para lo político, sino para el conjunto político-epistemológico-académico moderno que ha venido hegemonizado el protagonismo en estos ámbitos.

Lugar mundialmente conhecido, moradores desconhecidos e desintegrados. A existência do Quilombo Apepu, da comunidade Mbya Guaraní, dos agricultores, trabalhadores do campo e grupos distintos, localizados às margens dos parques nacionais, o primeiro no Brasil e o segundo na Argentina, é um registro das contradições desde os decretos federais dos dois países com relação à história desta população (indígenas, agricultores, quilombolas). É preciso, e possível, pensar na integração regional destas comunidades. As duas unidades de conservação, localizadas na fronteira de Argentina e Brasil, possuem, conforme decretos, a responsabilidade de zelar pelo bioma, pela biodiversidade e pela comunidade de seu entorno.

Seja como for, o que importa é reconhecer que nestas terras existem memórias, experiências e práticas de sujeitos comunitários que exercitam estilos de vida não inspirados no tradicional conceito de desenvolvimento e progresso, entendidos como a acumulação ilimitada e permanente de riquezas. É imperioso, portanto, recuperar ditas práticas e vivências próprias das comunidades indígenas assumindo--as tal como são, sem idealizá-las. (Acosta, 2016, p.96).

Uma aproximação maior com os povos tradicionais, indígenas e moradores do campo pode contribuir para uma maior integração histórica e ancestral dos parques com essas comunidades, que possuem um sentido profundo com a terra, a natureza e sua relação com a floresta e a vida. Pode, inclusive, contribuir para que essas comunidades inspirem transformações na região.

A ampliação de espaços participativos, como conselhos gestores, e a atuação de instituições como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e a *Administración de Parques Nacionales* têm contribuído para a incorporação gradual de atores locais nos processos decisórios. Iniciativas voltadas à educação ambiental, ao turismo de base comunitária e à valorização de saberes tradicionais, e as iniciativas de resgate histórico, apontam para a construção de referências mais integradas das unidades com a região. É uma sinalização de que a conservação da biodiversidade pode coexistir com a promoção da justiça social, da região e do reconhecimento cultural. Embora os conflitos históricos não estejam plenamente

superados, surgem caminhos de convivência e colaboração que reposicionam as unidades de conservação como espaços de diálogo, articulação e construção compartilhada de futuros possíveis.

## 2 PESQUISA, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A produção científica relacionada aos Parques Nacionais do Iguaçu (Brasil) e Iguazú (Argentina) abrange uma ampla diversidade de áreas do conhecimento, refletindo a complexidade ecológica, social, histórica e simbólica desses territórios protegidos. Ao longo das décadas, inúmeros pesquisadores brasileiros, argentinos e de outras nacionalidades têm se debruçado e olhado com atenção para os parques, seja para compreender aspectos da biodiversidade, analisar impactos do turismo, investigar práticas culturais ou propor estratégias de conservação. No entanto, apesar dessa riqueza de estudos, ainda é limitada a articulação entre os diferentes trabalhos realizados, assim como sua integração aos acervos institucionais das unidades de conservação e sua divulgação à sociedade. Consequentemente, pesquisas muito importantes para a transformação não chegam à mídia e nem aos profissionais, como também não reverberam o assunto na comunidade do entorno do parque, que poderia ser uma grande aliada na divulgação dos feitos e pesquisas aqui pensadas, criadas, refletidas.

Diversos projetos de pesquisa já foram realizados ou estão em andamento nos dois parques. Muitos são voltados à conservação da biodiversidade, como o monitoramento de espécies ameaçadas, a recuperação de áreas degradadas e os impactos do turismo sobre os ecossistemas, entre tantas pesquisas que observam a ecologia e toda a riqueza e biodiversidade dessas unidades de conservação. Outros focam a história ambiental, os aspectos culturais e sociais da região, entre outras perspectivas. A análise e o aproveitamento destas investigações podem gerar oportunidades para o fortalecimento da gestão do conhecimento nos parques e, ao mesmo tempo, aproximar e fortalecer a relação com a comunidade.

Neste capítulo, são discutidos dois eixos fundamentais para essa reflexão: a educação ambiental e a divulgação científica. Ambos são considerados caminhos estratégicos para tornar o conhecimento mais acessível, fortalecer o vínculo dos parques com seus públicos e fomentar práticas de conservação sustentáveis e participativas. A educação ambiental, compreendida como prática transformadora e não meramente informativa, ocupa um lugar central nas políticas e nas práticas de gestão de unidades de conservação. Segundo o Plano Nacional de Educação Ambiental – PNEA (BRASIL, 2002), ela deve ser contínua, crítica e articulada com a realidade local, promovendo o diálogo entre saberes, a valorização da diversidade

cultural e o fortalecimento da cidadania, como será visto a seguir. E as referências de educação ambiental (EA) nas quais esta pesquisa se baseia consideram debates históricos, marcos centrais, eventos e instrumentos internacionais vinculados à consolidação da educação ambiental no cenário global.

Os fundamentos da EA, definidos em Tbilisi, são sempre destacados nos demais eventos e documentos que surgem a partir de então. Um exemplo é a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), ou Rio 92 ou Eco 92, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992, quando foram elaborados documentos referência para a questão ambiental, afetando as políticas ambientais e a gestão ambiental dos países a partir de então, como a Agenda 21 e sua diplomática ideia de “desenvolvimento sustentável”, duramente criticada ao longo dos anos seguintes. Em 2000, a Agenda 21 foi atualizada para Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e, em 2015, Agenda 2030 ou Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Simultaneamente e paralelamente à CNUMAD, representantes da sociedade organizada provenientes de todas as partes do mundo redigiram e aprovaram como seu documento-guia para a Educação Ambiental, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (Tratado de EA). Este documento marca a posição da sociedade em relação ao conjunto de governantes, distinguindo-se deles ao defender a existência e construção ativa de sociedades sustentáveis em lugar da contraditória proposta do desenvolvimento sustentável. (Pacheco et al., 2024, p. 417).

No contexto do Parque Nacional do Iguaçu e do Parque Nacional Iguazú, a educação ambiental é um instrumento essencial para aproximar os visitantes, moradores do entorno e profissionais que atuam nos parques aos processos ecológicos, sociais e históricos que moldam esses territórios.

## **2.1 MARCOS CONCEITUAIS**

O Brasil, por meio do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), apresenta grande complexidade em termos de categorias de áreas protegidas, para além dos Parques Nacionais, como as Áreas de Proteção Ambiental (APA) e Reservas Extrativistas (RESEX). Diferente do modelo clássico norte-americano, estruturado a partir de uma concepção preservacionista rígida, associada à ideia de natureza intocada e à exclusão de populações humanas, o referencial brasileiro envolve múltiplas categorias que reconhecem diferentes formas de uso, ocupação e manejo do território. Algumas dessas categorias permitem atividades econômicas

reguladas, como extrativismo, mineração artesanal e pecuária não extensiva, o que as distancia, ao menos em parte, do modelo hegemônico inspirado em Yellowstone. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação consolida uma perspectiva que articula preservação e conservação, incorporando dimensões sociais, culturais e econômicas, em uma construção histórica com política própria, e desafios singulares do país.

Segundo a Lei n.º 9.985/2000, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza é instituído para organizar e gerir áreas protegidas no país (Brasil, 2000). E, como foco do estudo, observa-se o artigo 11 e os parágrafos 1, 2 e 3, que organizam o regramento dos parques nacionais brasileiros.

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. § 1º O Parque Nacional é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei. § 2º A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento. § 3º A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento (Brasil, 2000).

E, referente às iniciativas de Educação Ambiental, os parques nacionais também seguem a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) no Brasil. A legislação orienta “valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (Brasil, 1999). No artigo 5 da Lei nº 9.795, destacam-se os parágrafos I, II, III e VII, que dialogam com a proposta da discussão desta pesquisa.

I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; II - a garantia de democratização das informações ambientais; III - o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade; e, VII - o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade (Brasil, 1999).

Em um contexto de intensificação de conflitos socioambientais, os Parques Nacionais, a demarcação de terras indígenas e o reconhecimento de territórios de povos tradicionais, como quilombolas e caiçaras, constituem ferramentas fundamentais para a salvaguarda dos biomas brasileiros. Apesar das críticas que se possa fazer ao SNUC, ele é um instrumento nacional, singular, que colabora para garantir a conservação e resistir às pressões do agronegócio, do desmatamento e de outras frentes de expansão econômica. Esta organização jurídica colabora para o controle da expansão predatória e, ao mesmo tempo, posiciona-se como mecanismo de afirmação de direitos no território. A demarcação de terras indígenas, por exemplo, não apenas protege ecossistemas estratégicos, mas reconhece a relação histórica, espiritual e produtiva desses povos com seus territórios.

Na Argentina, o Sistema Nacional de Parques, regido pela Ley N° 22.351/1980 (Argentina, 1980), reconhece e orienta que, em função de sua beleza, riqueza natural ou interesse científico, estas áreas devem ser conservadas para pesquisa, educação e fruição das gerações presentes e futuras. Destaca-se o artigo 4, que trata exclusivamente dos parques nacionais.

4° - Serán Parques Nacionales las áreas a conservar en su estado natural, que sean representativas de una región fitoogeográfica y tengan gran atractivo en bellezas escénicas o interés científico, las que serán mantenidas sin otras alteraciones que las necesarias para asegurar su control, la atención del visitante y aquellas que correspondan a medidas de Defensa Nacional adoptadas para satisfacer necesidades de Seguridad Nacional. En ellos está prohibida toda explotación económica con excepción de la vinculada al turismo, que se ejercerá con sujeción a las reglamentaciones que dicte la AUTORIDAD DE APLICACIÓN. (Argentina, 1980).

A política de educação ambiental, no país vizinho, guarda semelhanças com a prática brasileira, conforme discussão do documento “Estrategia de Educación Ambiental Integral”, editado pelo governo argentino em 2021, com base na Ley n.º 27.621 de Educación Ambiental Integral, sancionada em 3 de junho de 2021.

*En la misma se promueve un abordaje pedagógico y democrático en el que se profundiza el respeto y el valor de la biodiversidad, la equidad, el reconocimiento de la diversidad cultural, el cuidado del patrimonio natural y cultural, la igualdad desde un enfoque de género, la participación y la formación ciudadana y el ejercicio del derecho a un ambiente sano. (Argentina, 2021)*

No entanto, a conservação e a participação da sociedade não podem ser compreendidas exclusivamente a partir de parâmetros técnicos ou científicos ocidentais, que regem as unidades dos dois países até hoje. O conhecimento acumulado por povos originários e comunidades tradicionais, que transmitem conhecimento de gerações, sendo fundamentado na observação cotidiana dos ciclos ecológicos, constitui base fundamental para práticas mais eficazes de preservação e manejo territorial. O reconhecimento desses saberes não implica necessariamente romantização, mas sim a construção de políticas públicas que integrem ciência acadêmica e conhecimento tradicional. Há diferentes culturas entre os povos originários, há diferentes modos de convivência com as sociedades não indígenas e de aculturação. Faz-se também necessária a ressalva de que ter nascido em berço indígena não torna automaticamente a relação com a natureza equilibrada, como ocorre em parâmetros ancestrais. Há conflitos e toda uma complexidade histórica a considerar. Trata-se de compreender como diferentes instrumentos jurídicos e diferentes epistemologias se articulam na defesa dos biomas e na resistência às pressões econômicas contemporâneas.

A experiência brasileira e argentina oferece elementos para pensar uma conservação plural, que reconhece a diversidade de sujeitos e territórios, neste lugar estratégico da América Latina, onde estão situados os Parques Nacionais do Iguazu e Iguazú, como parte constitutiva da própria ideia de proteção ambiental e participação. Nesse sentido, emerge uma discussão mais ampla sobre a construção de práticas latino-americanas, brasileiras, argentinas e também paraguaias, que integram a região fronteira onde esta pesquisa se insere. Pensar para além da importação de modelos globais e dialogar com as especificidades territoriais, com a presença histórica de povos originários, comunidades tradicionais, comunidade local e com as disputas contemporâneas sobre o uso da terra.

Os documentos referentes às iniciativas de moderação e interação dos parques com a comunidade mostram dificuldades, contradições e conquistas. No artigo “O Parque Nacional do Iguazu e a Educação Ambiental: uma trajetória a ser contada”, as autoras Rosani Borba, Marcia Borin Cunha e Mariele Mucciato Xavier argumentam e detalham as fases da EA, no Parque Nacional do Iguazu, e fazem uma leitura macro do cenário nacional e internacional, iniciando nos anos 1970 até os dias atuais. A obra mostra que o parque também é parte de algo maior e que as

decisões tomadas ao longo da história estavam relacionadas a decisões nacionais e tendências internacionais.

Na década de 1970 e 1980, quando a EA em nível nacional estava voltada a prevenir e resolver problemas de ordem estritamente ecológica, de caráter reformista, o PNI incluiu no seu Plano de Manejo (de 1981) a necessidade de atividades na Escola Parque bem como a elaboração de materiais audiovisuais sobre o PNI, seguindo a mesma orientação de EA reformista, caracterizada pela macrotendência Conservadora (Layrargues; Lima, 2014). No entanto, na prática, a EA não se configurava prioritária na gestão do PNI, considerando que apenas uma das atividades previstas no PM de 1981 foi executada e ainda de forma parcial. A década de 1990 marcou uma evolução da EA nacional, com os eventos e documentos orientadores, influenciando a elaboração dos próximos Planos de gestão do Parque; do Plano de Ação Emergencial - PAE de 1994, que incluiu a expressão Educação Ambiental e a orientou para parcerias e ações com o público do entorno; e do PM de 2000, que instituiu o setor de EA e a Escola Parque como responsável pelos programas de EA. A partir de então a EA passou a atuar de forma organizada, efetiva e planejada. Do ano de 2004 até os dias atuais, a EA praticada no PNI passa a ser orientada pela macrotendência crítica, considerando que inclui nas suas ações o uso de documentos orientadores e práticas que vão além da conservação e preservação da floresta, provocam a reflexão e a promoção de ações socioambientais contextualizadas, como o curso para professores (Borba; Cunha; Xaxier, 2017, p. 131-132).

E para pensar o futuro, a ciência, é preciso ler a história deste território, como propõe Friggeri (2022), em “Biocentrismo ancestral: uma ecologia mais profunda”, artigo publicado no *Le Monde Diplomatique Brasil*, que chama atenção “para os processos genocidas, etnocidas e invisibilizadores que foram elementos centrais da formação dos nossos Estados-nação”. Para o autor, ser ecológico vai muito além, requer gente, interação, troca, respeito à história e à constituição dos Direitos da Natureza.

Não se identifica com o ambientalismo, proposta valorizada, mas limitada por pensar a natureza como ambiente do ser humano e, portanto, permanece em um paradigma antropocêntrico. Em princípio, é possível pensar ambas as abordagens sem se opor a elas, mas também pensar em sua complementaridade, especialmente no campo jurídico, o que requer repensar os Direitos Humanos em um contexto mais amplo e mais profundo, resgatando a relacionalidade humana em sua mais rica compreensão: aquela que engloba a comunidade entre os humanos e entre os humanos e demais seres da natureza. (Friggeri, 2022).

A educação ambiental vem passando por uma reorientação significativa no Parque Nacional do Iguaçu (ICMBio, 2023 e 2024). Da abordagem centrada na visitação e da interpretação ambiental, passando para uma perspectiva territorial,

crítica e formativa. O conceito é inspirado na educação popular, especialmente na abordagem de Paulo Freire. Essa mudança entende a educação ambiental como uma prática de intervenção no território, incorporando dimensões políticas, sociais e econômicas. Iniciativas como a formação continuada de professores em diversos municípios, o fortalecimento de instâncias participativas no conselho gestor e o estímulo à elaboração de projetos locais indicam um esforço de capilarização das ações, ampliando o alcance da educação ambiental para além dos limites físicos da unidade de conservação.

Por outro lado, no Parque Nacional Iguazú, observa-se a consolidação de práticas mais voltadas à sensibilização e à interpretação ambiental, com forte atuação junto a instituições educativas das cidades do entorno. As ações incluem visitas guiadas, atividades em escolas e divulgação por meio de redes sociais e canais institucionais, posicionando o parque como referência regional em temas ambientais. Em ambos os casos, ainda há limites institucionais, operacionais e epistemológicos que restringem o alcance dessas práticas. No entanto, registram-se na condução dos dois parques iniciativas de articulação com escolas, na formação de educadores, com envolvimento significativo de jovens e na valorização de saberes locais. A educação ambiental se configura como um campo estratégico para a mediação de conflitos, ela colabora para a reconstrução de vínculos entre sociedade e natureza e a construção de formas mais colaborativas de gestão das unidades de conservação.

E um dos grandes destaques da educação ambiental dos últimos anos foi a consolidação do Projeto Político-Pedagógico mediado pela Educação Ambiental do Parque Nacional do Iguazú, lançado no ano de 2024, que coloca a educação ambiental como elemento central das políticas públicas voltadas à melhoria da conservação da biodiversidade, da qualidade de vida dos grupos sociais envolvidos na gestão ambiental pública (GAP) e da gestão das Unidades de Conservação (UCs).

Nos últimos anos, esse processo enfrentou desafios, como a pandemia ocasionada pelo Covid-19, que reduziu temporariamente o desenvolvimento de atividades educativas no território da unidade. No entanto, o retorno gradual das iniciativas de EA, em 2022, trouxe consigo uma renovada esperança. Esse compromisso foi evidente na elaboração do PPPEA, que se fundamentou nos princípios pedagógicos de Paulo Freire, promovendo um processo educacional dialógico e participativo. (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2024).

## 2.2 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NOS PARQUES

A divulgação científica se configura como a ponte entre a produção do conhecimento e sua circulação social, ou seja, o conhecimento para a transformação do território. A divulgação científica vai além do espaço acadêmico e se dirige ao público amplo, utilizando diferentes linguagens, mídias e estratégias de mediação. No caso dos parques, divulgar as pesquisas realizadas em seu interior, sejam elas voltadas à biodiversidade, ao turismo, à gestão ou à memória cultural e à fiscalização, pode ser um passo importante para garantir a democratização da ciência e o engajamento social com a conservação. Este tópico aborda os conceitos-chave da divulgação científica e suas possíveis aplicações no contexto dos parques, destacando experiências, limites e potencialidades da integração, comunicação, para construção e fortalecimento do território deste estudo.

Nesta pesquisa, foram entrevistadas pessoas relacionadas à pesquisa científica, ao quadro de profissionais dos parques e pesquisadores(as) externos que possuem relação com tais unidades como objetos de pesquisa e estudo. Duas entrevistas abriram a série de diálogos nos dois países, com o chefe do Parque Nacional do Iguaçu, José Ulisses, e o chefe do Parque Nacional Iguazú, José María Hervás, já apresentados no capítulo anterior, quando analisaram a integração. Neste capítulo, os gestores e pesquisadores colaboraram no entendimento sobre os desafios da pesquisa, da divulgação científica, o conhecimento destes estudos pela comunidade e a educação ambiental. Uma das surpresas foi descobrir os principais temas e todas as pesquisas registradas nos parques. A lista, com todas as pesquisas registradas e autorizadas pelos parques, está em anexo nesta pesquisa, com os títulos dos estudos.

O parque argentino registrou, desde o ano de 1986, um total de 336 pesquisas em diversas temáticas e olhares de estudos. São dados de 40 anos de estudo, dedicação, descobertas, de pesquisadores das mais distintas áreas do conhecimento. Os dados foram revelados pela equipe de pesquisa do parque argentino por meio do *Sistema de Información de Biodiversidad de la Administración de Parques Nacionales* (SIB-APN). A APN é um órgão ligado ao *Ministerio de Ambiente y Desarrollo Sostenible de la Nación* (MAyDS). A plataforma é o registro oficial de gestão da informação científica e técnica vinculada aos Parques Nacionais

e Áreas Protegidas da Argentina<sup>2</sup>, que tem o objetivo de apoiar a gestão da conservação, dar transparência às pesquisas realizadas e favorecer o acesso público à informação.

Em quantidade de trabalhos por ordem, esta pesquisa listou as 20 áreas com mais pesquisa neste recorte histórico, no Parque Nacional Iguazú, Argentina: 1) Biodiversidade e Diversidade de Espécies; 2) Florestas e Vegetação; 3) Insetos e Aracnídeos; 4) Conservação e Manejo; 5) Água e Recursos Hídricos; 6) Inventários; 7) Aves; 8) Genética e Biotecnologia; 9) Comunidades e Aspectos Sociais; 10) Turismo e Uso Público; 11) Plantas e Botânica; 12) Mamíferos; 13) Herpetofauna (anfíbios e répteis); 14) Impactos ambientais; 15) Peixes; 16) Patrimônio Cultural; 17) Polinização; 18) Educação Ambiental; 19) Restauração Ecológica; e 20) Clima e Mudanças Climáticas.

No Parque Nacional do Iguazu, conforme dados repassados por seu setor de pesquisa, foram autorizadas a quantidade de 521 pesquisas científicas, desde o ano de 2007, quando entrou em atividade o Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO). Semelhante ao sistema argentino SIB-APN, o SISBIO é o sistema eletrônico do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) ligado ao Ministério do Meio Ambiente do Brasil. É responsável por controlar, autorizar e registrar atividades de pesquisa científica em biodiversidade no território nacional, especialmente em unidades de conservação federais. Emite autorizações para coleta de material biológico, captura, marcação e transporte de animais e plantas; registra pesquisas científicas realizadas em áreas protegidas; e dá suporte à gestão, permitindo que os gestores de parques e reservas acompanhem os projetos realizados.

O Parque Nacional do Iguazu, Brasil, guarda algumas semelhanças com o Parque Iguazú, Argentina, nos temas mais pesquisados. A lista organizada de quantidade de pesquisas apresenta as seguintes áreas: 1) Biodiversidade e Diversidade de Espécies; 2) Conservação e Manejo; 3) Zoologia – Mamíferos; 4) Educação Ambiental; 5) Clima e Recursos Hídricos; 6) Comunidades e Aspectos Sociais; 7) Entomologia (Insetos e Aracnídeos); 8) Genética e Biotecnologia; 9) Geociências; 10) Turismo e Uso Público; 11) Zoologia – Herpetofauna; 12) Zoologia – Aves; 13) Botânica e Recursos Vegetais; 14) Zoologia – Peixes; 15) Tecnologia e

---

<sup>2</sup> Disponível no endereço eletrônico: <https://sib.gob.ar/>

Monitoramento; 16) Impactos Ambientais e Mudanças Climáticas; 17) Saúde da Fauna; 18) Patrimônio Cultural; 19) Restauração Ecológica; e 20) Ecologia e Ecossistemas.

Paralelamente à análise documental, esta pesquisa detalha os fundamentos das entrevistas com pesquisadores brasileiros, argentinos e servidores dos Parques Nacionais Iguaçu e Iguazú, além dos dois chefes dos parques. Entre os profissionais dos parques, foram entrevistados os dos setores de pesquisa, investigação, uso público e educação ambiental. Entre os pesquisadores na Argentina foram entrevistados(as): 1) Atilio Guzmán, *doutor en Ciencias Naturales; área de pesquisa, Iguazú*; 2) Florencia Biondi, *área de educação ambiental, Iguazú*; e 3) Diego Varela, *biólogo, Coordinador del Observatorio de Biodiversidad del Bosque Atlántico (OBBA, IBS-CONICET-UNaM)*<sup>3</sup>, externo ao Parque Nacional Iguazú. No Brasil foram entrevistados(as): 1) Marcela Kropf, *doutora em ciências ambientais e florestais*; 2) Mariele Mucciato Xavier, *mestre em meio ambiente e desenvolvimento*; 3) Marius da Silva Pinto Belluci, *mestre em microbiologia veterinária, servidor do ICMBio, Iguaçu*; 4) Neucir Szinwelski, *doutor em entomologia*; 5) Rogério Oliveira Souza, *mestre em sustentabilidade e tecnologia ambiental, servidor do ICMBio*; e 6) Yara Barros, *doutora em ciências biológicas (Zoologia)*.

Buscou-se compreender a trajetória dos pesquisadores e de suas respectivas pesquisas relacionadas aos Parques Nacionais Iguaçu e Iguazú, abordando como a pesquisa científica, os pesquisadores e agentes envolvidos dialogam com os parques. Neste levantamento há informações de temas recorrentes e de que forma os parques se apropriam (ou não) dos resultados produzidos. O levantamento realizado evidencia a importância de sistematizar e tornar mais visíveis tais investigações e, ao mesmo tempo, melhorar a circulação da informação. A pesquisa científica constitui um dos pilares para a gestão ambiental e territorial em unidades de conservação. No caso dos Parques Nacionais do Iguaçu e do Iguazú, ela tem desempenhado papel fundamental na produção de conhecimento sobre a fauna, flora, dinâmica social, territorialidade, turismo, mudanças climáticas e outros aspectos relevantes da paisagem protegida. Apesar disso, percebe-se que nem sempre esses estudos resultam em ações concretas de conservação ou se

---

<sup>3</sup> CONICET é o maior órgão estatal de fomento às atividades acadêmico-científicas na Argentina, correspondendo à CAPES no Brasil. Já UNaM refere-se à Universidad Nacional de Misiones, sendo Misiones o estado argentino onde se localiza o Parque Nacional Iguazú.

traduzem em políticas públicas, tampouco são adequadamente incorporados aos processos de planejamento e educação ambiental.

Os motivos para tal comportamento são diversos, conforme explicam os envolvidos diretamente com os parques. Por exemplo, há muitas pesquisas que são curtas e não apresentam resultados de longa duração. A pesquisa científica constitui um dos pilares centrais na formulação de estratégias de conservação ambiental, sobretudo em unidades de conservação com características transfronteiriças, como os Parques Nacionais do Iguaçu (Brasil) e do Iguazú (Argentina). A partir das entrevistas, evidencia-se que a ciência não apenas subsidia a gestão ambiental, como também funciona como mediadora entre instituições, saberes e comunidades. Neste contexto de comunidade de entorno, Maher (2007) comenta a necessidade do aprendizado e do convívio.

Sem que o entorno aprenda a respeitar e a conviver com diferentes manifestações linguísticas e culturais, mesmo que fortalecidos politicamente e amparados legalmente, estou convencida de que os grupos que estão à margem do *mainstream* não conseguirão exercer, de forma plena, sua cidadania. (Maher, 2007)

### **2.3 PERFIL DOS/AS ENTREVISTADOS/AS**

As entrevistas com profissionais brasileiros e argentinos que atuam nos parques permitem compreender como diferentes campos institucionais e científicos se articulam na produção de conhecimento, na gestão do território e na relação com a sociedade, oferecendo subsídios para uma análise comparativa sobre os desafios da conservação, da educação ambiental e da integração transfronteiriça entre os Parques Nacionais do Iguaçu e Iguazú, e a comunidade do entorno.

#### **Entrevistados brasileiros**

Os entrevistados(as) brasileiros abordados nesta pesquisa foram sete profissionais com trajetórias diretamente vinculadas à pesquisa científica, à gestão pública, à conservação da biodiversidade e à educação ambiental no contexto do Parque Nacional do Iguaçu. Participam deste estudo Neucir Szinwelski, pesquisador e coordenador do Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração PELD Iguaçu; José Ulisses dos Santos, chefe do Parque Nacional do Iguaçu; Mariele

Mucciatto Xavier, servidora do ICMBio e ex-gestora da Escola Parque; Rogério Oliveira Souza e Marius da Silva Pinto Belluci, ambos analistas ambientais do ICMBio no Parque Nacional do Iguaçu; Marcela Stuker Kropf, pesquisadora em Ciências Ambientais e Florestais e docente, com doutorado sobre os parques nacionais Iguaçu e Iguazú, com atuação na UNILA até 2020 e no Cefet-RJ a partir de então; e Yara Barros, bióloga e coordenadora do Projeto Onças do Iguaçu. A diversidade de formações, funções institucionais e campos de atuação desses entrevistados permite uma leitura plural sobre a perspectiva referente aos parques, articulando dimensões técnicas, científicas, educativas e comunicacionais na análise dos desafios e estratégias relacionados à conservação e à integração regional.

### **José Ulisses dos Santos – Chefe do Parque Nacional do Iguaçu (Brasil)**

José Ulisses<sup>4</sup> ressaltou a importância da pesquisa científica como base estratégica para a gestão do Parque Nacional do Iguaçu. Para ele, a produção de conhecimento não pode ficar isolada em relatórios, mas precisa dialogar diretamente com a prática de manejo e conservação. O desafio está em transformar os resultados em instrumentos concretos de gestão, capazes de orientar políticas e decisões. “A gente realmente precisa promover mais conhecimento sobre o território e os instrumentos de gestão. Essa é uma forma de tornar a pesquisa mais útil para a tomada de decisões” (Santos, entrevista, 2025). Ele reconhece que os entraves burocráticos atrapalham a cooperação, mas reforça que a ciência é o elo capaz de superar barreiras políticas e fortalecer a integração entre os dois parques.

### **Neucir Szinwelski – Pesquisador coordenador do PELD Iguaçu**

Neucir relatou sua trajetória ligada à pesquisa científica no Parque Nacional do Iguaçu, desde os estudos iniciais até a consolidação do PELD Iguaçu (Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração), que envolve cerca de cem pesquisadores. O projeto é considerado uma das maiores conquistas científicas do

---

<sup>4</sup> Entrevista com José Ulisses dos Santos. Foram realizados dois encontros com José Ulisses dos Santos. O primeiro foi presencial, na sede do ICMBio, no Parque Nacional do Iguaçu, na cidade de Foz do Iguaçu, em 29/01/2025. O segundo se deu por videoconferência em 30/06/2025, com duração estimada de 1 hora em cada encontro. Também houve troca de e-mails com questões (ou informações) específicas sobre tratativas entre os parques e relatório de pesquisas. A maior parte do conteúdo utilizado nesta pesquisa adveio do segundo encontro, em 30/06/2025.

parque, pois garante monitoramento de longo prazo, algo essencial para compreender processos ecológicos complexos. “A aprovação do PELD Iguaçu foi uma conquista para a ciência do parque. É uma pesquisa ecológica de longa duração aqui no parque. Isso coloca o Iguaçu em um patamar internacional” (Szinwelski, entrevista, 2025)<sup>5</sup>. O PELD conecta-se também ao Parque Nacional Iguazú, já que diversos grupos de pesquisa desenvolvem trabalhos comparativos e integrados nos dois lados da fronteira. Para Neucir, a integração científica é indispensável para entender a biodiversidade em escala regional e reforçar conhecimentos na região, principalmente.

### **Mariele Mucciatto Xavier – servidora do ICMBio, ex-gestora da Escola Parque, Iguaçu**

Mariele enfatizou que a educação ambiental desenvolvida no Parque Nacional do Iguaçu sempre esteve articulada com a produção de conhecimento. Em sua gestão à frente da Escola Parque, procurou conectar resultados de pesquisa com práticas pedagógicas voltadas às comunidades do entorno, formando professores e multiplicadores ambientais. “Hoje, o que a gestão do Ulisses está fazendo, vejo como estratégico. Curso aos professores da rede pública fortalece de fato os vínculos com as comunidades do entorno” (Xavier, entrevista, 2025)<sup>6</sup>. A servidora teve um papel determinante para consolidar a educação ambiental como campo de pesquisa e ferramenta de integração com a comunidade. Embora sua atuação tenha sido mais forte no Brasil, os diálogos com o Parque Nacional Iguazú também ocorreram em algumas iniciativas binacionais, reforçando a ideia de que a educação pode ser uma ponte entre ciência, integração e as populações locais.

### **Rogério Oliveira Souza – Analista Ambiental (ICMBio/PNI)**

Rogério é crítico em relação ao uso das pesquisas fragmentadas no Parque Nacional do Iguaçu. Ele apontou que muitas vezes os trabalhos são repetitivos ou

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada por videoconferência em 25/06/2025, com duração de uma hora, com Neucir Szinwelski, pesquisador vinculado ao PELD Iguaçu, abordando aspectos de pesquisa científica de longa duração, integração institucional e divulgação científica.

<sup>6</sup> Entrevista realizada por videoconferência em 04/07/2025, com Mariele Mucciatto Xavier. O diálogo teve duração de 58 minutos sobre educação ambiental, divulgação científica e relacionamento com o entorno do Parque Nacional do Iguaçu.

pouco articulados com a gestão, a realidade local. Ressaltou, contudo, que a pesquisa científica é essencial para a conservação, equiparando sua importância à proteção e ao uso público. “As pesquisas geralmente não têm vínculos com o parque. E, no geral, a maioria delas não tem continuidade, e isso fragiliza o uso científico na gestão.” (Souza, entrevista, 2025)<sup>7</sup>. O servidor sugere articulação entre ciência, divulgação e gestão, tanto no Iguazu quanto em Iguazú. Rogério reconhece que a cooperação internacional poderia ajudar a superar a fragmentação, já que os desafios ecológicos ultrapassam fronteiras políticas.

### **Marius da Silva Pinto Belluci – Analista Ambiental (ICMBio/PNI)**

Marius relatou a importância dos projetos científicos de longa duração no Parque Nacional do Iguazu, como algo estratégico para uma unidade de conservação. Ele vê a integração entre instituições como fundamental para consolidar redes de conhecimento na região, e como motor desta divulgação científica. “Uma proposta foi submetida ao CNPq. Isso significa estruturar uma rede científica sólida. É ciência aplicada ao manejo e, ao mesmo tempo, formação de novos pesquisadores” (Belluci, entrevista, 2025)<sup>8</sup>. Segundo o servidor, o projeto dialoga com os dois parques, já que muitos dos pesquisadores participantes do programa também desenvolvem trabalhos comparativos no lado argentino. E a proposta de redes de pesquisa indica o caminho para uma integração científica mais institucionalizada entre os dois parques.

### **Marcela Stuker Kropf – Pesquisadora em Ciências Ambientais e Florestais e Docente (UNILA até 2020, Cefet-RJ após 2020)**

Marcela relatou sua experiência acadêmica vinculada ao Parque Nacional do Iguazu e ampliada para o Parque Nacional Iguazú. Ela ressaltou que não é possível pensar a pesquisa de maneira isolada, pois os ecossistemas formam uma continuidade. Seus levantamentos iniciais de pesquisas mostraram como as

---

<sup>7</sup>Entrevista realizada presencialmente com Rogério Oliveira Souza, na sede do ICMBio, no Parque Nacional do Iguazu, em Foz do Iguazu, em 19/05/2025, com duração de 1h30min, abordando temas relacionados à educação e à pesquisa.

<sup>8</sup> Marius da Silva Pinto Belluci foi entrevistado presencialmente, na sede do ICMBio, no Parque Nacional do Iguazu, em 19/05/2025. O diálogo foi sobre programas de pesquisa, resultados de pesquisa e divulgação científica.

conexões entre os dois lados já existiam, ainda que pouco sistematizadas. “Uma das primeiras coisas que fiz foi levantar quais pesquisas já tinham sido feitas nos parques. Não tem como você separar esses ambientes, a ciência mostra claramente que é um mesmo território” (Kropf, entrevista, 2025)<sup>9</sup>. Ao trabalhar com os dois parques, Marcela mostra que a fronteira política não deve fragmentar os ambientes de pesquisa, e que tanto o Iguaçu quanto o Iguazú precisam de estratégias conjuntas para avançar em conservação, gestão e divulgação científica.

### **Yara Barros – Bióloga, coordenadora do Projeto Onças do Iguaçu**

Yara comenta que a pesquisa científica é parte fundamental do Projeto Onças do Iguaçu, embora não seja seu único componente. O monitoramento genético, os estudos populacionais e o acompanhamento por armadilhas fotográficas são ferramentas indispensáveis para compreender a dinâmica da espécie e traçar estratégias de conservação. “Eu falo que a gente não é um projeto de pesquisa. Somos um projeto de conservação, que tem a pesquisa como um dos componentes.” (Barros, entrevista, 2025)<sup>10</sup>. A ligação com o Iguazú é direta, já que as onças circulam entre os dois territórios. Assim, a pesquisa realizada no lado brasileiro só faz sentido quando articulada com o monitoramento argentino. A espécie funciona como um símbolo de integração científica e ecológica entre os parques.

### **Entrevistados Argentinos**

Este estudo reúne entrevistas com quatro profissionais que atuam na Argentina, em posições estratégicas na gestão, pesquisa científica, conservação e educação ambiental vinculadas ao Parque Nacional Iguazú. Integram o conjunto José María Hérvás, chefe do Parque Nacional Iguazú; Atilio Guzmán, do setor de

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Marcela Stuker Kropf por videoconferência em 26/06/2025, com duração de 1 hora. No diálogo foram abordados aspectos binacionais e temas da pesquisa de doutorado da autora: Ultrapassando fronteiras na gestão da biodiversidade: o caso dos Parques Nacionais do Iguaçu (BR) e Iguazú (AR).

<sup>10</sup> Entrevista realizada com Yara Barros por videoconferência em 23/06/2025, com duração de uma hora. O diálogo central foi a divulgação científica e o relacionamento do Projeto Onças do Iguaçu com moradores e visitantes.

pesquisa da unidade; Maria Florencia Biondi, agente de conservação vinculada ao setor de educação ambiental; e Diego Varela, pesquisador do CEIBA (Centro de Investigaciones del Bosque Atlántico) e do CONICET, principal agência pública de fomento à pesquisa científica na Argentina.

### **José María Hérvás – Chefe do Parque Nacional Iguazú**

Hérvás defendeu que a pesquisa científica seja tratada como prioridade na gestão dos parques. Segundo ele, ainda falta um mecanismo mais sistemático de integração científica, capaz de alinhar esforços entre Brasil e Argentina. O compartilhamento de dados e metodologias é visto como caminho essencial para uma gestão mais eficaz. *“Lo que necesitamos es fortalecer la cooperación científica. Hoy tenemos algunos proyectos conjuntos, pero falta un mecanismo más sistemático”* (Hérvás, entrevista, 2025)<sup>11</sup>. O chefe do parque argentino aponta para a importância de institucionalizar a integração entre o Iguazu e o Iguazú, tendo a ciência como um dos pilares dessa cooperação, e que somente por meio dela será possível consolidar políticas binacionais de conservação e gestão do território compartilhado. *“La integración científica todavía es un desafío pendiente”*.

### **Atilio Guzmán – setor de pesquisa, Iguazú**

Atilio destacou o papel da articulação entre ciência, gestão e sociedade. Para ele, o Parque Nacional Iguazú não é apenas um espaço de conservação, mas também um laboratório vivo que se nutre da cooperação científica com outras instituições. Os convênios e mesas de trabalho interinstitucionais são ferramentas que fortalecem esse processo. *“La relación en cuanto a vinculación local se centra fundamentalmente en la articulación con otros organismos de ciencia y tecnología a través del trabajo colaborativo.”* (Guzmán, entrevista, 2025).<sup>12</sup> O intercâmbio de dados e metodologias mostra que a divulgação científica não se restringe ao

---

<sup>11</sup> Entrevista presencial com José María Hérvás, concedida no escritório do Parque Nacional Iguazú, centro de Puerto Iguazú, em 15/07/2025, com duração de 1 hora e 30 minutos, na sede administrativa do Parque Nacional Iguazú.

<sup>12</sup> A entrevista com Atilio Guzmán foi realizada, por questões pré-estabelecidas, por e-mail. As respostas foram encaminhadas em 26/06/2025, com ênfase nos vínculos institucionais, cooperação acadêmica e divulgação científica.

território argentino, mas abrange também os desafios comuns da fronteira Brasil–Argentina.

**Maria Florencia Biondi – agente de conservação, setor de educação ambiental, Iguazú**

Florencia explicou que a pesquisa científica também é incorporada nas ações de educação ambiental do parque. Ela destacou que os resultados dos estudos não ficam apenas nos relatórios, mas podem ser traduzidos em linguagem acessível para atividades com escolas e comunidades. Dessa forma, a ciência ganha alcance social e fortalece o papel educativo do parque. *“De esa manera, el conocimiento científico no se queda solamente en los informes técnicos. Llega a la gente de forma más clara, en un lenguaje accesible. Así logramos conectar la ciencia con la educación ambiental.”* (Biondi, entrevista, 2025)<sup>13</sup>. A pesquisa tem como elo de integração não apenas os países, mas se dá também entre parques e comunidades locais, ou seja, entre os parques e seu entorno.

**Diego Varella – pesquisador do CEIBA (Centro de Investigaciones del Bosque Atlántico) e Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnica (CONICET), principal agência financiadora de pesquisa na Argentina.**

Diego apontou que os parques são base de inúmeras pesquisas, de diferentes escalas e enfoques. Ele destacou especialmente o monitoramento de biodiversidade por meio de gravações acústicas e o estudo dos passos de fauna, ambos realizados por equipes binacionais. Esses trabalhos reforçam a ideia de que a ciência não pode ficar restrita a um único país. *“Los parques albergan investigaciones más amplias, que son aprovechadas por diversos investigadores. El parque sirve como base para muchos estudios.”* (Varella, entrevista, 2025).<sup>14</sup> Para ele, a divulgação científica é indispensável, pois fenômenos como atropelamento de fauna e perda de habitat ultrapassam

---

<sup>13</sup> A entrevista com María Florencia Biondi foi realizada, por questões pré-estabelecidas, por e-mail. As respostas foram encaminhadas em 06/06/2025, com ênfase em divulgação científica e educação ambiental.

<sup>14</sup> A entrevista com Diego Varella foi realizada por videoconferência em 18/06/2025, com duração de uma hora. O diálogo foi centralizado na pesquisa, divulgação científica e pertencimento do entorno do parque sobre os conhecimentos produzidos pelas pesquisas e pesquisadores.

fronteiras nacionais, exigem respostas coordenadas e participação da população local.

## **2.4 PROJETOS E INICIATIVAS CIENTÍFICAS NOS PARQUES**

A divulgação científica, necessária e reconhecida nesta pesquisa, permanece majoritariamente presa ao circuito acadêmico institucionalizado, operando em lógica distante da ciência com a sociedade. Essa dinâmica reproduz uma hierarquia epistêmica na qual o saber científico acadêmico ocupa posição central, distante do povo, e os demais saberes aparecem como periféricos, meramente ilustrativos ou muitas vezes invisibilizados.

Toda essa rica mostra de pesquisas, em sua maioria, não integra os acervos dos dois parques nacionais, nem físicos e nem em espaços online, de forma sistematizada, como algo próprio e singular dos parques, como serviço de informação, consulta, curiosidade, de modo público e gratuito. Muitas das descobertas, preocupações e rotinas não integram o imaginário coletivo da região. Os conhecimentos destas pesquisas ficam restritos ao universo institucional dos parques, aos pesquisadores envolvidos e acadêmicos que buscam informações em acervos de universidades e centros de pesquisas.

Acredita-se que um acervo histórico de pesquisas acessível, gratuito e digital, pode contribuir significativamente para a maior integração dos parques, tal como a temática do turismo e da onça-pintada, que possuem lugares de destaque no imaginário dos moradores do entorno dos parques e das comunidades nacionais, como será visto à frente. Esses estudos podem formar um acervo a ser disponibilizado, assim como o majestoso conjunto de cachoeiras, a visitantes que o procuram. Esta pesquisa parte do princípio de que a divulgação científica, com base em estudos, e o compartilhamento de forma acessível e permanente de informações, bebendo da fonte das boas práticas da Educação Ambiental, podem colaborar para uma melhor integração entre os dois parques e dos parques com a sociedade.

O problema não está na ciência, mas na sua artificialização institucional, que transforma o parque em laboratório fechado, isolado das territorialidades vivas que historicamente constituíram aquele espaço. Por exemplo, a ausência de povos

indígenas nos processos decisórios e interpretativos reforça essa artificialidade científica, reduzindo a complexidade ecológica a apenas um modelo de conhecimento. São olhares de ciência que permitem, sem muito debate, essa exclusão do histórico social e seu isolamento da questão ecológica.

Politizar a discussão científica, nesse contexto, não significa partidizar a ciência, mas reconhecer que toda produção de conhecimento está situada e que a democratização epistêmica é condição para uma gestão verdadeiramente integrada. Superar essa lógica exige ir além da divulgação científica e construir efetivos diálogos de saberes, envolvendo conhecimentos acadêmico-científicos, populares, tradicionais e originários. No caso das Três Fronteiras, essa ampliação implica reconhecer a geopolítica popular e ecológica estruturada a partir da água, elemento central na cosmovisão Guarani: “y”, ou “i”, não é apenas recurso natural, mas princípio organizador da vida e do território, conformando corredores biológicos e territorialidades dinâmicas que ultrapassam as fronteiras estatais. Nesse sentido, o parque pode deixar de ser apenas campo de pesquisa acadêmica para tornar-se território de aprendizagem compartilhada, onde diferentes racionalidades ecológicas dialogam em condição de reciprocidade.

De acordo com Friggeri (2022), a contribuição para aproximar as pessoas e ampliar o conhecimento é preciso reconhecer a história dos povos ancestrais e pensar além dos muros da ciência burocrática, que considera conhecimento apenas aquele que está nos livros, artigos e que vem da universidade.

A chave para essa contribuição é o que eu chamaria de Biocentrismo Ancestral. É que a primeira grande diferença de profundidade é que não se trata de uma proposta teórica, não é algo que está nos livros e temos que encontrar como praticá-la, o que se propõe como um caminho político e ecológico é uma práxis de vida existente, viva e, sobretudo, ancestral – poderíamos dizer milenar. Também é verdade que se trata de uma prática ferida, assediada e cercada, e isso leva a repensar o objetivo central de qualquer proposta ecológica autêntica. Esse biocentrismo é uma prática histórica, com milhares de anos de aprendizado e consagração comunitária, que rompe com o espaço-tempo progressivo, matriz epistêmica do capitalismo, infelizmente também compartilhado por muitos que dizem se opor a ele, mas a partir de uma posição eurocêntrica. Esse questionamento da espaço-temporalidade ocidental, a partir de outra espaço-temporalidade que poderíamos entender “em espiral”, é outro dos aspectos em que a ecologia se aprofunda. Friggeri (2022).

A tentativa de romper barreiras e ampliar o conhecimento e a relação com a sociedade, com base na pesquisa científica, aparece de forma recorrente nas falas

dos entrevistados. José Ulisses dos Santos, chefe do Parque Nacional do Iguaçu, sublinha que o conhecimento gerado dentro da unidade precisa se converter em decisões de manejo, caso contrário, perde sua utilidade prática. “Temos recebido uma demanda crescente de pesquisadores de instituições, nacionais e internacionais. Mas ainda precisamos avançar na forma de sistematizar e divulgar esse conhecimento” (Santos, entrevista, 2025).

Por outro caminho, Marius Belluci, servidor do ICMBio, destaca a importância de conhecer o território e o que as pesquisas apontam sobre este lugar e sobre a atividade econômica do turismo. “Não existe entorno para o turismo. Foz do Iguaçu não é uma cidade turística. É uma cidade com atrativos turísticos. Ela não se prepara para ser uma cidade turística. Você tem atrativos desconexos” (Belluci, entrevista, 2025). Para o servidor, há desconexão do turismo local, e a integração passa pelo entendimento e estudo das pesquisas, que levam em consideração a proteção real do Parque Nacional do Iguaçu e o envolvimento da comunidade nas ações. “Não podemos olhar só para o nosso quintal. Temos que ver o que acontece no Brasil, no mundo, no Paraguai, na Argentina. Pesquisar isto é ciência”.

Neucir Szinwelski, pesquisador coordenador do PELD Iguaçu, reconhece a dificuldade para fazer a divulgação científica circular melhor e reverberar na comunidade. “A gente tem uma grande dificuldade quanto à divulgação” (Szinwelski, entrevista, 2025). Um dos eixos do PELD Iguaçu é a comunicação, cuja proposta é trazer mais pessoas para dentro do projeto, pois, a partir disso, possibilita-se desenvolver novos trabalhos, captar recursos financeiros e ampliar a visibilidade para a pesquisa e para os pesquisadores.

Rogério Souza destaca que as divulgações precisam colaborar no entendimento das pessoas sobre os parques. De acordo com o servidor, se a sociedade não entender a importância do parque, o parque não vai cumprir sua função. “A comunidade precisa entender que o parque é da sociedade. Nós, servidores, somos temporários aqui. O que a gente deixa é o que é importante”. Segundo ele, há uma excelente parceria com a Unila e estão sendo retomadas tratativas com a Unioeste, entre outras instituições, para construir e acompanhar pesquisas de longa duração (Souza, entrevista, 2025).

Essa dimensão educativa aparece com força na fala de Mariele Mucciatto Xavier, que coordenou a Escola Parque no Parque Nacional do Iguaçu, no período

de 2009 a 2017. Sua visão aproxima ciência e pedagogia, ao defender a proximidade da pesquisa e da ciência com a comunidade.

Os trabalhos de divulgação da unidade com o curso dos professores geraram bastante aproximação e conhecimento das pessoas do entorno sobre o parque. O projeto *Conhecendo os Rios do Parque* gerou um bom movimento com escolas e conhecimento. Foram projetos que ajudaram a diminuir um pouco essa distância entre a gestão do parque e as comunidades do entorno. Bem naquela época que cheguei que ainda tinha muito resquício da polêmica da Estrada do Colono (Xavier, entrevista, 2025).

Para Mariele, tanto no Iguazu quanto no Iguazú, a educação ambiental deve ser compreendida como ciência, capaz de formar multiplicadores e de construir pertencimento social. No lado argentino, José María Hérvas, chefe do Parque Nacional Iguazú, também reconhece que a ciência deve ser articulada à gestão e à participação social. Ele defende mecanismos binacionais mais sistemáticos:

*Lo que necesitamos es fortalecer la cooperación científica. Hoy tenemos algunos proyectos conjuntos, pero falta un mecanismo más sistemático. La investigación no puede quedar aislada de la gestión, porque si no es información perdida. La idea es compartir datos de biodiversidad, monitorear juntos y generar conocimiento que sirva a ambos parques. La integración científica todavía es un desafío pendiente (Hérvas, entrevista, 2025).*

Hérvas reconhece que a legitimidade da pesquisa também depende de incorporar saberes locais e superar exclusões históricas. Atilio Guzmán, pesquisador do Iguazú, reforça esse argumento ao explicar que a APN mantém convênios e mesas de trabalho com instituições científicas e tecnológicas para a divulgação científica.

*La relación en cuanto a vinculación local se centra fundamentalmente en la articulación con otros organismos de ciencia y tecnología a través del trabajo colaborativo. Con esas otras instituciones la Administración de Parques Nacionales conforma convenios de cooperación en el mejor de los casos. O también lleva adelante investigaciones puntuales conjuntas en mesas de trabajo interinstitucionales (Guzmán, entrevista, 2025).*

Para ele, esses espaços de articulação precisam ser fortalecidos com o Brasil, de modo a consolidar uma base científica comum para os dois parques. O diálogo sobre divulgação científica também aparece na fala de Marcela Kropf, ex-docente da UNILA, que realizou levantamentos comparativos de pesquisas e fez sua tese de

doutorado dialogando com o Parque Nacional do Iguaçu, sobre o tema “Ultrapassando fronteiras na gestão da biodiversidade: o caso dos dos Parques Nacionais do Iguaçu (BR) e Iguazú (AR)”.

O que eu via era que as pesquisas não chegam de uma forma palatável, nem para os próprios gestores. Então, os pesquisadores fazem suas pesquisas e a pesquisa fica em algum lugar, numa nuvem, ou os pesquisadores conversando com eles mesmos. Eu me incluo nisso. E aí, você imagina: se mal chega para os próprios pesquisadores, mal chega para os gestores, imagina para o público em geral. Então, eu acho que é super importante levar as informações da pesquisa para o maior número de pessoas. Porque as páginas oficiais dos dois parques não trazem essas informações. E trazem informações muito básicas, com predomínio de informações para turista fazer visita (Kropf, entrevista, 2025)

Florencia Biondi, educadora do Iguazú, traz a perspectiva da divulgação direta à sociedade. Biondi reforça que traduzir a ciência em formatos acessíveis é uma forma de fortalecer vínculos entre comunidades.

*Algunas investigaciones son incluidas en las charlas que se dan en el área protegida. Otras investigaciones dan pie a hacer charlas abiertas a la comunidad, para su divulgación. De esa manera, el conocimiento científico no se queda solamente en los informes técnicos. Llega a la gente de forma más clara, en un lenguaje accesible (Biondi, entrevista, 2025).*

No campo da conservação, Yara Barros ressalta que o Projeto Onças do Iguaçu faz sua divulgação científica com empatia e envolvimento com a comunidade.

Eu chamo de engajamento, que é fazer as pessoas se encantarem com as onças. Fazer as pessoas realmente mudarem a percepção que elas têm dos animais. Por isso a gente tem onça na escola, mostra itinerante, bafo de onça, onça no boteco. [...] Nosso trabalho é que as pessoas vejam as onças como um animal majestoso, e que entendam que elas só querem ser onças. (Barros, entrevista, 2025).

Yara mostra que a divulgação científica pode estar em uma simples conversa, em uma arte, um grupo de mensagens no celular, em um perfil da rede social. Diego Varela, pesquisador do CEIBA/CONICET, amplia a análise com exemplos de pesquisas binacionais em andamento. Sua fala ilustra como os parques funcionam como plataformas de integração científica, em que os resultados só ganham sentido quando compartilhados regionalmente.

*Los parques albergan investigaciones más amplias, que son aprovechadas por diversos investigadores. El parque sirve como base para muchos estudios. Uno de los enfoques actuales es el monitoreo de biodiversidad mediante grabaciones acústicas, realizado por investigadores brasileños y argentinos. También se monitorean los ríos y pasos de fauna, observando los impactos del atropellamiento de animales silvestres (Varella, entrevista, 2025).*

Em resumo, o entendimento entre os entrevistados revela que a pesquisa científica nos parques do Iguazu e do Iguazú é vista como fundamental para a gestão, a conservação e pertencimento da comunidade e dos visitantes. Entretanto, há um consenso de que a comunicação científica ainda é frágil, dificultando o acesso da sociedade ao conhecimento gerado. A educação ambiental aparece como ponte para superar essa lacuna, traduzindo achados técnicos em práticas pedagógicas e comunitárias. Além disso, todas as pessoas entrevistadas reconhecem a necessidade de intensificar a cooperação binacional, tanto no compartilhamento de dados quanto na construção de políticas conjuntas. Assim, a ciência deixa de ser apenas instrumento de academia ou de gestão restrita e se transforma em eixo de integração territorial, social e cultural.

### 3 - ECOMUSEU VIRTUAL

Diante do panorama expresso nesta dissertação, a proposta de um “Ecomuseu Virtual das Três Fronteiras: projeto para ciência, memória e integração das áreas naturais entre as cidades fronteiriças de Argentina, Brasil e Paraguai” emerge como resposta propositiva e estratégica para articular ciência, comunicação, comunidade, gestão e saberes. Fundamentada em referenciais contemporâneos sobre acervos digitais e ecomuseologia (Enap, 2022; Lemos; Karpinski, 2020; Beiguelman 2019 e 2020), a iniciativa oferece uma alternativa viável para organização, preservação e difusão do conhecimento gerado sobre os parques ao longo das décadas, respeitando a diversidade sociocultural e os princípios de acessibilidade, participação e integração regional. Além disso, pode disponibilizar livros digitalizados que tratam das cidades e fatos históricos ocorridos na região. Mais do que uma solução tecnológica, o Ecomuseu Virtual propõe novas relações, que valorizam o conhecimento científico como Bem Comum, fortalecem a memória como componente da conservação e ampliam os sentidos da educação ambiental para além do discurso técnico, institucional, com o objetivo de conversar com novos e diferentes públicos. Ao reunir vozes diversas, integrar experiências de pesquisa e tornar visível o patrimônio imaterial da região das Três Fronteiras, a plataforma pode se consolidar como referência de inovação na gestão de áreas protegidas fronteiriças.

Ao observar registros fotográficos da transformação da paisagem, a partir de empresas de colonização do século XX, no Oeste do Paraná, Solange Portz (2002) utiliza o termo "paisagens da memória" para se referir a imagens que não existem mais no mundo natural, mas apenas em suportes da memória, como fotos, croquis, desenhos e lembranças. Apesar de as unidades de conservação, analisadas neste estudo, não sofrerem transformações espaciais nessa intensidade e velocidade, a formação de um acervo, um ecomuseu virtual, é parte intrínseca da memória, da informação, da educação ambiental, da afetividade das pessoas, da história e da própria conservação, no sentido profundo. Se ocorrer de modo integrado entre os dois parques, guardadas as devidas características do lado argentino e do brasileiro, e envolver as áreas naturais, reservas e espaços ecológicos que integram os corredores, nas áreas de fronteira dos três países, fortalece-se e recupera-se a

ligação histórica dos povos que habitavam este território, muito antes dessas áreas se tornarem parques, e da própria natureza, que não se organiza pelas fronteiras, divisas, pontes, aduanas, países, estados.

A integração, há tempos, passa pela busca também de uma identidade, algo comum, que una os parques e as áreas naturais, conforme destaca Marcela Stüker Kropf em sua tese “Ultrapassando fronteiras na gestão da biodiversidade: o caso dos Parques Nacionais do Iguaçu (Brasil) e Iguazú (Argentina)”: “Um primeiro aspecto a considerar é a construção de uma identidade comum, iniciando com uma nomenclatura que simbolize a área protegida transfronteiriça” (Kropf, 2014, p. 205). Afinal, não há conservação ou preservação sem o envolvimento das pessoas, suas línguas, suas culturas.

Notou-se que brasileiros e argentinos indicam a grafia de acordo com o seu idioma, no caso de uma verdadeira TBPA seria interessante considerar uma nomenclatura 'neutra', como por exemplo a grafia Iguassu, que deriva do guarani, identidade comum a ambos os parques, como defende Cury (2010) sobre o 'Território Transfronteiriço do Iguassu'. Um dos nomes apresentados como pré-existentes pelos gestores foi 'Selva Paranaense'. Realmente já foi vislumbrada uma Reserva da Biosfera Internacional da Selva Paranaense, mas não está concretizada. A proposta de Ecorregião das Florestas do Alto Paraná e Corredor Verde Trinacional são derivadas desta iniciativa e também aparecem como nomes conhecidos pelos gestores para a região. Outra sugestão foi Parque Internacional da Mata Atlântica, este caso não foi encontrado na literatura, existindo apenas a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, mas que não chega a incluir o Parque Argentino (Kropf, 2014, p. 205).

Este ecomuseu virtual pode operar como espaço de mediação intercultural, trazendo, além de pesquisas e saberes, todas as discussões históricas, organizadas a partir da dinâmica das águas, das fronteiras, das florestas, conectando Brasil, Argentina e Paraguai. E igualmente pode permitir que universidades como a Universidad Nacional de Misiones (UNaM) e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), que atuam em projetos de integração, diálogos com comunidades e projetos de extensão, possam colaborar na organização e mediação deste espaço virtual. O projeto tem o objetivo de fortalecer e ampliar a divulgação científica e saberes referentes às investigações realizadas nos Parques Nacionais do Iguaçu (Brasil) e do Iguazú (Argentina), como também nas áreas naturais da região fronteira, integrando os corredores biológicos dos três países, inclusive do Paraguai, tendo os dois parques como destaques agregadores.

E esta perspectiva mais ampla para a integração local, olhando para além dos portões dos parques, tem base nas discussões históricas que ocorrem na região, conforme recorte histórico, detalhado por Cury (2010), no estudo “Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI): interconexões, interdependências e interpenetrações nas cidades da Tríplice Fronteira. Foz do Iguazu (BR), Ciudad del Leste (PY) e Puerto Iguazú (AR)”, ao qual Kropf se referiu na citação acima. Segundo Cury (2010), foram vislumbrados os seguintes projetos de integração local:

**a) Criação da Reserva da Biosfera Binacional de Itaipu, 1991**, envolvendo o Parque e os ecossistemas da área de domínio da Itaipu em territórios do Brasil e do Paraguai, com objetivos de perenização dos rios e a sanidade da bacia do rio Paraná. Criação de áreas de pesquisas ambientais multidisciplinares, recuperação de áreas degradadas e preservação da alta taxa de biodiversidade regional; **b) Projeto Reserva da Biosfera do Rio Paraná, 1994**. Foi apresentada pelas Secretarias do Meio Ambiente do Paraná e do Mato Grosso do Sul, durante as Conferências do MERCOSUL sobre Meio Ambiente e Aspectos Fronteiriços, a Empresa Concessionária de Rodovias do Sul S/A - ECOSUL / 1994. Abrangendo os territórios da Argentina, Brasil e Paraguai, com a função de três fatores: preservação de espécies da flora e fauna da selva paranaense; elevada densidade demográfica dos países da região; e o sucessivo represamento do rio Paraná e seus afluentes; **c) Projeto da Reserva da Biosfera Internacional da Selva Paranaense, 1994**. Consiste em uma grande reserva envolvendo a Argentina – Reserva Nacional e PNI-AR; Brasil – PNI-BR; Paraguai – Monumento Científico Moisés Bertoni, com o objetivo de formar uma cadeia de áreas protegidas, visando à proteção integral e permanente do meio ambiente; **d) Projeto do Corredor Verde Trinacional, 1995 – efetuado pela Fundação Vida Silvestre Argentina e patrocinado pela WWF**, apresentado num seminário em Hernandárias, Paraguai, com a participação dos três países, unindo a Reserva Natural de Mbarcyú, o museu científico Moisés Bertoni (Paraguai), o PNI-BR, o PNI-AR e o Parque Provincial de Moconá (Argentina), chegando até o Parque Estadual do Turvo (Brasil)<sup>15</sup>; **e) Corredor de Biodiversidade de Santa Maria, 2002**. É o marco inicial da concretização de todos os Projetos anteriormente citados. Tem o objetivo de desenvolver ações, de estabelecer um corredor de biodiversidade, com a recomposição e conservação adequada das matas ciliares por 26 km, dos rios Apepú, Bonito e seus tributários, Reservas Particulares do Patrimônio Natural – RPPN de Santa Maria, ligando o Parque à faixa de preservação da Itaipu Binacional. As ações envolvem todos os órgãos ambientais: prefeituras, comunidades rurais, Ministério Público Estadual e Federal; **f) Projeto Paraná Biodiversidade – Corredor Iguazu-Paraná, 2002**. O Projeto Paraná Biodiversidade tem como objetivo central a formação de Corredores de Biodiversidade ligando as unidades de conservação e o gerenciamento sustentável dos recursos naturais. Este projeto está sendo implementado pelo governo do Estado do Paraná, com apoio financeiro do Fundo Mundial para o Meio Ambiente através do Banco Mundial.

---

<sup>15</sup> O P.E. do Turvo fica no Rio Grande do Sul, às margens do rio Uruguai, na fronteira com a Argentina e divisa com Santa Catarina.

### 3.1 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA COM LINGUAGEM ACESSÍVEL

Conforme demonstrado na pesquisa, há um número expressivo de estudos desenvolvidos sobre o território, objeto de análise desta dissertação. As e os entrevistados(as), gestores nas unidades ou pesquisadores da temática parque nacional também sinalizaram a necessidade de um esforço na comunicação dos parques para a divulgação científica e aproximação da comunidade. Nas entrevistas, ficou evidente que, em grande parte, as pesquisas e projetos não reverberam de forma efetiva: permanecem restritos ao âmbito institucional, sem diálogo consistente nem mesmo entre as duas unidades de conservação, tampouco alcançando as comunidades locais ou os milhares de visitantes que diariamente se deslocam para contemplar as belezas cênicas da região. Inspirando-se nos princípios de ecomuseologia e da ciência aberta, no decorrer da pesquisa surgiu a ideia de propor um espaço na internet, não apenas para a conservação digital da memória científica e social, mas principalmente para o acesso público e a participação das comunidades locais na divulgação, produção, curadoria e compartilhamento de saberes relacionados aos parques.

Entende-se o acervo digital como ferramenta de mediação entre ciência, educação ambiental, cultura e gestão colaborativa, ou seja, como estratégia de integração institucional, democratização do conhecimento, valorização de saberes e divulgação das pesquisas produzidas no e para o território. De acordo com Prizibiszki (2025), a comunicação é estratégica para ampliar o impacto de projetos de conservação e participação da sociedade. “No contexto atual, marcado pelo avanço das crises climática e da perda de biodiversidade, no entanto, conhecimento e informação tornaram-se essenciais” (Prizibiszki, 2025, p. 5).

Essa comunicação tem como referência a Ciência Aberta, que representa um movimento voltado à democratização do conhecimento científico, sustentado em princípios de transparência, acesso público e colaboração. É com base na ciência aberta que esta proposta se referencia, conforme discutem Heinz e Miranda (2024). A ciência aberta é compreendida como um movimento de conhecimento científico baseado na colaboração, no compartilhamento e no acesso público aos resultados das pesquisas. Segundo os autores, a ciência aberta representa uma proposta científica colaborativa que busca permitir o acesso de todos(as) ao conhecimento produzido, ampliando sua visibilidade, circulação e impacto social.

Um exemplo é o texto de Marina Xavier da Silva “A minha primeira captura de onça-pintada”, publicado em seu site profissional (<https://marinaxavierdasilva.com.br/primeira-captura-de-onca-pintada/>). De uma maneira envolvente, pessoal, a bióloga, que também é escritora e mestre em Ecologia, humaniza a ciência ao trazer a experiência pessoal e profissional que viveu no ano de 2010. “Fim da tarde do dia seis de maio de 2010 e uma ligação de um vizinho do Parque Nacional do Iguaçu pôs fim ao retorno para casa”. O texto continua:

Era a primeira onça que eu via na natureza. Ela ficou um tempo ali. Não saiu quando tentei, com a voz meio trêmula, afugentá-la. Foi quando o meu companheiro de trabalho finalmente viu o que eu estava vendo e tirou o facão da minha mão para bater com ele em uma pedra, espantando-a dali, interrompendo momentaneamente nossas trocas de olhares. Eu nunca vou esquecer esse olhar. Eu esperava alguma demonstração de força, um olhar repreensivo e um ranger de dentes. Ao contrário, senti que ela queria que eu a visse, como se me oportunizasse romper preconceitos, medos, ao mesmo tempo em que me proporcionava que eu transbordasse os bons sentimentos que fluíam dentro de mim naquele momento (Silva, 2024).

Ela descreve que, naquela época, eles estavam iniciando um projeto de pesquisa sobre esse grande felino e receberam informação de um ataque a um bezerro na margem do parque. A bióloga narrou a história, uma vivência, com envolvimento e de forma didática, valorizando e aproximando mais pessoas da ciência.



**Imagem 9:** uma das fotografias que Marina utilizou para contar a história do trabalho e ilustrar a narrativa, aliando texto envolvente, fotografia, registro histórico. Crédito: Marina Xavier da Silva

Comunicar a ciência é uma prática a ser exercitada e exercida. Seu fundamento está na compreensão de que o conhecimento científico deve retornar,

sempre, à sociedade que financia as pesquisas, promovendo transparência e democratização do saber. É uma transformação ética, política e epistemológica na forma como o conhecimento é construído.

A ciência aberta é expressa como uma forma colaborativa de desenvolver e compartilhar conhecimento, que agrega valor social, econômico e humanístico às investigações científicas, gerando oportunidades de exploração dos desafios enfrentados pela humanidade. (Heinz e Miranda, 2024, p. 23).

Os autores destacam que a consolidação da ciência aberta enfrenta barreiras estruturais, como resistências institucionais, disputas de poder acadêmico e dificuldades na legitimação de novos formatos de produção e compartilhamento de dados. No contexto dos parques nacionais do Iguaçu (Brasil) e Iguazú (Argentina), há um diálogo aberto e direto que rompe essas barreiras, que é o caso do PELD Iguaçu e o Sistema de Información de Biodiversidad (SIB-Argentina) que buscam ampliar e incentivar pesquisas, com o compartilhamento de dados e resultados. Outro exemplo é o Projeto Onças do Iguaçu, que exemplifica a dimensão da ciência aberta, traduzindo a linguagem científica para comunidades locais. Assim, a experiência fronteiriça evidencia tanto o potencial de integração e visibilidade quanto as tensões de legitimação mencionadas por Heinz e Miranda (2024).

Esta proposta parte do princípio de que esse tipo de conhecimento, de ciência, passa pelo acesso organizado e com linguagem acessível, em acervos digitais. E a construção de acervos digitais não é apenas um desafio técnico a ser oferecido, como uma mera página virtual na internet. É uma construção com os parques, as comunidades, universidades, pesquisadores, entre outros públicos interessados e relacionados com o tema. O fortalecimento da comunicação pública e da divulgação científica do Iguaçu e Iguazú pode proporcionar espaços mais abertos, dialogantes e comprometidos, principalmente, com a produção de sentidos coletivos para a natureza e a vida das pessoas que vivem no entorno, das pessoas que visitam, e das pessoas que ainda visitarão este território, e daqueles que são impactados diariamente pelas mídias, com cenas e histórias deste lugar. Muito mais que um endereço na internet.

O pensamento é de um ecomuseu virtual contemporâneo, como uma ferramenta de relacionamento entre território, memória e comunidade, conforme

defendem Lemos e Karpinski (2020). A organização centralizada deste canal virtual permite a reunião de acervos dispersos, a valorização de documentos históricos, científicos, audiovisuais, orais, além da divulgação de ações educativas, culturais, com linguagem adequada e com acessibilidade.

### **3.2 ESTRUTURAÇÃO DAS SEÇÕES DO ECOMUSEU VIRTUAL**

É preciso criar um acervo de conhecimentos de modo acessível, com diversidade de formatos, que facilite o acesso e entendimento. Neste espaço podem ser disponibilizados teses, dissertações, artigos, resenhas, ensaios, relatórios técnicos e memoriais de pesquisa, histórias contadas por povos originários, abrangendo os parques e os corredores ecológicos da região. Muito além dos títulos e direcionamento para os repositórios das universidades, propõe-se que haja resumo e notícias contextualizando estes estudos, com conteúdos introdutórios para pessoas leigas no assunto.

1) Projetos institucionais e de educação ambiental. Catálogo digital de iniciativas implementadas pelas gestões dos parques, áreas naturais, e por seus parceiros, incluindo documentação de ações de conservação, programas com escolas, integração, campanhas de sensibilização e práticas participativas;

2) Memória social e oralidade. Espaço dedicado aos relatos de pessoas (moradores do entorno, pesquisadores, guias turísticos, indígenas e trabalhadores), por meio de narrativas orais, fotografias, áudios, vídeos, valorizando a pluralidade de vozes do território;

3) Observatório virtual de integração. Seção dedicada ao acompanhamento de projetos fronteiriços ambientais, parcerias institucionais, reuniões técnicas entre ICMBio e APN, entre outras organizações e indicadores de cooperação transfronteiriça;

4) Imagem viva. Compartilhamento de fotografias e vídeos acompanhados de contextualização histórica, vídeos de época, cartografias, mapas antigos e documentos históricos, com interatividade sempre que possível; e,

5) Redes sociais transfronteiriças ecológicas. Pautada pela divulgação científica, caberá às redes sociais do Ecomuseu Virtual difundir com linguagem acessível os resultados das pesquisas e todo o universo de curiosidades, com foco

em dialogar com a comunidade, jovens, visitantes dos parques e imprensa. Há que se disputar espaço com conteúdo relevante para a sociedade, e o ecomuseu digital pode realizar isso também junto aos meios de comunicação.

### **3.3 JUSTIFICATIVA PARA VIABILIDADE E CAMINHOS PARA SUA CRIAÇÃO**

A viabilidade da proposta está alinhada às recomendações da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), com conceitos difundidos no curso “Acervos digitais nos museus: realização de projetos”, que aponta para a importância de pensar acervos digitais museológicos não apenas como digitalização de objetos, mas como plataformas de interação, significado e pertencimento, com curadoria participativa e atualização contínua. Considera-se que o Ecomuseu Virtual, ao reunir e disponibilizar de forma permanente e pública a produção científica sobre o território, poderá atuar como um instrumento de valorização da pesquisa, de fortalecimento da educação ambiental e de fortalecimento da integração latino-americana, ampliando a percepção pública das áreas como territórios vivos de conhecimento, memória, vida, transformação e integração.

A análise desenvolvida neste estudo evidencia que os parques constituem um território profundamente simbólico, tensionado por desafios de conservação, pressões políticas, turismo intensivo, perda de identidade cultural e ausência de estratégias de comunicação científica eficazes. Em “Memória da Amnésia: políticas do esquecimento”, Giselle Beiguelman (2019) analisa como os fatos são organizados para serem lembrados e quais são esquecidos, especialmente no ambiente digital. Para ela, a memória é uma disputa política. Lembrar e esquecer não são coisas aleatórias. A memória nunca é neutra: lembrar e esquecer são atos de poder. Os acervos devem ser entendidos como processos dinâmicos e participativos, em constante atualização. A curadoria digital é uma prática crítica que define o que será lembrado ou esquecido. No digital, essa disputa se torna ainda mais complexa: quanto mais dados produzimos, mais vulneráveis estamos ao esquecimento, seja pela obsolescência tecnológica, seja pela mediação corporativa das plataformas.

Os arquivos digitais precisam ser tratados como processos vivos, em constante atualização. Um acervo não é depósito, mas sim processo dinâmico e

participativo. O “arquivo vivo” desafia a lógica museológica tradicional, pois se abre à colaboração, remixagem e múltiplas vozes. Essa noção aproxima-se do conceito de ecomuseu virtual, com participação comunitária na construção da memória. O compartilhamento de informações científicas por meio de uma comunicação popular e acessível pode desempenhar um papel fundamental para ampliar o conhecimento, o pertencimento e o envolvimento da sociedade com os Parques Nacionais do Iguaçu e Iguazú.

Com base nas entrevistas analisadas e considerando os princípios da educação ambiental crítica, podemos destacar os seguintes impactos e contribuições potenciais:

**Fortalecimento do sentimento de pertencimento.** Ao traduzir os resultados de pesquisas científicas para uma linguagem compreensível, com símbolos, histórias locais e recursos visuais acessíveis, a comunidade pode começar a se reconhecer como parte do território protegido. Isso pode combater a visão de que os parques são espaços “fechados” ou apenas turísticos.

**Aproximação entre ciência e cotidiano.** A maior parte das pesquisas realizadas nos parques possui relevância direta para a vida das pessoas do entorno, como monitoramento da qualidade da água, estudos sobre fauna, controle de pragas, clima, turismo etc. Mas quando os dados permanecem em relatórios técnicos inacessíveis, sua utilidade social se perde. A comunicação do ecomuseu pode fazer esta relação sobre como a descoberta pode impactar a vida da comunidade.

**Valorização do saber local, diálogo de saberes e troca de experiências.** Ao adotar formas de comunicação mais dialógicas e horizontais (como rodas de conversa, exposições itinerantes, escutas comunitárias), criam-se espaços de troca entre o saber técnico-científico e os saberes tradicionais, empíricos e populares. Isso pode favorecer relações de confiança e colaboração mútua, além de criar possibilidades de participação da comunidade do entorno em projetos ou levantamentos remunerados dos próprios parques.

**Fortalecimento da justiça ambiental e inclusão.** Muitas comunidades do entorno foram historicamente excluídas da tomada de decisão sobre os parques, áreas naturais e reservas. Uma comunicação popular eficaz pode ajudar a democratizar o acesso à informação e fortalecer o direito das populações de participar ativamente da construção das políticas públicas ambientais.

Mobilização e engajamento coletivo. Transformar a ciência em comunicação popular não é apenas traduzir palavras difíceis, mas mudar a lógica de produção e circulação do conhecimento. Isso exige empatia, escuta ativa, valorização cultural e compromisso político com a inclusão. Caminhar nesta direção pode ser a chave para o fortalecimento da integração entre os parques e dos parques com seu entorno.

### **3.4 DEFINIÇÃO CONCEITUAL: ECOMUSEU VIRTUAL OU OBSERVATÓRIO**

Para criar o espaço virtual, será necessário definir o conceito de Ecomuseu Virtual e Observatório. Há semelhanças e diferenças que precisam ser detalhadas. O observatório está mais próximo da produção, divulgação e monitoramento de indicadores, pesquisas, resultados. O Ecomuseu Virtual está mais ligado à memória, cultura e participação. Um modelo híbrido de repositório digital com pesquisa, indicadores, resultados, memórias e participação colabora para a democratização do conhecimento e aproximação das pessoas com a história, o cotidiano e as decisões dos parques. Pontet e Cândido (2024), ao analisarem a museologia na América Latina, identificam no ecomuseu três dimensões centrais: território, patrimônio natural e cultura, e comunidade organizada. O ecomuseu virtual, nesse sentido, não é apenas a transposição digital de um museu físico, mas um ambiente interativo de mediação cultural que reforça identidades e amplia as formas de participação social. Na mesma linha de pensamento, as autoras ressaltam o papel das redes comunitárias latino-americanas de museologia, como a *Red de Museos Comunitarios de América Latina y el Caribe*, que funcionam como plataformas coletivas de integração de experiências locais, próximas à lógica de observatórios culturais, que pode servir de inspiração para o projeto virtual que esta pesquisa propõe. A categoria de observatório digital está centrada na sistematização e análise de dados científicos e pesquisas.

Macêdo et al. (2020) destacam que os observatórios de ciência e tecnologia atuam como repositórios temáticos e plataformas de monitoramento, integrando indicadores, relatórios e estudos de impacto. Os exemplos da área ambiental trazem experiências interessantes como o Observatório do Clima (<https://www.oc.eco.br>) e o Observatório do Código Florestal (<https://observatorioflorestal.org.br>) que são espaços que buscam democratizar dados, subsidiar políticas públicas e fortalecer o

controle social. Na região de fronteira, destaco o Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer (<https://observatorioamb.wixsite.com/observatorio>), que traz informações relevantes a este projeto, como as relativas ao Plano Municipal de Mata Atlântica – PMMA – e à Política Municipal de Educação Ambiental – PME –, ambos de Foz do Iguaçu. Pensando ainda em outras referências, pode-se dialogar também com o Observatório da Imprensa (<https://www.observatoriodaimprensa.com.br>), que contribui para estabelecer outras leituras sobre a atuação da imprensa, reconhecendo seu caráter mais específico, porém não menos relevante, para se pensar participação, construção e divulgação de conhecimento. Podem ser analisados estes observatórios como referências de linguagem, dinâmica, contribuições para a pesquisa, contato com leitores e pessoas que produzem conhecimento e compartilham no espaço.

Já o ecomuseu virtual conceitualmente tem ligação com memória, cultura e participação, diante disso, é possível pensar e propor um modelo híbrido de repositório digital dos parques nacionais e corredores ecológicos. Trata-se de um espaço que, inspirado nas reflexões de Beiguelman (2019) sobre memória e curadoria digital, incorpora tanto a dimensão científica quanto a cultural e comunitária, configurando-se como plataforma de democratização do conhecimento, de visibilidade para pesquisas e de fortalecimento das identidades coletivas em torno do patrimônio natural e cultural da região.

O Ecomuseu da Itaipu Binacional é um exemplo em termos presenciais, pois, embora seu site tenha bom volume de informações (<https://www.itaipu.gov.br/sustentabilidade/social/esporte-e-cultura/ecomuseu>), o foco do museu é nas atividades presenciais em seu próprio espaço físico ou, geralmente, nos municípios lindeiros à represa da hidrelétrica Itaipu, seja de esporte, cultura, memória ou educação ambiental. Nesse sentido, se aproxima e se afasta do projeto aqui pensado: se afasta em termos de estar voltado ao presencial, e se aproxima por pensar o território, a cultura da região, a memória e a educação ambiental.

Como proposta de organização do projeto de Ecomuseu Virtual do Iguaçu/Iguazú, destacam-se algumas premissas:

Definição do objetivo: o site deve servir como uma plataforma cultural e científica que dê visibilidade para pesquisas, conhecimentos, e faça a relação com as pessoas, principalmente as que vivem no entorno das áreas; ele deve responder a perguntas, como o que muda com sua existência e de que forma o tema da

integração dos parques e da divulgação cultural e científica importa. A linguagem precisa dialogar com moradores, jovens, visitantes e imprensa.

Conversa para além dos idiomas: garantir que o conteúdo seja apresentado em português, espanhol, inglês e guarani, e garanta acessibilidade digital universal, incluindo compatibilidade com leitores de tela, audiodescrição, legendas, interpretação em Libras e navegação adaptada, garantindo acesso equitativo ao conteúdo.

Implementação técnica: escolha de plataforma de desenvolvimento web adequada que suporte recursos multilíngues. Considerar usar recursos e ferramentas que facilitem o gerenciamento de tradução para atualizações de conteúdo contínuas em todos os idiomas.

Divulgação e engajamento: promover o site por meio de canais de mídia social, redes acadêmicas e parcerias com instituições educacionais e meios de comunicação (por exemplo, os voltados à preservação e conservação, e os meios da região). Incentivar a interação do usuário, permitindo comentários, perguntas/dúvidas ou *feedback* sobre artigos de pesquisa.

Manutenção e integração: considerar atualizações regulares de conteúdo e da plataforma. A página precisa também ser um espaço vivo no ambiente virtual, com relacionamento diário com canais próprios de redes sociais, atualização diária e funcionalidades que permitam e incentivem o compartilhamento de informações.

### **3.5 CUSTEIO E MANUTENÇÃO**

Atendendo aos tópicos acima, será possível construir um plano para o Ecomuseu Virtual factível, com mensuração de tempo para construção, quantidade de pessoas envolvidas para a construção e manutenção e custos totais para implantação e permanência ativa do site na rede com produções e curiosidades regulares, consolidando como fonte de pesquisa, interação e curiosidade sobre os parques Iguazu e Iguazú. Para garantir a vida do projeto, ele pode ser pensado por diversas vias, entre elas, institucional, com vínculo aos programas de integração, extensão universitária e comunidade previstos nas estruturas acadêmicas da Universidad Nacional de Misiones (UNaM) e Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), bem como, também, viabilidade via editais e movimentos

pró-democratização da informação. Importante que ambas as instituições estejam politicamente também comprometidas com as organizações indígenas, para garantia de um olhar histórico, caso contrário, existe um risco considerável de não efetivação, mesmo com a participação das universidades.

Além disso, é possível a construção de relações com a rede de comunicação fronteiriça, abordando e articulando instituições acadêmicas, órgãos gestores dos parques, coletivos culturais, pesquisadores independentes, jornalistas e comunicadores territoriais dos três países da região. Essa estrutura colaborativa pode ampliar a autonomia do projeto, fortalecendo os esforços de integração latino-americana, como instrumento de diálogo de saberes, circulação de conhecimento, participação e divulgação científica.

Em termos de financiamento e custeio, o ideal é que as duas unidades de conservação sejam responsáveis pela manutenção de uma equipe técnica de criação, manutenção e divulgação do conteúdo do Ecomuseu Virtual, bem como de sua infraestrutura web. Porém, isso implicaria em questões a serem resolvidas em virtude de diferenças da legislação dos dois parques e dos dois países, das diferenças políticas, das diferenças de moedas nacionais e da questão cambial. Algumas soluções possíveis: um país assume os custos da infraestrutura web e de pessoal, centralizando as decisões acerca da produção e divulgação de conteúdos, com participação de membros do outro país pagos por seu próprio parque compondo a equipe principal; organismos multilaterais regionais, como Mercosul, financiem o Ecomuseu Virtual e sua manutenção (equipe e infraestrutura web); implantação com financiamento via editais ou projetos especiais de governos, de instituições de ensino ou de conservação da biodiversidade, de entidades multilaterais, como a Organização das Nações Unidas – ONU – ou um de seus escritórios, e manutenção da infraestrutura web e da equipe com fundos arrecadados regionalmente para este fim.

Governos nacionais, estaduais, municipais, organismos multilaterais, instituições públicas e privadas de educação, pesquisa e desenvolvimento regional devem ser convidados pelas gestões dos parques e seus sistemas nacionais a pensarem tanto no modelo de criação do Ecomuseu Virtual quanto de seu financiamento. Como afirmaram diversos entrevistados e entrevistadas nesta dissertação, e também nos lembra Maher (2007), a efetivação da conservação passa pela educação do entorno dos parques. Esta é a garantia de um futuro

possível para os próprios parques: ampliar suas relações, seus afetos, com as sociedades à sua volta, e ir ampliando esse círculo através da difusão de informação e da criação de um espaço virtual de comunicação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, ficou evidente que a integração dos parques brasileiro e argentino sofre diversos tipos de dificuldades, de acordo com os entrevistados e as revelações dos documentos. Por se tratar de dois países (de áreas situadas em dois países), há risco de instabilidade política em cada um dos países, tanto em relação aos governos federais quanto aos governos locais (municipais e estaduais); insegurança jurídica, já que cada nação mantém um ordenamento jurídico próprio, com leis nacionais; a questão financeira, já que cada parque segue a um comando específico, sendo que a unidade brasileira se reporta a Brasília e a Argentina a Buenos Aires.

As dificuldades estruturais identificadas ao longo da pesquisa evidenciam que a integração transfronteiriça não pode ser compreendida apenas como um processo técnico ou administrativo. Ela está inserida em contextos políticos mais amplos, sujeitos a mudanças de governo, a reorientações institucionais e a disputas de prioridades orçamentárias nacionais. A dependência de decisões centralizadas em instâncias nacionais, tanto no Brasil quanto na Argentina, limita a autonomia local para a consolidação de instrumentos permanentes de cooperação. Ainda que exista disposição técnica para o trabalho conjunto, a ausência de mecanismos normativos mais robustos torna a integração vulnerável a descontinuidades.

Observa-se que os marcos legais de cada país, embora convergentes em muitos princípios de conservação, operam de maneira independente. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação no Brasil e o sistema da *Administración de Parques Nacionales* na Argentina possuem lógicas próprias de gestão, planejamento e financiamento. Entretanto, a pesquisa evidenciou que a integração não se esgota na dimensão formal. Um dos aspectos relevantes foi a revelação da solidariedade entre os servidores dos dois parques. Essa cooperação fraterna manifesta-se na troca de informações, na colaboração em atividades técnicas, na construção conjunta de iniciativas de educação ambiental e no reconhecimento mútuo da importância do trabalho desenvolvido em cada lado da fronteira. Trata-se de uma dimensão humana que sustenta a cooperação mesmo quando os instrumentos institucionais se mostram insuficientes ou inviáveis.

A empatia relatada nas entrevistas revela que existe uma forte relação entre os servidores e pesquisadores que atuam em ambos os parques. Ainda que os Estados

nacionais mantenham estruturas administrativas separadas, no cotidiano do trabalho técnico constrói-se uma integração prática, sustentada por relações humanas e por compromisso profissional com as demandas ordinárias dos parques. Outro ponto central identificado refere-se à dificuldade de sistematizar e divulgar as pesquisas produzidas sobre os parques. Pesquisadores reconhecem que grande parte do conhecimento gerado permanece restrita ao ambiente acadêmico, dificultando sua apropriação pela sociedade e pelos próprios parques. A população, por sua vez, nem sempre consegue conhecer/saber dos estudos científicos e da importância estratégica das unidades de conservação no território.

De certo modo, essa lacuna entre produção científica e circulação social do conhecimento limita o potencial integrador dos parques. Servidores relatam tentativas recentes de ampliar a aproximação com as comunidades do entorno, buscando fortalecer o pertencimento e engajamento. No entanto, tais iniciativas ainda enfrentam obstáculos institucionais e estruturais. A integração plena exige não apenas cooperação entre os comandos dos países, mas também diálogo efetivo com a sociedade civil, com moradores da região e com povos indígenas historicamente vinculados a este território.

A integração pode ser compreendida em múltiplas dimensões: administrativa, jurídica, científica, cultural, popular, social e simbólica. Ela existe, mas manifesta-se de forma pontual e ainda frágil do ponto de vista institucional e popular. Carece de maior consolidação normativa e de instrumentos conjuntos mais estáveis, permanentes, sem oscilações. Contudo, a integração apresenta avanço significativo, especialmente quando se considera a continuidade de algumas pesquisas e redes de apoio já estabelecidas entre os profissionais dos parques.

Diante desse cenário, propõe-se a criação de um Acervo Digital Transfronteiriço, como mais uma contribuição para agregar conhecimentos científicos e diálogos de saberes. Tal proposta emerge como sugestão ao desafio de transformar conhecimento em fonte acessível e inspiradora, principalmente para a população local e as pessoas que visitam a região. Para Fushita et al. (2011, p. 3072):

Estudos que abordam o uso da terra no entorno de Unidades de Conservação ou Áreas Correlatas atrelados aos trabalhos sobre a biodiversidade constituem-se em um importante instrumento para o

planejamento, servindo como suporte para a análise da evolução espacial e temporal.

A proposta do Museu Virtual, apresentada no Capítulo 3, poderá reunir não apenas produções científicas, mas também registros históricos, relatos orais, experiências de educação ambiental e conhecimentos oriundos dos diálogos de saberes das comunidades do entorno e dos povos indígenas. Ao integrar múltiplas vozes, o projeto poderá contribuir para diminuir a distância da ciência e aproximar conhecimento acadêmico e saberes territoriais. A relação entre divulgação científica e Educação Ambiental no Museu Virtual se estabelece na medida em que ambas compartilham o objetivo da acessibilidade do conhecimento. Enquanto a divulgação científica busca ampliar o acesso público à ciência, a Educação Ambiental, conforme definida na Política Nacional de Educação Ambiental, orienta-se pela formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e intervir nas questões socioambientais. Neste sentido, o acervo assume um papel fundamental ao funcionar como base simbólica para organização e acesso a narrativas acessíveis sobre o meio ambiente, a biodiversidade e a região.

Ao organizar, sistematizar e disponibilizar pesquisas, livros, estudos, dados e registros, o acervo contribui para a transformação do conhecimento científico em conteúdos educativos, ampliando sua apropriação por diferentes públicos, inclusive professores, educadores ambientais, jornalistas, formadores de opinião, estudantes, entre outros. A divulgação científica atua como referência metodológica que possibilita que os conteúdos do acervo sejam reinterpretados em linguagens diversas, como exposições, plataformas digitais, materiais didáticos e ações de comunicação. Essa iniciativa fortalece a Educação Ambiental ao promover não apenas o acesso à informação, mas a construção de sentidos, valores e práticas voltadas à conservação.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ADMINISTRACIÓN DE PARQUES NACIONALES (Argentina). **Plan de manejo del Parque Nacional Iguazú**. Puerto Iguazú: Administración de Parques Nacionales, 2017. Disponible en: <https://www.argentina.gob.ar/parquesnacionales/iguazu>. Acceso en: 10 ago. 2025.

APN. **Plan de Gestión del Parque Nacional Iguazú**. Ministerio de Ambiente y Desarrollo Sustentable. Administración de Parques Nacionales (APN). Período 2017–2023.

ARGENTINA. **Decreto n° 100.133/1941**. Fijándose los límites del Parque Nacional del Iguazú y excluyendo del dominio público 500 Hs., para el trazado del pueblo Puerto Aguirre.

\_\_\_\_\_. **Ley 22.351/1980**. De los Parques Nacionales, Monumentos Naturales y Reservas Nacionales.

\_\_\_\_\_. **Ley Nacional n° 6.712/1909**. Compra por parte del Estado nacional de 75.000 has en Iguazú destinadas a la creación de un parque Nacional y Colonia Militar.

\_\_\_\_\_. **Ley Nacional n° 12.103/1934**. De Creación de la Dirección de Parques Nacionales bajo dependencia del Ministerio de Agricultura de la Nación y de creación de los Parques.

\_\_\_\_\_. **Ley Nacional n° 5559/1909**. Fomento de los Territorios Nacionales.

\_\_\_\_\_. Ministerio de Ambiente y Desarrollo Sostenible. **Parque Nacional Iguazú**. s/d. Disponible em: <https://www.argentina.gob.ar/parquesnacionales/iguazu>.

\_\_\_\_\_. **Estrategia de Educación Ambiental Integral**. Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación, 2021. Disponible em: [https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/estrategia\\_eai\\_digital\\_0.pdf](https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/estrategia_eai_digital_0.pdf). Acceso em: 15 jul. 2025.

\_\_\_\_\_. Ministerio de Ambiente y Desarrollo Sostenible. **Ley 27.621: Ley de Educación Ambiental Integral**. Disponible em: <https://www.argentina.gob.ar/ambiente/educacion-ambiental/ley-de-educacion-ambiental>. Acceso em: 10 set. 2025.

\_\_\_\_\_. **Ley N° 22.351**, de 12 de diciembre de 1980. Régimen jurídico de los Parques Nacionales, Monumentos Naturales y Reservas Nacionales. Normativa nacional, disponible en: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-22351-16299/actualizacion>. Acceso em: 15 jan. 2025.

BEIGUELMAN, Giselle. **Memórias da amnésia: políticas do esquecimento**. São Paulo: SESC São Paulo, 2019.

BEIGUELMAN, Giselle. Reinventar a memória é preciso. In: BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (orgs.). **Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais**. São Paulo: Peirópolis; Edusp, 2014. p. 12-33.

BORBA, Rosani; CUNHA, Marcia Borin da; XAVIER, Mariele Mucciatto. **O Parque Nacional do Iguazu e a Educação Ambiental: uma trajetória a ser contada**, v. 1, n. 2, p. 118-134, jan./jul. 2017.

BRASIL. **Lei nº 1.035**, de janeiro de 1939. Cria o Parque Nacional do Iguassu e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.985**, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)**. Brasília: MMA, 2002. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/composicao/secex/dea/pnea>. Acesso em: 28 jan 2026.

CEBOLLA BADIE, Marilyn. **Cosmología y naturaleza mbya-guaraní**. 2013. Tese (Doutorado) em Antropologia Social e Cultural – Universitat de Barcelona, 2013.

CURY, Mauro José Ferreira. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI): interconexões, interdependências e interpenetrações nas cidades da Tríplice Fronteira. Foz do iguaçu (BR), Ciudad del Leste (PY) e Puerto Iguazú (AR)**. Tese (Doutorado) em Geografia – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

MINISTERIO de Ecología y Recurso Naturales Renovables de Misiones. **Corredor Verde**. [s.d.]. Disponível em: <https://ecologia.misiones.gob.ar/corredor-verde/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

DOZZO, Ana Caroline A. C.; MORAIS, Marcia Dahmer de. A resiliência da comunidade quilombola Apepú em zona fronteiriça. **Tempo da Ciência**, v. 31, n. 62, p. 18–33, 2025. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/34753>. Acesso em: 3 de fev de 2026

FONSECA, Ana Silvia Andreu. Imagens poéticas do fim do mundo: arte, eco comunicação e percepção ambiental. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 27, 2024.

\_\_\_\_\_. Percepções ambientais em trânsito na América Latina. In: Birman, D.; Hardman, F. (Org.). **Exodus: deslocamentos na literatura, no cinema e em outras artes**. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

FRIGGERI, Felix Pablo. Biocentrismo ancestral: uma ecologia mais profunda. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 3 jun. 2022. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/biocentrismo-ancestral/> Acesso em: 25 jan. 2025.

FUNDAÇÃO Cultural Palmares. **Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menu-departamentos/dpa/comunidades-certificadas/tabela-crq-completa-certificadas-04-07-2023.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2026.

FUREGATTI, Sylvia. **Paisagem sob inventário**. Campinas, SP: BCCL/Unicamp, 2023.

FUSHITA, Angela et. al. Caracterização do uso e ocupação do Parque Ecológico do Guarapiranga (São Paulo, SP) e seu entorno. **Anais XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto – SBSR**, Curitiba, Brasil, Abr.-Maio 2011, INPE. Disponível em: <http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/marte/2011/07.19.13.20/doc/p1085.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2026.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, 2009.

HEINZ, Michele; MIRANDA, Angélica. Ciência Aberta: argumentos e desafios para sua legitimação científica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, e135618, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.30.135618>.

ICMBIO. **Parque Nacional do Iguaçu: quem somos**. s/d. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnaiguacu/quem-somos.html>.

\_\_\_\_\_. **Plano de Manejo do Parque Nacional do Iguaçu**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), 2018.

\_\_\_\_\_. **Programa de interpretação ambiental do Parque Nacional do Iguaçu**. Brasília: ICMBio, 2023.

\_\_\_\_\_. **Projeto político pedagógico mediado pela educação ambiental do Parque Nacional do Iguaçu (PPPEA)**. Brasília: ICMBio, 2024.

INDEC. **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas**. Buenos Aires, Argentina: Ministerio de Economía y Producción, 2010. Disponível em: [https://censo.gob.ar/wp-content/uploads/2024/03/censo2022\\_poblacion\\_indigena.pdf](https://censo.gob.ar/wp-content/uploads/2024/03/censo2022_poblacion_indigena.pdf). Acesso em: 5 nov. 2024.

\_\_\_\_\_. **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas**. Buenos Aires, Argentina: Ministerio de Economía y Producción, 2022. Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/indec/web/Nivel4-Tema-2-41-135>. Acesso em: 5 nov. 2024.

IAT – Instituto Água e Terra do Paraná. **Mapa da Comunidade Apepú**. Curitiba: Instituto Água e Terra do Paraná, Diretoria de Informações Geográficas, 2017. Disponível em: [https://www.iat.pr.gov.br/sites/agua-terra/arquivos\\_restritos/files/documento/2020-04/saomdoiguacu.pdf](https://www.iat.pr.gov.br/sites/agua-terra/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/saomdoiguacu.pdf). Acesso em: 24 jan. 2026.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio mundial**. [s/d.]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/24>.

IUCN. **Guidelines for Protected Area Management Categories**. Gland, Switzerland; Cambridge, UK: IUCN, 1994.

KARPINSKI, Cezar. Patrimônio natural, documentação e pesquisa. **Transinformação**, v. 30, n. 3, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/g9FCYpfXpDFthydvWCY5qMb/>.

KARPINSKI, Cezar; VIEIRA, Keitty. A arte de documentar a natureza em relatos de viagem às Cataratas do Iguaçu (Brasil e Argentina, 1883–1914). **Encontros Bibli**, v. 25, n. esp., p. 1–19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/75476>.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KROPF, Marcela Stüker. **Ultrapassando Fronteiras na Gestão da Biodiversidade: o caso dos Parques Nacionais do Iguaçu (Brasil) e Iguazú (Argentina)**. Tese (Doutorado) em Ciências Ambientais e Florestais. Instituto de Florestas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, 2014.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEMOS, Leonardo; KARPINSKI, Cezar. Representação da informação e ecomuseu: interdisciplinaridade entre ciência da informação e museologia. **Perspectivas em Ciências da Informação**, v. 25, n. 2, abr.-jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/smVx9xrdYfnhzRfCjvnJqGG/>.

LIMA, Jackson. **7 Arcos, 3 degraus: o que você ainda não sabe sobre as Cataratas do Iguaçu**. Uberlândia: Composer, 2019.

LOPES, Sérgio. **O Território do Iguaçu no contexto da “Marcha para Oeste”**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

MACÊDO, Diego José; MARICATO, João de Melo; SHINTAKU, Milton. Observatórios: reflexões sobre os conceitos e aplicações em Ciência, Tecnologia e Inovação e relações com a Ciência da Informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-21, 2020.

MAHER, Terezinha M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística Aplicada – suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.

MARETTI, Claudio. Áreas protegidas da América Latina se preparam para um novo acordo global pela natureza. **Oeco**, 28 jul. 2019. Disponível em: <https://oeco.org.br/colunas/areas-protegidas-da-america-latina-se-preparam-para-um-novo-acordo-global-pela-natureza/>.

MENDES, Luna. Notas sobre mobilidade Mbya Guarani em Misiones, Argentina: deslocamentos, parentes e relações. **Reunião Brasileira de Antropologia**, 32., Resumo apresentado no GT 59 – Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos, diferenças e direitos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2020.

MISIONES Online. **Agua segura y derechos humanos: el urgente llamado de dos comunidades Mbya Guaraní de Misiones por restricciones de acceso al agua potable en plena ola de calor**, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://misionesonline.net/2025/01/21/agua-segura-y-derechos-humanos-el-urgente-llamado-de-dos-comunidades-mbya-guarani-de-misiones-por-restricciones-de-acceso-al-agua-potable-en-plena-ola-de-calor/> . Acesso em: 10 fev. 2026.

PACHECO, Roseli Dahlem; RIBEIRO, Luciana Mello; BORBA, Rosani; ASSIS, Roseli Barquez. Política municipal de educação ambiental de Foz do Iguaçu: subsídios para a elaboração do programa de educação ambiental formal. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 19, n. 8, p. 414-433, 2024.

PIGLIA, Melina. En torno a los parques nacionales: primeras experiencias de una política turística nacional centralizada en la Argentina, 1934–1950. **Pasos**, v. 10, n. 1, p. 61–73, 2012.

PONTET, Raquel; CÂNDIDO, Manuelina M. D. (Orgs.). **Museologia multivocal na América Latina e Caribe desde a Mesa Redonda de Santiago (1972)**. Liège: ULiège, 2024.

PORTZ, Solange. **Paisagens da memória: um estudo sobre as fotografias do Plano de Colonização da empresa Maripá – 1946–1955**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, 2002.

PORTZ, Solange; DECURGEZ, Valdirene Reimann; SILVA, Paulo Renato. O quilombo Apepú: memória e representação de uma comunidade. **Extensão e Cidadania**, Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), n. 1, 2017.

PRIZIBISCZKI, Cristiane. **Comunicação para a conservação: um manual de boas práticas em comunicação para projetos de conservação ambiental no Brasil**. 2025. 161 p. Trabalho Final (Mestrado Profissional) em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável. IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder: Eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **La Colonialidad del saber: Eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2000. p. 201-246.

\_\_\_\_\_. O labirinto da América Latina: haverá outras saídas. **Revista de Estudos Culturais**, 2003.

\_\_\_\_\_. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, Clacso: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005. p. 227-278.

SALVADOR, Claudio Gustavo. **Turismo sostenible y desarrollo local: proyecto turismo indígena en la selva de Cataratas**. (Puerto Iguazú) 2020. Disponível em: <https://proyectomate.org/wp-content/uploads/2021/05/TURISMO-INDIGENA-EN-LA-SELVA-DE-CATARATAS-DEL-IGUAZU.-DOSSIER-20201.pdf>. Acesso em 10 jan. 2025.

SCARZANELLA, Eugenia. Las bellezas naturales y la nación: los parques nacionales en la Argentina en la primera mitad del siglo XX. **Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe**, n. 73, p. 5–21, 2002.

SILVA, Marina Xavier da. A minha primeira captura de onça-pintada. **Blog Marina Xavier da Silva**, 12 abr. 2024. Disponível em: <https://marinaxavierdasilva.com.br/primeira-captura-de-onca-pintada/>. Acesso em: 13 jan. 2026.

SOARES, Camilo. A paisagem como brado ambiental no cinema. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Série especial "Cinema e Meio Ambiente", 6 nov. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-paisagem-como-brado-ambiental-do-cinema/>.

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia; FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 287-299.

UNESCO WHC – World Heritage Convention. **Iguaçu National Park**. [s/d.]. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/355>.

\_\_\_\_\_. **Iguazú National Park**. [s/d.]. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/303/>.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageiros, mensus e colonos**. 2a. ed. Curitiba: Vicentina, 1987.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. In. CANDAU, Vera M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - LISTA DE PESQUISAS PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU (BR)

#### Histórico e títulos dos estudos

Quantidade: 521 pesquisas

Período: 2007 a 2025

1. Monitoramento de quelônios sob diferentes níveis de impacto de hidrelétricas no Parque Nacional do Iguaçu
2. Diversidade e relações filogenéticas em Mycenaceae (Agaricales, Basidiomycota) com ênfase nas espécies da Mata Atlântica
3. Coleta de material biológico para isolamento de leveduras nativas
4. Sistemática e evolução de *Croton* sect. *Lamprocroton* (Euphorbiaceae)
5. Insetos Bioluminescentes da Mata Atlântica e Cerrado: Biodiversidade e uso como bioindicadores
6. Estudo evolutivo em Aranhas: abordagem citogenômica e de DNA barcoding
7. Sistema de monitoramento de parcerias entre as esferas pública e privada para a gestão do lazer e do turismo em unidades de conservação
8. Espécies aquáticas invasoras na área do Parque Nacional do Iguaçu.
9. Diversidade de carrapatos (Ixodida, Arachnida) e de insetos (Insecta, Hexapoda) do Parque Nacional do Iguaçu e de fragmen<sup>16</sup>tos de Mata Atlântica na região de Foz do Iguaçu
10. Projeto de extensão intitulado "Divulgando a Astronomia por meio de Observações do Sol".
11. Monitoramento da contaminação aquática no baixo Iguaçu: biomarcadores genéticos e citogenéticos investigando a toxicidade em duas espécies de peixes neotropicais
12. Cálculo de índices espectrais e processamento de imagens utilizando a plataforma Google Earth Engine para estudo ambiental
13. Levantamento de moluscos da bacia do Rio Iguaçu.

---

<sup>16</sup> Este é um levantamento temático, como o título das pesquisas, sem outros dados, como autoria, publicação, universidade/instituição.

14. Análise de ocorrências de atropelamento de fauna em trecho da rodovia BR469 - Parque Nacional do Iguaçu/PR.
15. Evolução<sup>17</sup> cromossômica em escorpiões (Arachnida) da fauna brasileira
16. Avaliação hematológica, bioquímica, sorológica e molecular de felinos selvagens
17. Projeto de Extensão: Museologia Social no Parque Nacional do Iguaçu: Levantamento, Inventário e Conservação dos Bens Culturais
18. Amostragem de abelhas (Hymenoptera, Apidae) no Parque Nacional do Iguaçu, Brasil.
19. Ecologia e Fenologia da floresta estacional
20. Estudo dos fatores genéticos e ecológicos associados com a origem de novas espécies de jacundá (Cichlidae, Crenicichla)
21. A economia solidária como instrumento de gestão participativa em Unidades de Conservação de Proteção Integral: um estudo investigativo
22. Diversidade genética e funcional de fungos e bactérias
23. Efeitos da defaunação de grandes felídeos na ecologia de pequenos e médios carnívoros da Floresta Atlântica do Alto Paraná
24. Vespas do Iguaçu: Diversidade e história natural de vespas esfeciformes (Hymenoptera: Apoidea) no Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
25. A relação entre crenças, atitudes e comportamentos de profissionais de áreas protegidas na configuração da recreação ao ar livre em unidades de conservação federais
26. Insetos aquáticos da Mata Atlântica: diversidade e susceptibilidade às mudanças climáticas
27. Conservação ambiental nas redes: interesse público online nas unidades de conservação brasileiras
28. Manejo e conservação de onça-pintada no Parque Nacional do Iguaçu e entorno
29. Educação Ambiental; Botânica Morfológica; Botânica Sistemática; Zoologia de Invertebrados; Ecologia de Ecossistemas.

---

<sup>17</sup> Este é um levantamento temático, como o título das pesquisas, sem outros dados, como autoria, publicação, universidade/instituição.

30. Disciplinas de Ecologia Geral; e Disciplina de Bioindicadores Ambientais; Curso de Graduação em Engenharia Ambiental e Sanitária da UTFPR Campus Francisco Beltrão.
31. Pesquisa de mestrado intitulada: Iniciativas de manejo de Espécies Exóticas Invasoras em Unidades de Conservação federais e estaduais do Brasil: diagnóstico e sistematização de informações
32. Filogenia da subfamília Papilionoideae (Fabaceae) e estudos evolutivos em Calophyllaceae
33. Aplicação de questionários sobre a interpretação ambiental nos Parques Nacionais do Brasil
34. Avaliação da distribuição do pato-mergulhão nas unidades de conservação entre o Mosaico Jalapão (TO, BA, MA e PI) e o Parque Nacional do Iguaçu, PR
35. Geoprocessamento; Planejamento e gestão ambiental; Geografia das águas continentais e oceânicas; Meio ambiente e educação ambiental
36. Abordagens multidisciplinares para delimitação de uma espécie de Ipomoea L. (Convolvulaceae) endêmica do Brasil
37. Projeto Phasma – pesquisando Bichos-pau (Insecta: Phasmatodea) no Brasil
38. Riqueza e conservação de espécies vegetais do Parque Nacional do Iguaçu, maior remanescente de Mata Atlântica de Interior do sul do Brasil
39. Gestão ambiental em parques nacionais e estaduais do Paraná: há comprometimento com as necessidades conservacionistas?
40. Aspectos didático-metodológicos e introdução à pesquisa em ecologia, zoologia, botânica, evolução, sistemática e conservação da biodiversidade
41. Responsabilidade Socioambiental e Tecnologias Limpas; Sistema de Informação Geográfica
42. Educação ambiental: análise da percepção socioambiental dos gestores de parques nacionais brasileiros
43. Educação Ambiental; Manejo e Conservação de Áreas Protegidas, Estatística, Ecologia de Indivíduos a Populações, Ecologia de Comunidades, Sistemática Vegetal II.
44. Biomonitoramento e determinação de parâmetros físico-químicos, dos teores de agroquímicos e hormônios estrógenos das águas e dos sedimentos do rio Santo Antônio (Brasil-Argentina)

45. A implementação do instrumento de autorização para licenciamento ambiental – uma análise a partir da gestão das unidades de conservação.
46. Coleta de espécimes vegetais do oeste do Paraná para bioprospecção e determinação estrutural de substâncias químicas
47. Responsabilidade Socioambiental e Tecnologias Limpas; Sistema de Informação Geográfica
48. O Projeto Político Pedagógico mediado pela Educação Ambiental do Parque Nacional do Iguaçu: percepções ambientais de atores sociais que interagem com a Unidade de Conservação
49. Impacto dos megaprojetos de infraestrutura em Unidades de Conservação: A FERROESTE e o Parque Nacional do Iguaçu.
50. A identidade de *Grumicha müller*, 1879 (Insecta, Trichoptera, Sericostomatidae): taxonomia e filogeografia do gênero
51. Bioindicação e Avaliação integrativa de Microplásticos em riachos de uma bacia de alta relevância ambiental e econômica (rio Iguaçu)
52. Diversidade de aranhas neotropicais: da taxonomia à biogeografia.
53. Estágio supervisionado: espaços pedagógicos e culturais.
54. Revisão taxonômica do gênero *Asterostigma* (Araceae)
55. Anatomia e Morfologia Vegetal
56. Diversidade genética e filogeografia dos anfíbios e répteis no gradiente de domínios morfoclimáticos de seis Unidades de Conservação: PARNA Emas, PARNA Chapada dos Veadeiros, PARNA Chapada dos Guimarães, PARNA Grande Sertão Veredas, PARNA Iguaçu, PARNA Pantanal Matogrossense.
57. Sistemática de artrópodes terrestres na Região Neotropical, com ênfase em Auchenorrhyncha do Brasil
58. Mudanças climáticas e vulnerabilidade socioambiental associadas aos parques nacionais: estratégias para gestão e educação ambiental
59. Consumo e produção de turismo no Parque Nacional do Iguaçu: uma análise da imagem projetada e percebida através de fotografias compartilhadas no Instagram
60. Prospecção de microrganismos com potencial biotecnológico - Bioma Mata Atlântica

61. Inovação de áreas naturais protegidas para a sustentabilidade territorial: um estudo comparado sobre os parques nacionais do Iguaçu e Guaricana
62. Pesquisa de mestrado sobre os desafios da conciliação dos princípios do ecoturismo e a gestão da visitação em parques brasileiros
63. Análise Filogeografia da Aranha *Vitalius longisternalis* Bertani 2001
64. Fundamentos de América Latina II- História Ambiental da Tríplice Fronteira do Paraná.
65. Taxonomia Integrativa do clado sul-americano de *Lobelia* sect. *Rhynchopetalum* (Campanulaceae)
66. Estudos filogenéticos e biosistemáticos em duas linhagens brasileiras do gênero *Anemia*
67. Procurando a pararu-espelho (*Paraclaravis geoffroyi*)
68. Diversidade e sistemática da família *Steccherinaceae* (Basidiomycota) no sul do Brasil
69. Ecologia; Botânica Sistemática; Recuperação de Áreas Degradadas
70. Efeitos da defaunação e da fragmentação florestal sobre a regeneração de *Araucaria angustifolia*
71. Os profetas do Iguaçu: inventário faunístico das espécies de louva-a-deus (Dictyoptera: Mantodea) do Parque Nacional do Iguaçu - Brasil
72. Autorizações para atividades com finalidade científica
73. Políticas Públicas de Conservação Ambiental: A Zona de Amortecimento no Parque Nacional do Iguaçu (BR)
74. Diversidade e Conservação de Aves na Floresta Atlântica do Estado do Paraná.
75. Filogenia do subgênero *Helmia* no neotrópico e revisão da seção *Monadelphina* com análise dos padrões de distribuição geográfica
76. Diversidade e Conservação de Aves na floresta Atlântica do Estado do Paraná.
77. Diversidade de ácaros plantícolas em áreas preservadas dos biomas Cerrado e Mata Atlântica no Brasil
78. Investigação da base genética de lábios hipertróficos em *Crenicichla*: evolução replicada em diferentes estágios de diferenciação

79. Diversidade genética e filogeografia dos anfíbios e répteis no gradiente de domínios morfoclimáticos de seis Unidades de Conservação: PARNA Emas, PARNA Chapada dos Veadeiros, PARNA Chapada dos Guimarães, PARNA Grande Sertão Veredas, PARNA Iguaçu, PARNA Pantanal Matogrossense.
80. Coocorrência e determinantes ecológicos da ocupação de cervídeos na Mata Atlântica
81. Diversidade e ecologia de briófitas do Parque Nacional do Iguaçu, estado do Paraná, Brasil
82. Monitoramento acústico automatizado de anfíbios anuros no Parque Nacional do Iguaçu
83. Filogenia do subgênero *Helmia* no neotrópico e revisão da seção *Monadelphpha* com análise dos padrões de distribuição geográfica
84. Autorização para coleta de dados para pesquisa intitulada "Comportamento espaço temporal: Um estudo das ferramentas tecnológicas para a gestão do turismo inteligente".
85. Filogenia e Biogeografia de *Piptocarpha* R.Br (Vernonieae, Asteraceae)
86. Filogenia do subgênero *Helmia* no neotrópico e revisão da seção *Monadelphpha* com análise dos padrões de distribuição geográfica
87. Inventário da malacofauna terrestre dos ecossistemas brasileiros
88. Reconstruções filogenéticas e filogeográficas de abelhas brasileiras: biogeográficas, conservação, ecologia e evolução
89. Guia dos Quelônios da Região Sul do Brasil
90. Anatomia floral e perfil químico de cactos epífitos da Mata Atlântica
91. Pesquisa histórica e museológica em unidades de conservação
92. II Fórum Latino Americano de Engenharia Química da UNILA
93. Filogenia do subgênero *Helmia* no neotrópico e revisão da seção *Monadelphpha* com análise dos padrões de distribuição geográfica
94. Ecologia de Ambientes Aquáticos
95. Fundamentos de América Latina-História Ambiental da Tríplice Fronteira
96. *Tettigonioidea* (Orthoptera: Ensifera) do Parque Nacional do Iguaçu
97. Percepção dos Serviços ecossistêmicos do Parque Nacional do Iguaçu

98. Análise filogeográfica de três espécies do gênero *Idiops* Perty 1833 (Araneae, Idiopidae)
99. Influência da latitude e dos subsídios aquáticos na amplitude de nicho e na estrutura das comunidades terrestres
100. Valorização da Geodiversidade Existentes em Unidades de Conservação Federais Brasileiras e sua Utilização para Manifestações Religiosas
101. Taxonomia do Gênero *Plinia* (Myrtaceae) no Brasil.
102. Conservação Integrada in situ e ex situ da *Harpia* (*Harpia harpyja*) no estado do Paraná
103. Distribuição e fluxo gênico entre variantes genéticas de veado-mateiro (*Mazama americana* Erxleben, 1777) no Brasil.
104. Inventário de Muscidae (Insecta, Diptera) em área de Floresta Estacional Semidecidual no sul do Brasil
105. Altícini associados à musgo e serapilheira: uma fauna ainda desconhecida no Brasil
106. Gravação sonora do Rio Iguazu nas cataratas e na base avançada Capanema e na base das cataratas para criar um mapa sonoro do Rio Iguazu projeto que é uma pesquisa de Doutorado em Musica com enfase em Composição
107. Taxonomia de macroinvertebrados de riachos da região fronteira (Brasil-Paraguai)
108. Influência dos fatores ambientais e espaciais na diversidade taxonomica, funcional e filogenética dos Anfíbios anuros do Parque Nacional do Iguazu
109. Aula prática de Campo na Sede Céu Azul do PNI
110. Sistema de Abastecimento de Água; Gestão e Planejamento de Recursos Hídricos; Gestão Ambiental; Sistema de Esgoto sanitário
111. Solicitação de captação de imagens para um Trabalho de Conclusão de Curso (curta-metragem QUEDA) do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Integração Latino-americana.
112. Detecção molecular e análise filogenética de arbovírus em primatas não humanos e mosquitos vetores no Brasil
113. Anatomia e Morfologia Vegetal; Diversidade de Angiospermas

114. Avaliação da Maturidade e Práticas de Gestão do Conhecimento em Unidades de Conservação Federais, Núcleos de Gestão Integrada E Coordenações Regionais do ICMBio
115. Filogenia do subgênero *Helmia* no neotrópico e revisão da seção *Monadelpha* com análise dos padrões de distribuição geográfica
116. Filogenia do subgênero *Helmia* no neotrópico e revisão da seção *Monadelpha* com análise dos padrões de distribuição geográfica
117. Taxonomia e filogenia dos fungos coprinoides (*Psathyrellaceae*, *Basidiomycota*) do Brasil
118. Conforto Ambiental; Responsabilidade Social e Sustentabilidade; Relações Sociais; Hidráulica. Empreendedorismo.
119. Avaliação da presença de arboviroses de interesse em saúde pública em primatas não humanos e mamíferos silvestres de vida livre no estado do Paraná
120. A Educação Ambiental sobre o manejo do fogo e as áreas protegidas
121. Distribuição e sensibilização para conservação de libélulas (*Insecta: Odonata*) nas regiões Oeste e Noroeste do Paraná
122. Imersão em Engenharia Florestal
123. Projeto Floriano: desvendando a biodiversidade "intangível"
124. Geografia Urbana; Georreferenciamento; Pedologia; Geografia Rural; Geografia da Indústria
125. Curso de Especialização em Projetos Sustentáveis, Mudanças Climáticas e Mercado de Carbono da UFPR
126. Avaliação e mitigação de atropelamentos no trecho da BR 469 no Parque Nacional do Iguaçu, PR
127. Modelos de governança e uso público de áreas protegidas: estudo de caso dos parques nacionais de Iguaçu e Iguazú
128. Sistemática de Fanerógamas para alunos de Ciências Biológicas
129. Competitividade Turística nos Parques Nacionais Brasileiros
130. Genômica populacional e taxa de cruzamento em *Syagrus romanzoffiana* na Mata Atlântica
131. Planejamento e Gestão Ambiental - Seminário de Pesquisa PPGEU/UFMS/CPAQ

132. Caracterização molecular de parasitas do gênero *Trypanossoma* (Euglenozoa:Trypanosomastidae) em mamíferos selvagens e triatomíneos da Mata Atlântica do Parque Nacional do Iguaçu, Foz do Iguaçu.
133. Ecologia Geral; Sistemática Vegetal; Morfologia Vegetal; Ecologia e Manejo de Ecossistemas; Análise Ambiental
134. Bioacústica e parasitoidismo por *Ormia* (Diptera, Tachinidae) em *Conocephalus saltator* (Orthoptera, Tettigoniidae)
135. Efeito do gradiente de distâncias de rodovias sobre os mamíferos de médio e grande porte do Parque Nacional do Iguaçu.
136. Morfoanatomia dos órgãos reprodutivos de *Psychotria* L. e *Palicourea* Aubl. (Rubiaceae) e sua contribuição para a sistemática da aliança Psychotrieae
137. Inventário da fauna de insetos (Diptera, Lepidoptera, Odonata e Vespidae) e aracnídeos (Opiliones) do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, sul do Brasil
138. Manejo epidemiológico da população de quatis (*Nasua nasua*, Procyonidae) na área de uso especial do Parque Nacional do Iguaçu
139. Solicitação de acesso a zona intangível de Unidade de Conservação para finalidade histórica e científica.
140. Geografia Aplicada ao Turismo; Território e Sociedade; Geografia
141. Pesquisa de campo no Parque Nacional de Fernando de Noronha, na APA de Fernando de Noronha e no Parque Nacional de Foz do Iguaçu
142. PROJETO ArTri - Inventariamento e diversidade funcional dos artrópodes de solo de áreas protegidas da Fronteira Tríplice
143. Cyclanthaceae do bioma Mata Atlântica: anatomia foliar e taxonomia
144. Desenvolvimento de índice biológico para avaliação da qualidade ambiental dos rios das bacias hidrográficas do extremo Oeste do Paraná
145. Biologia comparada de opiliões da família Gonyleptidae (Arachnida, Opiliones): sistemática, biogeografia e comportamento
146. Análise citogenética de Cichlidae (Perciformes, Pisces) da região Sul do Brasil
147. Avaliação da Ictiofauna e habitats de reprodução no Parque Nacional do Iguaçu e entorno
148. Pteridófitas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil

149. Diversidade e Riqueza da malacofauna terrestre e límnic brasileira
150. Manejo e conservação do palmitero juçara (*Euterpe edulis* Martius), para produção de frutos via abordagens fenotípicas e marcadores moleculares para seleção genômica
151. Uso de novas tecnologias na gestão de Uso Público em Unidades de Conservação
152. Sistemática e evolução das aranhas orbitelas do gênero *Wagneriana* Cambridge, 1904 (Araneae: Araneidae)
153. Parâmetros ambientais relacionados à incidência e prevalência do fungo quitrídio em anfíbios
154. Levantamento da mastofauna terrestre em cinco trilhas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
155. Geobiodiversidade dos parques nacionais do Iguaçu e Iguazú para educação ambiental e turismo
156. Anatomia de Angiospermas Herbáceas ocorrentes em Unidades de Conservação do Paraná, Brasil
157. A família Graphidaceae (Ostropales, Ascomycota liquenizados) no Brasil
158. Variabilidade climática e a atividade turística em Foz do Iguaçu, PR: interações e repercussões nos espaços turísticos
159. Revisão do Plano de Manejo do Parque Nacional do Iguaçu
160. Vertebrados terrestres exóticos e invasores no Brasil: distribuição atual e futura
161. A Família Sapotaceae Juss. no Estado do Paraná
162. Projeto em Ecologia de Campo
163. Patrimônio Mundial Natural na produção de destinos turísticos no Brasil: um olhar sobre o Parque Nacional do Iguaçu (PR).
164. Nicho Ecológico de Cervídeos *Mazama*
165. Rede de monitoramento atmosférico de compostos orgânicos persistentes (COPs)
166. Espécies paisagem como indicadoras da estrutura e da conectividade funcional da paisagem: uma contribuição para a conservação de *Tayassu pecari* e *Tapirus terrestris* e seus habitats

167. Estudos taxonômicos das planárias (Platyhelminthes) do Parque Nacional do Iguaçu
168. Revisão taxonômica e delimitação filogenética das espécies brasileiras de *Anomobryum*, *Brachymenium* e *Bryum* (Bryaceae)
169. Distribuição e composição da herpetofauna de Mata Atlântica no sul do Brasil
170. Visitação Noturna em Áreas Protegidas
171. O uso público como ferramenta de manejo para a conservação da biodiversidade em parques nacionais do Brasil
172. A comunicação em parques nacionais: o caso do Parque Nacional do Iguaçu
173. Taxonomia e Filogenia de *Fomitiporia* (Hymenochaetaceae, Basidiomycota) no Brasil
174. Biologia populacional de mosquitos vetores de malária e outras doenças infecciosas na Mata Atlântica Brasileira
175. Estudos biosistemáticos para a delimitação de linhagens e espécies no complexo *Habenaria parviflora* Lindl. (Orchidaceae)
176. Variáveis das práticas de maquiagem verde como estratégias de marketing ambiental no setor turístico de Foz do Iguaçu
177. Monitoramento e avaliação de planos de manejo: um estudo de caso do Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca
178. O monitoramento da reputação online do Parque Nacional do Iguaçu: uma análise do site TripAdvisor
179. Dinâmica temporal e espacial da comunidade de carrapatos em fase de vida livre no Parque Nacional do Iguaçu e em fragmentos adjacentes
180. O gênero *Hyptis* Jacq. (Lamiaceae) na região Sul do Brasil
181. Inventário da malacofauna terrestre dos ecossistemas brasileiros
182. Taxonomia e sistemática filogenética do gênero de aranhas Neotropical *Acanthoctenus* Keyserling, 1877 (Acanthocteninae, Ctenidae, Araneae)
183. A permanência de comunidades tradicionais em parques nacionais e seu envolvimento com a conservação
184. Estabilimentos como estruturas defensivas em teias de *Cyclosa* spp. (Araneae, Araneidae): uma análise de forma, simetria, composição e conspicuidade na susceptibilidade à predação e parasitoidismo

185. O Sistema Federal de Unidades de Conservação da Natureza: o campo da educação ambiental e suas territorialidades
186. Monitoramento de micropoluentes (agrotóxicos) em águas superficiais: Estudo na Bacia Hidrográfica Paraná 3 ? Paraná
187. Paleoclimas e paleoambientes com base em determinações multiproxies com sedimentos lacustres do Paraná e Mato Grosso do Sul
188. Fungos poroides (Ganodermataceae, Basidiomycota) em áreas de Mata Atlântica e Pampa: Contribuição ao conhecimento de sua diversidade e potencial farmacológico.
189. O efeito do patógeno *Batrachochytrium dendrobatidis* sobre a comunicação acústica em sapos neotropicais
190. Parques Nacionais Transfronteiriços, Políticas Territoriais e Integração: Os casos dos Parque Nacional do Iguaçu-BR e Parque Nacional Iguazu-AR
191. Educação e Percepção Ambiental em Parques Nacionais da Mata Atlântica
192. Assinaturas Genômicas da Domesticação no Mutualismo Formiga Fazendeira-Fungo
193. Diversidade de plantas Arquegoniadas; Biodiversidade Animal e Vegetal
194. As comunidades dos Anfíbios em uma paisagem fragmentada do Paraná, Brasil.
195. Geoturismo e a percepção do turista ao conteúdo da Geodiversidade no destino turístico Parque Nacional do Iguaçu - PR, Brasil
196. Controle estatístico do processo aplicado no estabelecimento dos valores geoquímicos de referência em solos e sedimentos
197. Análise da estrutura genética do papagaio-do-peito-roxo (*Amazona vinacea*): um enfoque conservacionista in situ e ex situ
198. Efeito de borda em fragmentos florestais do Parque Nacional do Iguaçu
199. Projeto Onças do Iguaçu: manejo e conservação de onça pintada no Parque Nacional do Iguaçu e entorno: caracterização da população e monitoramento de tendências
200. Redelimitação morfológica e revisão taxonômica de *Oxalis* sect. *Ripariae* Lourteig. (Oxalidaceae)

201. Experiências históricas nas concessões de Parques brasileiros, diretrizes para o enriquecimento do modelo
202. Avaliação dos efeitos marginais potenciais de estradas em unidades de conservação
203. Identificação de polinizadores de *Eugenia pyriformis* em um trecho da borda do Parque Nacional do Iguaçu, Município de Matelândia-PR.
204. Muscidae (Diptera, Insecta) em Floresta Estacional Semidecidual
205. Introdução à Biologia IV: Ecologia e evolução
206. Caracterização genética e morfológica de *Mazama rufa* (Illiger, 1815): uma nova espécie de cervídeo da bacia do Rio da Prata?
207. Ocorrência e dinâmica populacional da mirmecofauna na região do reservatório da Itaipu Binacional em função de diferentes estágios de recuperação da área de preservação permanente
208. Estudo da variabilidade genética em *peroba rosa* (*Aspidosperma polyneuron* Müll. Arg.)
209. Diversidade de anuros em duas fitofisionomias do Parque Nacional do Iguaçu
210. Sistemática de Podostemaceae Neotropicais
211. Análise da percepção dos gestores das Unidades de Conservação Federais diante da temática das Invasões Biológicas
212. Distribuição de ocorrência natural de populações de araucária e erva mate para uso em programa de conservação genética
213. Influência da fragmentação florestal no comportamento social e reprodutivo de *Cyanocorax chrysops* (Corvidae: Passeriformes)
214. Estudo da comunidade de fungos gasteroides (Agaricomycetes, Basidiomycota) em diferentes unidades fitogeográficas do Sul do Brasil
215. Índice de Atratividade dos Parques Nacionais
216. Anfíbios ameaçados da Floresta com Araucárias e ecossistemas associados
217. Discriminação das fontes de carbono pirogênico na rede de drenagem fluvial brasileira
218. Falta de comunicação? Por que as políticas públicas para a conservação da biodiversidade não se baseiam em estudos científicos

219. Diversidade de fungos (Basidiomycota) na região sul do domínio Mata Atlântica
220. Protocolo de atendimento de acidentes de trabalho causados por animais peçonhentos dentro do Parque Nacional do Iguaçu
221. Projeto de Monitoramento in situ da Biodiversidade em Unidades de Conservação Federal
222. Espécies Exóticas Invasoras em Unidades de Conservação no Sul do Brasil
223. Estudos sistemáticos e ecológicos em orquídeas brasileiras.
224. Projeto Antas da Mata Atlântica
225. Sistemática molecular de *Stemodia* L. (Plantaginaceae)
226. O gênero *Buddleja* L. (Scrophulariaceae) no Brasil
227. O papel dos invertebrados aquáticos na decomposição do detrito foliar em riachos neotropiais
228. Diversidade de fungos (Basidiomycota, Agaricomycetes) da região sul e sudeste do domínio Mata Atlântica
229. Determinação dos Teores Naturais dos Elementos Metálicos como Base de Referência de Qualidade em Solos do Estado do Paraná
230. Influência da participação social na efetividade das unidades de conservação brasileiras
231. Avaliação de populações de minhocas (Annelida: Oligochaeta) e biota do solo em sistemas agrícolas e naturais e seu potencial como bioindicadoras ambientais
232. Sistemática de *Aechmea* subgênero *Ortgiesia* (Bromelioideae - Bromeliaceae)
233. Pesquisa de *Rickettsias* do Grupo da Febre Maculosa e *Borrelia* spp. em mamíferos silvestres e carrapatos
234. Diversificação biológica de aves neotropicais de ampla distribuição em diferentes ambientes
235. Biogeografia e Ecologia de Abelhas Euglossina (Hymenoptera, Apidae): a fauna das florestas do alto Paraná
236. História dos Projetos de Conservação da Fauna ameaçada no Brasil

237. Avaliação da presença de animais domésticos em UCs federais, com ênfase em cães domésticos
238. Desenvolvimento de inflorescências em *Algrizea Proença & NicLugh.*, *Myrciaria O. Berg*, *Neomitranthes Kausel ex D. Legrand*, *Plinia L.* e *Siphoneugena O. Berg* (Myrtaceae) e suas implicações na sistemática, evolução e biologia do grupo
239. Cogumelos comestíveis da Mata Atlântica: diversidade e viabilidade de cultivo
240. Distribuição geográfica histórica e recente de catetos (*Pecari tajacu* Linnaeus, 1758) e queixadas (*Tayassu pecari* Link, 1795) (Cetartiodactyla, Tayassuidae) na Mata Atlântica brasileira
241. Impactos do turismo e de espécies exóticas na biodiversidade das unidades de conservação do Brasil
242. Padrões ecomorfológicos em insetos neotropicais: estudos de caso em uma paisagem altamente fragmentada no oeste do Paraná
243. Carnívoros selvagens generalistas como sentinelas para filaríoses e leishmaniose visceral no Parque Nacional do Iguaçu
244. Efeito da fragmentação florestal em comunidades de Histeridae e Staphylinidae (Insecta: Coleoptera): um estudo de caso em Floresta Estacional Semidecidual
245. Bioconversão de micromoléculas de Aristolochiaceae, Euphorbiaceae e Cleomaceae por lagartas de lepidópteros, e cultivo, multiplicação in vitro e estudos químicos, biológicos, anatômicos, genéticos, etnofarmacológicos e biotecnológicos dessas plantas
246. Estudo de espécies do gênero *Erythroxylum* com desenvolvimento no Sul do país
247. Estudo comparativo dos valores hematológicos e bioquímicos de rapinantes de vida livre e de cativeiro
248. Macroecologia de populações continentais e insulares do complexo *Bothrops jararaca* (Serpentes, Viperidae)
249. Sistemática do clado phlebioide (Basidiomycota, Polyporales) da Mata Atlântica Brasileira
250. Aspectos morfológicos e Ecológicos de *Ixodes schulzei* (Acari: Ixodidae)

251. Diagnósticos ambientais realizados para subsidiar o planejamento de unidades de conservação federais no Brasil
252. O gênero *Stelis* Swartz (Orchidaceae) no Estado do Paraná
253. Distribuição do gênero *Mazama* (Rafinesque, 1817) nos fragmentos florestais do Oeste do Paraná e sua relação com aspectos ecológicos e antrópicos da paisagem.
254. Avaliação da estrutura genética populacional de *Apinagia yguazuensis* Choda & Vischer (Podostemaceae) no Estado do Paraná
255. Uso público recreativo em Unidades de Conservação: Corridas de Aventura.
256. Gestão de parques nacionais brasileiros: o caso das territorialidades no Parque Nacional do Iguaçu
257. Besouros micetobiontes como moduladores da biodiversidade de besouros detritívoros e micetócolos
258. Revisão taxonômica e análise filogenética de *Paraphasma* Redtenbacher, 1906 (Phasmatodea: Pseudophasmatidae: Stratocleinae: Stratocleini)
259. Revisão, Filogenia, Evolução e Biogeografia de *Amorimia* (Malpighiaceae)
260. Biodiversidade de Psylloidea no Brasil
261. Sistemática e biogeografia de *Schinus* L.
262. Avaliação da Efetividade de Implementação e Manejo de Unidades de Conservação das Regiões Oeste e Noroeste do Paraná - Brasil
263. Sistema de unidades de conservação: onde melhorar?
264. As Políticas Ambientais no Eixo Brasil-Argentina. As Unidades de Conservação do Iguaçu
265. Ultrapassando fronteiras na gestão da biodiversidade
266. Inventário da herpetofauna em áreas de conservação e áreas rurais no estado do Paraná e Iturama, MG.
267. Filogenia e revisão taxonômica de *Tradescantia* seção *Austrotradescantia* D.R.Hunt (Commelinaceae)
268. Estudos ecológicos de quelônios em Unidades de Conservação do Sul do Brasil

269. Uso de Análise Hierárquica de Processos para a definição de preferências e prioridades na tomada de decisões para a conservação da biodiversidade
270. Integrated Analyses of Visitation Supply, Demand and Economic Significance of the Federal Protected Areas of Brazil
271. Distribuição e densidade de veados do gênero *Mazama* na Mata Atlântica
272. Ecologia e conservação de pequenos felídeos neotropicais
273. A análise de serviços ambientais como ferramenta na aplicação de metodologias de valoração de danos ambientais
274. Altitude como fator determinante na diversidade de Plecoptera em riachos no sul do Brasil
275. Estudos filogenéticos e biogeográficos no clado *Ornithocephalus* (Oncidiinae:Orchidaceae): gêneros *Zygostates* Lindl. e *Centroglossa* Barb. Rodr.
276. Topografia de detalhes, íons negativo do ar aos arredores das cachoeiras das Cataratas do Iguaçu
277. Sistemática de *Paragripopteryx* Enderlein, 1909 (Plecoptera: Gripopterygidae): revisão e filogenia
278. Avançando no conhecimento da diversidade de aracnídeos brasileiros I: sul do Brasil
279. Estudo da flora arbórea de fragmentos de floresta nativa situados entre as cabeceiras do Rio Ocoy e o Parque Nacional do Iguaçu e implantação do Herbário da UTFPR-Câmpus Medianera: subsídios para a implantação de um corredor de biodiversidade entre o Parque e o Lago de Itaipu
280. Produção, caracterização e análise energética de carvão vegetal a partir do bambu da espécie *Phyllostachys edulis*
281. Podostemaceae Rich. na bacia do rio da Prata: taxonomia, distribuição geográfica e resolução de complexos, com ênfase na filogenia molecular de *Podostemum Michx*
282. Inventário Florestal Nacional em parte do Estado do Paraná
283. Biogeografia e diversificação de *Adenocalymma* (Bignoniaceae, Bignoniaceae).
284. indicadores de gestão ambiental
285. Rubiaceae do Parque Nacional do Iguaçu-PR
286. O gênero *Acalypha* na Floresta Atlântica

287. Diversidade e estrutura genética de populações de bambu com ênfase em *Guadua* spp. e *Merostachys* spp
288. Levantamento da fauna de vespas aculeadas (Hymenoptera: Apocrita: Aculeata: Vespoidea) no Parque Nacional do Iguaçu, PR, Brasil
289. O gênero *Gochnatia* seção *Moquiniastrum* (Asteraceae) na Região Sul do Brasil
290. Evolução de nicho em árvores da América do Sul e suas consequências
291. Caracterização da comunidade de invertebrados bentônicos no Rio Floriano, interior do Parque Nacional do Iguaçu
292. Gestão de parques nacionais brasileiros: o caso das territorialidades no Parque Nacional do Iguaçu
293. Interações inseto-hospedeiro e taxas de evolução em uma comunidade de besouros associados a palmeiras
294. Identificação de riachos de ocorrência de espécies de peixes em ameaça de extinção
295. Manejo e conservação de onça pintada no Parque Nacional do Iguaçu e entorno: caracterização da população e monitoramento de tendências
296. Sistemática, morfologia e taxonomia de moluscos límnicos na região do Parque Nacional do Iguaçu
297. Projeto para pesquisa histórica a ser realizada no Parque Nacional do Iguaçu
298. Aplicação de informações científicas na gestão de unidades de conservação
299. Variações da diversidade funcional e níveis de sensibilidade de anuros à fragmentação florestal no norte do Paraná, Brasil
300. Levantamento florístico das microalgas perifíticas em ambientes aquáticos do Parque Nacional do Iguaçu, Foz do Iguaçu, Paraná.
301. Influência da urbanização e da agricultura sobre a composição e a estrutura da assembleia de peixes em riachos
302. Os gêneros *Piriqueta* Aubl. e *Turnera* L. (Passifloraceae) na Região Sul do Brasil
303. Planejamento regional e conservação ambiental: interlocuções entre Brasil e Estados Unidos

304. Pesquisa molecular e sorológica de hemoparasitos em *Nasua nasua* (Carnivora: Procyonidae) do Brasil
305. Espécies Exóticas Invasoras da Fauna em Unidades de Conservação Federais no Brasil: Sistematização do Conhecimento e Implicações para o manejo
306. Contenção farmacológica e anestesia dissociativa de mamíferos domésticos e selvagens pela associação de agonistas de receptores adrenérgicos alfa2 a anestésicos dissociativos, em doses calculadas por meio de extrapolação alométrica
307. Diversidade genética de Solanaceae e Leguminosae no Corredor Santa Maria, sudoeste do Paraná, Brasil
308. A diversidade de Drosophilidae (Insecta, Diptera) no Parque Nacional do Iguaçu
309. Filogeografia de *Nasutitermes jaraguae* (Holmgren, 1910) (Isoptera: Termitidae: Nasutitermitinae) e filogenia baseada em dados moleculares das espécies de *Nasutitermes*
310. Distribuição espacial dos anfíbios no Parque Nacional do Iguaçu
311. Revisão sistemática dos gastrópodes terrestres (Mollusca: Gastropoda) e análise filogenética de Pulmonata da Floresta Atlântica do Sul do Brasil
312. Olhares e representações sobre o Parque Nacional do Iguaçu
313. Análise de Metodologia Estatística em Atrativo Turístico
314. Caracterização da diversidade taxonômica e citogenética da fauna de Elateroidea (Insecta: Coleoptera) da Mata Atlântica do Estado do Paraná: conhecimento para a conservação
315. Caracterização da diversidade taxonômica e citogenética da fauna de Elateroidea (Insecta: Coleoptera) da Mata Atlântica do Estado do Paraná: conhecimento para a conservação
316. Implementação de Planos de Manejo - Análise e Considerações de Acordo com a Atual Situação dos Parques Nacionais Brasileiros
317. Fatores Críticos de Sucesso (FCS) para Implantação de Gerenciamento em Projetos (GP) nas Concessionárias do PNI, PNT e PNMFN
318. Percepções de meio ambiente de professores de escolas participantes do curso de educação ambiental para unidades de conservação (Escola Parque - Parque Nacional do Iguaçu)

319. Trentepohliales (Ulvophyceae, Chlorophyta) de biomas da região sul do Brasil
320. Filogenia e Biogeografia de *Barbosella* Schltr. (Orchidaceae: Pleurothallidinae): gênero com distribuição disjunta no Neotrópico
321. Estudo de indicadores hidrológicos em uma microbacia de primeira ordem no Parque Nacional do Iguaçu: subsídios para a conservação dos recursos hídricos
322. A família Xyridaceae C. Agardh na região sul do Brasil
323. Influência de borda antrópica e natural sobre a avifauna em Floresta Estacional Semidecidual no Estado do Paraná, sul do Brasil
324. Filogenia e citotaxonomia do clado Stenorrhynchos (Spiranthinae, Cranichideae, Orchidoideae, Orchidaceae)
325. Lista de espécies de mamíferos e atropelamentos da fauna silvestre no Parque Nacional do Iguaçu
326. Dendrocronologia de espécies florestais remanescentes no estado do Rio de Janeiro e Paraná
327. Efetividade do Corredor Ecológico Santa Maria à manutenção, preservação dos ecossistemas aquáticos lóticos, Paraná, Brasil.
328. Diversidade e Distribuição de Insetos Aquáticos da Mata Atlântica
329. Análise da diversidade por meio de marcadores genéticos e citogenéticos: um estudo integrado em representantes de quatro ordens de insetos coletados no Parque Nacional do Iguaçu (Foz do Iguaçu - Paraná - Brasil)
330. Biodiversidade e Conservação de Anfíbios em remanescentes de Mata Atlântica no oeste do Paraná
331. A subtribo Goodyerinae (Orchidaceae: Orchidoideae) no estado do Paraná, Brasil
332. *Palicourea* Aubl. (Rubiaceae) da Mata Atlântica brasileira
333. A importância e a necessidade de apoio das comunidades do entorno na preservação dos PARNAs e de suas zonas de amortecimento
334. Estrutura populacional e dendroecologia de *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze, em diferentes condições de crescimento: interior da floresta natural e borda floresta monocultura agrícola.

335. Interação entre *Araucaria angustifolia* e a comunidade de pequenos mamíferos de uma área de Floresta com Araucária
336. O Desenvolvimento da Atividade Turística nos Parques Nacionais do SNUC
337. Interação entre *Araucaria angustifolia* e a comunidade de pequenos mamíferos de uma área de Floresta com Araucária
338. Atividade Biológica dos Microorganismos do Solo e Dinâmica das Populações de Mamíferos ao longo de um Gradiente de Alteração de Hábitat na Região do Parque Nacional do Iguaçu, PR.
339. Avaliação da qualidade da água do Rio Iguaçu: da nascente a sua foz
340. Assobios Ultrassônicos Salva-Vida no Iguaçu
341. Efeitos da fragmentação sobre a composição da avifauna em um território de floresta estacional semidecidual
342. Diversidade e Distribuição de Insetos Aquáticos da Mata Atlântica
343. Sistemática, biogeografia e biologia de Orthoclaadiinae (Diptera: Chironomidae) com descrição de novos táxons para a região Neotropical (ênfase na Mata Atlântica e descrição de estágios imaturos)
344. Diversidade e Distribuição de Insetos Aquáticos da Mata Atlântica
345. Aspectos ecológicos, biológicos e epidemiológicos de carrapatos do Parque Nacional do Iguaçu com ênfase no *Amblyomma ovale* (Acari: Ixodidae)
346. Taxonomia de insetos aquáticos de riachos com ênfase em Plecoptera (Insecta)
347. Projeto Malha - PARNA Iguaçu
348. Sistemática, biogeografia e biologia de Orthoclaadiinae (Diptera: Chironomidae) com descrição de novos táxons para a região Neotropical (ênfase na Mata Atlântica e descrição de estágios imaturos)
349. Diversidade e Distribuição de Insetos Aquáticos da Mata Atlântica
350. Florística e estrutura da vegetação em Floresta Estacional da micro-região de Foz do Iguaçu/PR
351. Filogenia e biogeografia de vespas caçadoras do gênero *Eremnophila* (HYMENOPTERA: Sphecidae)
352. Estudo Biosistemático de espécies do Complexo *Tibouchina cerastiifolia* (Naud.) Cogn. (Melastomataceae - Melastomeae)

353. Influência dos impactos antrópicos na distribuição de ariranha *Pteronura brasiliensis*
354. Levantamento Preliminar de Entomofauna no Corredor de Biodiversidade de Santa Maria
355. Taxonomia e ecologia de macroalgas de riachos do Parque Nacional do Iguaçu e região da Bacia Hidrográfica do Paraná 3
356. Diversidade de espécies e composição de grupos funcionais do estrato regenerante em uma floresta secundária no oeste do Paraná
357. Distribuição e estimativa populacional do veado-mão-curta (*Mazama nana*) utilizando amostragem genética não invasiva e modelagem
358. Avaliação de óleos essenciais e extratos vegetais para controle de patógenos na avicultura agroecológica
359. Sistemática e Biologia de Políporos (Basidiomycota) do Sul Do Brasil: gêneros *Antrodiella*, *Flaviporus*, *Junghuhnia* e *Tyromyces*.
360. Revisão, Filogenia e Biogeografia de *Eugenia* sect. *Phyllocalyx*
361. Diagnóstico ambiental e biomonitoramento da qualidade da água por bioindicadores no rio Iguaçu, Paraná
362. Filogenia de *Ayapaninae* (Eupatorieae - Asteraceae), filogenia e revisão taxonômica de *Heterocondylus* R.M. King & H. Rob.
363. Filogenia molecular de *Dyckia* (Pitcairnioideae-Bromeliaceae) e sistemática de suas espécies reófitas
364. Pteridófitas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
365. Estudo Macrofisiológico da temperatura crítica máxima em artrópodos do Brasil
366. Estrutura genética e filogeografia de *Tillandsia aeranthos* (Bromeliaceae) na América do Sul Subtropical
367. Pteridófitas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
368. Avaliação de óleos essenciais e extratos vegetais para controle de patógenos na avicultura agroecológica
369. Levantamento florístico e filogenia molecular das espécies brasileiras de *Punctelia* (Parmeliaceae, Ascomycota Liquenizados)

370. Bioprospecção de microrganismos endofíticos produtores de compostos antimicrobianos associados a plantas nativas brasileiras
371. Pteridófitas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
372. Levantamento da ictiofauna do rio Gonçalves Dias, bacia do rio Iguaçu, Paraná - BR
373. Filogenia molecular de *Dyckia* (Pitcairnioideae-Bromeliaceae) e sistemática de suas espécies reófitas
374. Filogenia molecular de *Dyckia* (Pitcairnioideae-Bromeliaceae) e sistemática de suas espécies reófitas
375. Sistemática e comportamento reprodutivo dos Phalangopsidae de Mata Atlântica
376. Interação entre *Araucaria angustifolia* e a comunidade de pequenos mamíferos de uma área de Floresta com Araucária
377. Filogenia molecular de *Dyckia* (Pitcairnioideae-Bromeliaceae) e sistemática de suas espécies reófitas
378. Estudo sobre o uso de ferramentas de Marketing em Parques Nacionais
379. *Palicourea* Aubl. (Rubiaceae) da Mata Atlântica brasileira
380. Avaliação da colonização de substratos por macroinvertebrados bentônicos ao longo de um trecho do rio Azul
381. Prevenção de incêndios em unidades de conservação: da formação da equipe técnica ao desenvolvimento de estratégias
382. Ecologia, comportamento e conservação de gato-maracajá *Leopardus wiedii* (Schniz, 1821) em remanescentes de Mata Atlântica, no oeste do estado do Paraná, Brasil - Aspectos da Dieta.
383. Thermal history, exhumation, uplift, and long-term landscape evolution of the western South Atlantic passive continental margin, Brazil
384. Identificação de espécies de bambu indicadas para recuperação de áreas degradadas e suas potencialidades na fixação de carbono
385. Revisão, Filogenia e Biogeografia do clado "*Myrcia pulchra* Group" (*Myrcia* s.l., Myrtaceae)
386. Inventário faunístico e monitoramento biológico de riachos neotropicais através da fauna de macroinvertebrados bentônicos

387. Morcegos em Areas Fragmentadas: Análise dos Problemas do Ponto de Vista Fisiológico
388. A fruição geográfica da paisagem turística: o caso das Cataratas do Iguaçu
389. Estudos biossistemáticos em plantas brasileiras de interesse taxonômico e biogeográfico
390. Filogenia molecular do gênero *Dolichandra* s.l. (Bignoniaceae, Bignoniaceae).
391. Pteridófitas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
392. Plantas Exóticas do Parque Nacional do Iguaçu (PR, Brasil): Ecologia e Análise Ambiental
393. Pteridófitas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
394. O gênero *Phoradendron* Nutt. (Viscaceae) no Estado do Paraná, Brasil
395. Santalales no Sul do Brasil: taxonomia, fitogeografia e relações parasita-hospedeiro
396. Levantamento de espécies sul-brasileiras do gênero *Bulbophyllum* Thouars (Dendrobieae, Bulbophyllinae)
397. Filogeografia e demografia histórica de *Myrmeciza loricata* e *Myrmeciza squamosa* (Aves, *Thamnophilidae*): uma análise de limites específicos, especiação e processos de diversificação na Mata Atlântica
398. Estrutura populacional de *Dicksonia sellowiana* Hook (Dicksoniaceae) no Brasil: subsídios para a conservação da espécie
399. Filogenia e revisão taxonômica do clado *Pachystachys-Thyrsacanthus* (Acanthaceae)
400. Flora da região oeste do Paraná.
401. Sistemática e comportamento reprodutivo dos Phalangopsidae de Mata Atlântica (Orthoptera, Grylloidea)
402. *Macroptilium* (Benth.) Urb. e *Vigna Savi* (Leguminosae – Papilionoideae – Phaseoleae) no estado do Paraná
403. Plano de ação para o controle de plantas exóticas invasoras do Parque Nacional do Iguaçu
404. Espécies aquáticas invasoras na área do Parque Nacional do Iguaçu.

405. Grau de Africanização de Abelhas *Apis mellifera* do Parque Nacional do Iguaçu
406. O gênero *Gomesa* R. Br. (Orchidaceae/Epidendroideae/Oncidiinae) no Estado do Paraná, Brasil.
407. Unidades de Conservação: relação entre o turismo, concessões e Planos de Manejo
408. A diversidade de abelhas (Hymenoptera, Apoidea) na Trilha das Bananeiras, Parque Nacional do Iguaçu-PR
409. Aspectos da atividade de caça no Parque Nacional do Iguaçu-PR
410. Turismo sustentável e meio ambiente: análise da experiência no entorno do Parque Nacional do Iguaçu
411. Avaliação da composição e distribuição da Assembleia de larvas de chironomidae em riachos da região neotropical
412. Aspectos fitossociológicos, florísticos e a dinâmica da vegetação arbórea do Parque Nacional do Iguaçu
413. Sistemática e Biogeografia de *Ficus* (Moraceae) no Bioma Mata Atlântica
414. Estudos taxonômicos em família psathyrellaceae (basidiomycota) no sul do Brasil
415. Manejo de Plantas Exóticas Invasoras do Parque Nacional do Iguaçu - PR
416. Estrutura genética de populações insulares e continentais de abelhas da Mata Atlântica
417. Revisão Taxonômica e Análise Cladística do Gênero *Benthana* Budde-Lund, 1908 (Crustacea: Isopoda)
418. Diversidade de borboletas do Parque Nacional do Iguaçu-PR (Insecta, Lepidoptera)
419. Proposta para a Formação de Conselho Consultivo no Parque Nacional do Iguaçu Enfoque na Educação Ambiental Participativa: Integração de Entorno
420. Análise Citogenética de Cichlidae do Sul do Brasil
421. Dimensionamento de sistema de captação de água pluvial
422. Taxonomia integrativa de phrynops (pleurodira, chelidae) do Parque Nacional do Iguaçu

423. Gramíneas do Parque Nacional do Iguaçu
424. Avaliação de Características do Solo e sua Dinâmica de Ocupação no Parque Nacional do Iguaçu - PR, em Áreas com Predominância de Floresta Estacional Semidecídua, Área com Bambu Taquara (*Guadua chacoensis*) e Áreas Intermediárias de Floresta e Bambu.
425. Filogeografia de Passeriformes florestais da Mata Atlântica
426. Programa de avaliação e controle de espécies aquáticas invasoras na bacia do rio Iguaçu
427. Estudos sistemáticos e filogenéticos em orquídeas brasileiras de interesse biogeográfico
428. Planejamento e Gestão Ambiental
429. Macroalgas de riachos da região sul do Brasil
430. Genética da conservação e ecologia molecular de populações brasileiras de onça-pintada
431. Ecologia, comportamento e conservação de gato-maracajá *Leopardus wiedii* (Schniz, 1821) em remanescentes de Mata Atlântica, no oeste do estado do Paraná, Brasil.
432. Manejo e conservação de onça pintada no Parque Nacional do Iguaçu e entorno: caracterização da população e monitoramento de tendências
433. Revisão taxonômica do grupo *Vriesea platynema* Gaudich. (Bromeliaceae) - Paraná
434. Diversidade e Ecologia de Macrofungos (Reino Fungi) no Parque Nacional do Iguaçu (PR)
435. Diversidade de grilos do Parque Nacional do Iguaçu-PR (Orthoptera, Grylloidea)
436. A riqueza de espécies de grilos (Orthoptera: Grylloidea) aumenta com o grau de sucessão ecológica?
437. Diversidade e Ecologia de Macrofungos (Reino Fungi) no Parque Nacional do Iguaçu (PR)
438. Resposta da onça-parda (*Puma concolor*) às atividades humanas no Parque Nacional do Iguaçu, Brasil

439. Morcegos do Estado do Paraná: inventariamento, monitoramento, variabilidade genética e conservação
440. Filogenia e revisão taxonômica das famílias Polypodiaceae e Dryopteridaceae (Pteridófitas)
441. Biosistemática de *Hippeastrum* Herb. (Amaryllidaceae)
442. Diversidade e Ecologia de Macrofungos (Reino Fungi) no Parque Nacional do Iguaçu (PR)
443. Levantamento das espécies de fanerógamas exóticas na trilha do Poço Preto do Parque Nacional do Iguaçu - PR
444. Sistemática de insetos do Brasil com ênfase à Amazônia
445. Biologia da Conservação; Fundamentos de Ecologia
446. Diversidade de Formigas (Hymenoptera, Formicidae) do Estado do Paraná, Brasil
447. Expedição de pesquisa científica voltada a história, memória e patrimônio no PNI e entorno.
448. Ecologia de Campo I
449. Os Parques Nacionais no contexto da pandemia do Covid-19
450. Educação Ambiental para as Mudanças Climáticas em Unidades de Conservação: uma proposta de Sequência Didática Interativa
451. Autorização para coleta de macrofungos
452. Diversidade genética de populações de *Chrysoporthe cubensis* no Brasil
453. Estratégias de invasão de *Tradescantia zebrina* (Schinz) D. R. Hunt (Commelinaceae) sob diferentes condições competitivas e ambientais e sua influência sobre regenerantes vegetais nativos de Floresta Estacional Semidecidual.
454. Sistemática de *Aleurodiscus* s.l. (Stereaceae, Russulales) para a Mata Atlântica do Sul e Sudeste do Brasil
455. Solicitação de permissão para pesquisa sonora no Parque com produto final científico (análisis de dados sonoros) e artístico (obras de arte sonora)
456. Levantamento fitossociológico para avaliação da integridade biótica do Parque Nacional do Iguaçu e fragmentos florestais urbanos do município de Foz do Iguaçu, PR.

457. Efeitos do medo de predadores de topo e de humanos na dinâmica trófica da Mata Atlântica.
458. Análise da inserção dos critérios ambientais no planejamento e desenvolvimento das concessões dos serviços de apoio à visitação em Parques Nacionais no Brasil
459. Seminários II - Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Tecnologias Sustentáveis (PPGATS) UFFS.
460. A família Convolvulaceae na Região Sul do Brasil
461. Levantamento da entomofauna edáfica do Parque Nacional do Iguaçu
462. Inventário Florestal Contínuo do Parque Nacional do Iguaçu (2022–2027)
463. Taxonomia e ecologia de *Phellinus* sensu lato (Basidiomycota) na Região Sul do Brasil
464. Dieta de *Lontra longicaudis* e seu potencial como dispersor de sementes no Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
465. Sistemática molecular de aracnídeos de importância médica: filogenia e limites de espécies de aranhas armadeiras (Araneae: Ctenidae: Phoneutria) e de escorpiões do complexo *Tityus stigmurus* (Scorpiones: Buthidae)
466. Patrimônio mundial e mudanças locais: percepções, usos e valores do espaço do Parque Nacional do Iguaçu
467. Diversidade e distribuição das espécies da tribo Bignonieae (Bignoniaceae) no sul do Brasil
468. Plantas Exóticas do Parque Nacional do Iguaçu (PR, Brasil): Ecologia e Análise Ambiental
469. Avaliação do Status de Conservação do jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) em unidades de conservação do Sul do Brasil
470. Gestão do conhecimento aplicada à gestão sustentável do turismo em parques nacionais
471. Levantamento preliminar das espécies de pequenos roedores e marsupiais do Parque Nacional do Iguaçu e a diferença da eficiência de captura de armadilhas pitfall e Sherman
472. Estudos de fungos gasteróides na região sul do Brasil
473. Planejamento e Gestão Ambiental

474. Pteridófitas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
475. Diversidade de Entolomataceae com basidiósporos cuboides no Brasil: revisão taxonômica e contribuição para a filogenia molecular
476. Herpetofauna do entorno das Cataratas do Iguacu
477. Sistema de tratamento de esgoto domiciliar por evapotranspiração com plantas nativas no Parque Nacional do Iguaçu
478. Avaliação da circulação de hantavirus entre roedores silvestres no Estado do Rio de Janeiro e no Estado do Paraná, e do papel do *Oligoryzomys nigripes* (Olfers, 1818) (Rodentia: Sigmodontinae) como reservatório da hantavirose
479. Variabilidade genética de *Nephila clavipes* (Araneae: Nephilidae) em fragmentos de mata
480. Coleção ficológica do oeste do Paraná
481. Inventário faunístico e monitoramento biológico de riachos neotropicais através da fauna de macroinvertebrados bentônicos
482. Estudo taxonômico de fungos corticióides (Agaricomycetes, Basidiomycota) na região sul do Brasil
483. Estudo taxonômico dos políporos trametóides na região sul do Brasil
484. Delimitação específica em *Chusquea* subgênero *Rettbergia* (Poaceae: Bambuseae)
485. Avaliação da Ictiofauna, comportamento migratório e habitats de reprodução a montante e a jusante das Cataratas do Iguaçu, no Parque Nacional do Iguaçu
486. Geomedicina: áreas de risco à saúde relacionadas com fatores ambientais
487. Rede de monitoramento atmosférico de compostos orgânicos persistentes (COPs)
488. Grau de Africanização de Abelhas *Apis mellifera* do Parque Nacional do Iguaçu
489. Estudo Sistemático e Biogeográfico da Escorpiofauna do Brasil
490. Estudo taxonômico de *Ruellia* L. (Acanthaceae) no estado do Paraná, Brasil
491. Expedições Herpetológicas do Museu de História Natural Capão da Imbuia
492. Filogenia e biogeografia de *Ficus* L. subgênero *Pharmacosycea* (Miq.) Miq., seção *Pharmacosycea* (Moraceae)

493. Efeito das Cataratas do Iguaçu sobre as assembléias zooplanctônicas (Cladocera, Copepoda e Rotífera) e condições limnológicas do baixo rio Iguaçu (Brasil/Argentina)
494. Levantamento florístico vascular das epífitas e lianas do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil
495. Análise da percepção dos voluntários e gerentes das Unidades de Conservação sobre o trabalho voluntário e suas motivações e objetivos
496. Avaliação do planejamento estratégico na gestão das unidades de conservação federais no Brasil
497. Levantamento faunístico de Aracnídeos e Miriápodes da Mata Atlântica
498. Projeto de pesquisa: Paisagens sonoras do Parque Nacional do Iguaçu
499. Projeto Onças do Iguaçu: manejo e conservação da onça-pintada no Parque Nacional do Iguaçu e entorno
500. Vulnerabilidades do sistema turístico em áreas protegidas: análise do programa de concessão dos serviços turísticos em Parques Nacionais do Brasil.
501. Geografia Aplicada ao Turismo
502. Associação de carrapatos e bactérias do gênero *Rickettsia* spp. em carnívoros silvestres com enfoque na onça-pintada (*Panthera onca*)
503. As disciplinas envolvidas nesse projeto são: Métodos quantitativos para tomada de decisões, Economia Criativa e Gestão empreendedora.
504. Diversidade de presas e predadores em um ambiente em recuperação no Parque Nacional do Iguaçu, Brasil
505. Um breve panorama das práticas de Educação Ambiental em Parques Nacionais da Mata Atlântica brasileira
506. Contabilidade Socioambiental: aplicação de questionário extraído do SICOGEA
507. Projeto Integrado II - Geopolítica Ambiental, Fronteiras e Governança Ambiental Internacional
508. Influência dos processos baseados no nicho e na dispersão na metacomunidade de anuros no Parque Nacional do Iguaçu
509. Diversidade de Hemoparasitos da Floresta Atlântica

510. Filogenia, Revisão e Biogeografia de *Cleocnemis* Simon, 1886 (Araneae: Philodromidae)
511. Estudos integrativos em Cyperaceae: filogenia molecular e diversificação de linhagens
512. Efeitos da degradação do habitat sobre a estrutura populacional, dispersão e predação de sementes de *Euterpe edulis* Mart. em Mata Atlântica de Interior
513. Efeito de borda e da matriz adjacente em comunidades de Histeridae e Staphylinidae em fragmento florestal de Mata Atlântica no oeste do Paraná, Brasil
514. Sistemática morfológica e molecular e biogeografia de aranhas Mygalomorphae da Mata Atlântica.
515. Gestão de Recursos Hídricos, Gestão da Água, Sistema de Abastecimento de Água, Sistema de Esgoto
516. Padrão de distribuição de jovens e adultos de *Euterpe edulis* Mart. e relação com fragmentação do ambiente
517. Elaboração e análise de indicadores de educação ambiental para a conservação da biodiversidade mediada pela tecnologia no Parque Nacional do Iguaçu.
518. Projetos em Ecologia de Campo
519. Trabalho de Campo Integrado
520. Utilização de líquens como bioindicadores de poluição atmosférica no Parque Nacional do Iguaçu (Foz do Iguaçu, PR)
521. Ecologia, bioacústica, citogenética e comportamento reprodutivo aplicados a sistemática Orthoptera da região sul do Brasil

## **ANEXO 2 - LISTA DE PESQUISAS PARQUE NACIONAL IGUAZÚ (ARGENTINA)**

### **Histórico e títulos dos estudos**

Quantidade: 336 pesquisas

Período: 1986 a 2025

1. Estado del conocimiento sobre el manejo de especies introducidas (invasoras) dentro de los parques nacionales de Argentina
2. Impacto genético de la degradación de la selva misionera: influencia de la fragmentación y defaunación sobre el flujo genético de especies arbóreas
3. La importancia de las interacciones ecológicas para la conservación de los bosques: el efecto histórico del tapir sobre la estructura genética de la palmera pindó en el Bosque Atlántico
4. Percepción de los guardaparques frente a las interacciones entre perros y fauna silvestre en las áreas protegidas de la Administración de Parques Nacionales
5. Red Bosque-Clima. Subproyecto: Evaluación del crecimiento de los árboles del Bosque Atlántico semidecíduo a diferentes escalas temporales
6. Relación entre la variabilidad hidrológica, las crecidas extremas y la diversidad de microhábitats en el río Iguazú, Argentina.
7. Culicoides Latreille (Diptera: Ceratopogonidae) en la provincia paranaense: un enfoque desde la taxonomía integrativa
8. Carnívoros silvestres del norte de Misiones como reservorios y vectores de patógenos de riesgo para humanos y fauna silvestre
9. Revisión taxonómica y filogenia de Sabethini (Diptera: Culicidae) de Argentina y su rol como vectores de arbovirus
10. Taxonomía integrativa en Oxalis L. subg. Oxalis (Oxalidaceae): sistemática y conservación del clado bulboso del Sudeste de Sudamérica
11. Documentación artística, estudio y conservación de Plantas y Hongos tintóreos nativos de Misiones
12. "Aportes para contribuir a la protección y el manejo del Mono Caí Negro (*Sapajus nigritus*) y los Coatíes (*Nasua nasua*) en el Parque Nacional Iguazú"

13. Estudio de los marsupiales didélfidos (*Didelphimorphia*, *Didelphidae*) que habitan la provincia de Misiones, República Argentina<sup>18</sup>
14. Monitoreo de Yaguareté (*Panthera onca*) en el Parque Nacional Iguazú.<sup>19</sup>
15. Efectividad de las campañas de concientización para reducir el acceso a alimento antropogénico de mamíferos silvestres
16. Estudio de Calidad de Agua y Sedimentos
17. Estudios hidrométricos de los ríos Paraná e Iguazú
18. Proyecto Bosques Nativos y Comunidad: Contratación del Servicio para Instalación de Parcelas Remedibles de Inventario Forestal en las provincias de Misiones y Corrientes. Licitación Pública Nacional N° 02/201. PRÉSTAMO BIRF N° 8493-A.
19. Relevamiento de peces del río Iguazú en el área de influencia de turismo náutico. Misiones Argentina.
20. Genética y conectividad espacial de *Guadua trinii* (*Poaceae*: *Bambusoideae*) a dos escalas de paisaje
21. Efectos de la floración de *Guadua trinii* (*Poaceae*: *Bambusoideae*) en poblaciones de mamíferos y aves del Bosque Atlántico de Misiones
22. Sinopsis de Sapindales en el Bosque Atlántico del Alto Paraná
23. Estudio de diversidad de briofitas y su interacción con hongos micorrícicos
24. Tuberculosis en animales en vida libre del área de interfaz del Parque Nacional Iguazú
25. ArgentiNat, una herramienta para conocer nuestra biodiversidad
26. Monitoreo ambiental de arañas (*Arachnida*: *Araneae*) en pastizales, bosques naturales y plantaciones forestales: un enfoque regional para incrementar su sostenibilidad a largo plazo
27. Diversidad de especies fúngicas (*Agaricales* y *Pezizomycotina*): interacciones de especies xilófilas y solícolas de la Argentina. Búsqueda de aislamientos para usos biotecnológicos

---

<sup>18</sup> Este es un levantamiento temático, como el título de las investigaciones, sin otros datos, como autoría, publicación, universidad/institución.

<sup>19</sup> Este es un levantamiento temático, como el título de las investigaciones, sin otros datos, como autoría, publicación, universidad o institución.

28. Interacciones planta-animal en la Selva Paranaense: frugivoría y dispersión de semillas de la palmera pindó (*Syagrus romanzoffiana*)
29. Biodiversidad de coleopteros acuáticos y semiterrestres del Bosque Atlántico del Alto Paraná (Misiones: Argentina): taxonomía, sistemática, filogenia y conservación
30. Influencia de condiciones ambientales y antrópicas en la diversidad de ciliados (Protista) de suelo en el Parque Nacional Iguazú
31. Paisaje de miedo del mono caí negro (*Sapajus nigritus*): Efectos de la depredación y la estructura del bosque
32. Efecto de la fragmentación del paisaje en la dispersión de semillas: el mono caí como modelo
33. Historia ambiental de la cuenca baja del río Iguazú. Un estudio aplicado al manejo de los recursos naturales y culturales del Corredor Verde Paranaense
34. Restauración de arroyos bajo explotación agropecuaria del Corredor Selva Paranaense para su funcionamiento como corredores biológicos
35. Diversidad de hongos, líquenes y briófitos del Nordeste Argentino
36. Monitoreo de fauna del Área Cataratas del Parque Nacional Iguazú por medio de cámaras trampa
37. Estrategias ecológicas de lianas y árboles frente al cambio climático
38. Taxonomía, comportamiento y biogeografía de arácnidos de Argentina
39. Descubriendo las redes de hifas subterráneas de hongos formadores de micorrizas del bosque Atlántico, Argentina
40. Estudio eco-epidemiológico de Arbovirus de importancia medica veterinaria en la Selva Paranaense
41. Conservación de *Pomacea americanista*, un caracol de agua dulce endémico de los ríos Iguazú y Alto Paraná, y otros caracoles nativos vulnerables
42. Parásitos de peces del Parque Nacional Iguazú como indicadores de biodiversidad y relaciones tróficas
43. Bionomía y sistemática de *Culex* (*Melanoconion*) (Diptera: Culicidae), potenciales vectores de arbovirus de enfermedades re-emergentes y desatendidas en Argentina
44. Elaboración de la lista roja nacional del orden Odonata (Insecta)

45. Estudio de los peces y sus parásitos en áreas protegidas del centro, noreste (NEA) y noroeste (NOA) de Argentina. Un esfuerzo conjunto para ampliar el conocimiento de la fauna íctica, sus parásitos y el rol de estos como indicadores de diversidad animal
46. Caracteres reproductivos y vegetativos de *Passiflora* (Passifloraceae) relacionados con las interacciones planta-animal
47. Diversidad de *Atrichopogon* Kieffer (Diptera, Ceratopogonidae) en la provincia de Misiones (Argentina)
48. Evolución del cuidado social del tratamiento de las heridas en hormigas
49. Diversidad de ajíes silvestres (*Capsicum* spp.) de Argentina
50. Ecomorfología de hormigas (Hymenoptera: Formicidae), desde una perspectiva morfofuncional
51. Monitoreo ecológico, poblacional y genético de cuatro especies clave de mamíferos de valor ecosistémico y en riesgo de extinción del Norte de Argentina, con énfasis en las ecorregiones Yungas, Chaco y Selva Paranaense
52. Evolución del mutualismo en dos grupos megadiversos de coleópteros neotropicales: taxonomía, sistemática y biogeografía
53. Búsqueda de adyuvantes y agentes quimioterapéuticos para enfermedades tropicales en extractos vegetales de la selva misionera (continuación 2025)
54. Cambios en la diversidad filogenética de arañas asociados al reemplazo del bosque nativo por plantaciones forestales del bosque Atlántico Argentino
55. Microevolución y plasticidad fenotípica como respuestas al disturbio antropogénico en especies nativas persistentes: un modelo con el escarabajo *Canthon quinquemaculatus* en el Bosque Atlántico
56. Ecología espacial y epidemiológica de ocelotes (*Leopardus pardalis*) en áreas con distinto nivel de impacto antrópico en Misiones
57. Procesos ecosistémicos vinculados al ciclo hidrológico en bosques subtropicales de la provincia de Misiones: consecuencias asociadas al uso del suelo y al cambio climático
58. Bioprospección y caracterización de microorganismo benéficos para la protección vegetal asociados a nidos de hormigas cortadoras de hojas
59. Ecología trófica y espacial de monos caí (*Sapajus nigritus*) en bosque continuo y plantaciones forestales del norte de Misiones

60. Briofitas asociadas a micorrizas arbusculares en distintas regiones fitogeográficas de la Argentina, con énfasis en ambientes selváticos
61. Evaluación de alcantarillas como pasos de fauna en rutas de Misiones
62. Diversidad de helechos y licofitos en los Parques Nacionales del Nordeste Argentino.
63. Limitantes ecológicos y fisiológicos al uso de ambientes disturbados en arañas del bosque Atlántico de Misiones
64. ¿Cómo influyen las transformaciones de los ambientes naturales en el uso de hábitat, la co-ocurrencia y la diversidad de rapaces nocturnas del Bosque Atlántico?
65. Densidad y ocupación de tres especies raras de carpintero (Picidae, Aves) en las selvas del noreste de Argentina: identificando áreas prioritarias para la conservación
66. Modos tróficos en hongos (Agaricomycotina) y su relación con los procesos biogeográficos en Sudamérica austral.
67. La Aversión a la Inequidad, la Toma de Decisiones Individuales, y la Aparición del Comportamiento Colectivo.
68. Reconstrucción de la historia evolutiva de las Raveneliaceae (Pucciniales, Basidiomycota) mediante un enfoque combinado basado en PCR e hybSeq
69. Diversidad de helmintos de comadreja (Mammalia, Didelphimorphia) en el PN Iguazú.
70. Curiosidades de los Peces Argentinos de agua dulce
71. Filogenia, evolución, biogeografía, reproducción y taxonomía de Rubiáceas herbáceas de Sudamérica, con énfasis en especies arvenses de Argentina
72. Estudios comparativos de estructuras florales secretoras de aceite relacionadas con la polinización
73. Parásitos de peces de Misiones como indicadores de biodiversidad y relaciones tróficas
74. Taller Gepin
75. Tendencias poblacionales y uso de hábitat de yacaré overo, *Caiman latirostris*, en el Parque Nacional Iguazú

76. Diversidad, hábitat y patógenos de mosquitos (Díptera - Culicidae) y vinchucas (Hemiptera - Reduviidae) en ambientes naturales
77. Eco-parasitología de hantavirus, rabia y coronavirus en quirópteros de la provincia de Misiones
78. Estudio de los peces y sus parásitos en áreas protegidas del centro, noreste (NEA) y noroeste (NOA) de Argentina. Un esfuerzo conjunto para ampliar el conocimiento de la fauna íctica, sus parásitos y el rol de estos como indicadores de diversidad animal.
79. Estudio de factores asociados a leishmaniasis cutánea en el Parque Nacional Iguazú, Argentina
80. Evaluación del rol del Jote Real (*Sarcoramphus papa*) en la eliminación de carroñas: implicancias para su manejo y conservación
81. Identificación de zonas críticas para control y vigilancia en el Parque Nacional Iguazu
82. Relevamientos de vertebrados en las Reservas y Parques Nacionales de la provincia de Misiones.
83. Estudio Comparado del Uso Público de los Parques Nacionales del Iguazu (Brasil) y Iguazú (Argentina)
84. Investigaciones arqueológicas prehispánicas en la provincia de Misiones
85. Caracterización de los ambientes de bajos del PN Iguazú
86. Regulación de la tasa metabólica y termorregulación en coleópteros copro-necrófagos de bosques subtropicales del norte de Argentina: el rol de las condiciones ambientales
87. Estudio eco-epidemiológico de Arbovirus de importancia medica veterinaria en la Selva Paranaense
88. Dispersion de *Ae albopictus* en Argentina: factores limitantes, favorecedores y mapas de riesgo.
89. Colección de sonidos de aves de Parques Nacionales del Noroeste Argentino
90. El difícil balance entre la conservación y la utilización de recursos: el caso de la orquídea *Vanilla chamissonis*
91. Moluscos continentales de la provincia de Misiones.

92. Monitoreo de los grupos de monos caí en el PNI: cambios demográficos y seguimiento de sus individuos
93. Taller de Estudio de Colémbolos. Rasgos biológicos más relevantes de los principales órdenes y familias de colémbolos de suelo. V Congreso de Ecología y Biología de Suelos (CONEBIOS 5)
94. Diversidad de ciliados (Protista) de suelo, musgos y líquenes en la provincia de Misiones, con especial énfasis en Hypotrīcha
95. Utilización de peces de consumo humano como indicadores de la contaminación ambiental por plaguicidas en Misiones
96. Reconocimiento de invertebrados terrestres y morfología de plantas comunes en ambiente selvático
97. Técnicas Avanzadas de Anillado de Aves e Identificación de Patrones de Muda
98. Biografía del Rey
99. Influencia de los sistemas productivos y biológicos en la eco-epidemiología de antroponosis infecciosas en el noreste de Argentina
100. Mecanismos de comportamiento colectivo en la araña colonial *Parawixia bistriata* (Araneidae)
101. Funcionamiento y estructura de bosques nativos conservados y degradados del nordeste argentino: flujos de CO<sub>2</sub>, productividad y evapotranspiración
102. Sensibilidad gustativa en abejas *Apis mellifera* expuestas a plaguicidas utilizados en cultivos de tabaco.
103. Flujo de patógenos entre animales domésticos y silvestres de las áreas naturales del norte de Misiones
104. Ontogenia floral y morfología floral de *Passiflora* L. (PASSIFLORACEAE)
105. El hongo patógeno de artrópodos *Cordyceps* s.l. (Ascomycota: Hypocreales) en la Argentina, valoración a partir de su diversidad en tres diferentes eco-regiones
106. Diversidad y distribución de orugas de importancia sanitaria en el Parque Nacional Iguazú

107. Influencia de la estacionalidad en la respuesta al disturbio antrópico: diversidad taxonómica y funcional de escarabajos estercoleros en bosques subtropicales
108. El rol de aprendizaje y la memoria en la coexistencia de competidores en monos capuchinos
109. Estudio del ambiente y de organismos no blanco expuestos a plaguicidas utilizados en cultivos de tabaco del norte de la provincia de Misiones.
110. Reconstrucción de las relaciones filogenéticas de las arañas Nemesiidae Neotropicales (Mygalomorphae), usando aproximaciones de secuenciación masiva.
111. Diversidad de sílfidos y lepidópteros del PN Iguazú (Destacamento Apepu)
112. Estudios genéticos de marcadores del sistema inmune (TNF) en primates del género *Cebus* de la provincia de Misiones.
113. Genética de poblaciones y conservación de Crácidos (Aves) en Argentina
114. Estudios en las gramíneas: distribución, evolución, filogenia y sistemática.
115. La conservación bio-cultural. Importancia cultural, uso y manejo de poblaciones silvestres de *Euterpe edulis* en sistemas familiares diversificados en Península Andresito, Misiones. Fragmentación del paisaje, manejo de poblaciones silvestres y diversidad genética de *Euterpe edulis* Martius en el Bosque Atlántico Misionero.
116. Características de los barreros de lepidópteros y sus patrones de uso
117. La interacción entre humanos y monos caí (*Cebus=Sapajus nigritus*) en el Parque Nacional Iguazú, Misiones, Argentina: un enfoque etnoprimatológico.
118. Evolución de polimorfismos de color y adaptaciones térmicas en libélulas
119. Relevamiento ictícola del Parque Nacional Iguazú y de la Reserva Natural Puerto Península (provincia de Misiones, Argentina)
120. Urbanización y diversidad funcional de aves. ¿Cambia el efecto según el bioma?
121. Cómo y por qué el uso antrópico de la tierra altera los patrones espaciales de biodiversidad a gran escala?
122. Morfología funcional y ecomorfología de Aves, patrones miológicos de los módulos locomotores en relación a sus estilos de vida

123. Relevamiento de Phlebotominae (Diptera: Psychodidae) en el Parque Nacional Iguazú
124. Sistemática filogenética y biogeográfica de la tribu Asteraceae (Asteraceae): Estudios morfológicos y moleculares. // Estudios en la subtribu Oxylobinae R.M. King (Asteraceae, Eupatorieae): Revisión sistemática, análisis cladístico y biogeográfico del género Kaunia (R.M. King & H. Rob. // Early radiation of the sunflower family (Asteraceae) in southern South America: morphologic, molecular, paleontologic and biogeographic evidence.
125. La evolución y el mantenimiento de la cooperación entre machos en los monos caí (*Sapajus nigritus*)
126. Actitudes y Percepciones Sociales ante las áreas naturales protegidas y su impacto en la conservación del jaguar (*P.onca*) en el Norte Argentino
127. Curso: Biodiversidad edáfica y ecología de suelos en ecosistemas nativos, agrícolas y forestales.
128. Monografía de Grado: Alcances y Proyecciones de Turismo de Investigación Científica en el Parque Nacional Iguazú
129. Establecimiento de una base de datos de código de barras genético para la flora de Entre Ríos, Corrientes y Misiones, con énfasis en los Parques Nacionales El Palmar e Iguazú
130. Relevamiento de campo de insectos nativos de Argentina.
131. Parásitos de peces dulceacuícolas de Misiones como indicadores de biodiversidad.
132. Proyecto de estudio de cursos de agua
133. Mejoramiento genético de especies forestales nativas de alto valor
134. Conservando las tarántulas de la selva Atlántica, Argentina
135. "Moluscos dulceacuícolas invasores en el Sudoeste Bonaerense (Argentina): diversidad, interacciones y determinantes de su invasividad e impactos". PGI 24/B307.UNS, 2020-2023.
136. La comunidad Mbya Guarani y el turismo
137. Fronteras de la naturaleza; una historia ambiental de dos parques nacionales fronterizos entre Brasil y Argentina

138. Caracterización genética de poblaciones de carpincho, *Hydrochoerus hydrochaeris*, a lo largo de su distribución geográfica en Argentina
139. Diversidad y Ecología de flebotomos (Phlebotominae) del Parque Nacional Iguazú.
140. Relevamiento de lepidópteros diurnos del Parque Nacional Iguazú, Destacamento Apepú
141. Desarrollo de un sistema de tratamiento de aguas residuales en un sector del Parque Nacional Iguazu
142. Estudio eco-parasitologico de la garrapatas (Acari: Ixodidae) del norte de Misiones, Argentina
143. Arañas (Aranea) de la provincia de Misiones. Usando el taxon como indicador de biodiversidad
144. Biodiversidad de Ceratopognidae (Diptera: Culicomorpha) en la selva paranaense de la provincia de Misiones (PPID/N006)
145. Importancia de la reproducción sexual en la evolución y el mejoramiento genético de especies poliploides del genero *Paspalum*
146. Exploración botánica en Mision: colecciones de plantas vasculares con énfasis de la Familias Piperaceae. En marco del proyecto "Flora Argentina. Tomo 15: Dicotiledoneas Basales (Annonaceae, Aristolochiaceae, Caratophyllaceae, Hydnoraceae, Lauraceae, Monimiaceae, Nymphaceae y Piperaceae)
147. Cambios globales como promotores del aumento en la abundancia de lianas y consecuencias en la productividad en bosques nativos del noreste argentino. Subproyecto: Abundancia y diversidad de microartrópodos en bosques con diferente nivel de disturbio.
148. Morfología funcional del esqueleto apendicular de *Procyon cancrivorus*, *Nasua nasua* y *Potos flavus* (Procyonidae, Mammalia)
149. Diversidad de arácnidos de Argentina
150. Distribución espacial de los vectores *Stegomyia albopicta* (Skunse) (Diptera, Culicidae) en relación con el bosque nativo y los distintos usos turísticos y habitacionales dentro del Área Cataratas del Parque Nacional Iguazú.
151. Estudios genéticos del sistema inmune (TNF) en primates del género *Cebus* de la provincia de Misiones.

152. Identificación de áreas de nidificación y cría de *Caiman latirostris* en el área Apepú del Parque Nacional Iguazú, en el marco de las campañas Apepú
153. Hacia un Plan de Relevamientos de las Aves del Área de Apepú, PN Iguazú
154. Biodiversidad de Heteroptera (Insecta) del nordeste de la Argentina/Biodiversidad y Conservación de Heteroptera (Hemiptera) en la Argentina
155. Determinantes ecológicos y socio-ambientales de la distribución y persistencia de nematodos y protozoarios gastrointestinales en los suelos del municipio de Iguazú, Misiones, Argentina
156. Diversidad de abejas nativas presentes en áreas protegidas del NE Argentino
157. Estudio ecológico y comportamental sobre las hormigas ponerinas (Formicidae: Ponerinae) en la selva paranaense misionera.
158. Análisis Integral del Parque Nacional Iguazu. Un estudio del metabolismo socio-ecológico
159. Caracterización de la variabilidad genética de *Cebus* (Primates:Platyrrhini) de distribución marginal sur
160. Un abordaje experimental para explorar las funciones adaptativas del acicalamiento en contextos sociales en mono caí (*Cebus nigritus*)
161. Interacción de los monos caí (*Cebus (nigritus) apella*) con el turismo en el Parque Nacional Iguazu: un análisis desde la memoria episódica.
162. Plantaciones de pino y diversidad de mamíferos en Misiones: efecto de la configuración del paisaje y generación de indicadores de sustentabilidad forestal
163. Estudios proteómico de venenos de serpientes Opistoglifas que habitan el Parque Nacional Iguazu / Mapa de riesgo ofídico y estudio proteómico de venenos de serpientes opistoglifas del Parque Nacional Iguazú
164. Abejas sin aguijón (*Meliponini*) y palmitos (*Euterpe edulis*): Servicios ecosistémicos y conservación de polinizadores de interés socioeconómico en el Bosque Atlántico de Misiones, Argentina
165. Eliminación de la transmisión del paludismo autóctono en la República Argentina
166. Relevamiento limnológico-ictícola del río Iguazu superior e inferior en el área de influencia de las cataratas del Iguazu (provincia de Misiones, Argentina)

167. Biodiversidad de Staphylinidae (Insecta: Coleoptera) en la Selva Atlantica del Alto Parana
168. Diversidad, habitat y patogenos de mosquitos (Diptera - Culicidae) y vinchucas (Hemiptera - Reduviidae) en ambientes naturales de la provincia de Misiones
169. Biogeografía y conservación de la Cuenca del Plata usando grupos indicadores (serpientes y aves): aplicando enfoques históricos y ecológicos
170. Evaluación ambiental de la Isla San Martín con énfasis en el impacto del uso publico sobre el ambiente natural, en el marco de la consultoria "Hacia un plan de monitoreo ambiental del Área de Cataratas"
171. Linea de base del área del retorno del Circuito Superior en el marco de la consultoria "Hacia un plan de monitoreo ambiental del Área de Cataratas"
172. "Capacidad de carga instantánea y diaria de los sitios de uso publico" en el marco de la consultoria "Hacia un plan de monitoreo ambiental del Área de Cataratas"
173. Estado sanitario de los coatíes del Área de Cataratas en el marco de la consultoría "Hacia un plan de monitoreo ambiental del Área de Cataratas"// Estado sanitario de los coatíes (*Nasua nasua*) y otros carnívoros del Parque Nacional Iguazu
174. Impacto de las superficies vidriadas sobres las aves
175. Insects and Secondary Plant Metabolites
176. Monitoreo de los atropellamiento de fauna en la RN 12(DRNEA-PNI)
177. Impactos ambientales originados por el funcionamiento de represas hidroelectricas en el rio Iguazu (Parque Nacional Iguazu, Misiones, Argenina)
178. Análisis arquiteural, fenológico y ecofisiológico de *Cecropia Pachystachya* Tréc. (Ambay) y su contrubución como bioindicador de edades de claros en la selva misionera
179. Estudios de las percepciones y valores que tienen sobre el PN Iguazu las comunidades indígenas y rurales que habitan el área de influencia del mismo.
180. Mapeo de ejemplares poco frecuentes de la flora del área cataratas.
181. Encuestas en el marco de la campaña Tu comida me mata

182. Codigos de Barras Geneticos de los Lepidopteros de Argentina- Construyendo una Herramienta para la Identificacion, Descubrimiento y Monitoreo de la Biodiversidad.
183. Genética de la conservación aplicada a los monos aulladores *Alouatta caraya* y *Alouatta guariba clamitans* en Argentina.
184. Analisis de tendencias poblacionales y uso de habitat de yacare overo, *Caiman latirostris*, en el río Iguazu Superior
185. Interacción entre la disponibilidad de alimento y la carga de parásitos y sus efectos en las condiciones fisiológicas del mono caí (*Cebus nigrurus*) en condiciones silvestres.
186. ¿Porque los monos cai (*Cebus nigrurus*) se frotan diferentes partes del cuerpo con su propia orina? Prueba de hipotesis funcionales
187. Estudios citogeneticos en Cactaceae y Solanaceae: mapeo fisico de secuencias de ADN repetitivo por hibridación in situ fluorescente (FISH)
188. Bioprospección de un género de Ascomycota (Orden Hypocreales) en distintas regiones fitogeográficas de la Argentina
189. El jabalí (*Sus scrofa*) en Argentina
190. Efectos de la degradacion y fragmentacion de hábitat sobre la composición del ensamble de anuros del Bosque Atlantico en Misiones (Argentina)
191. Variacion intraespecifica y estructura poblacional de ortopteros con interes agronomico y evolutivo. / Estudios citogenéticos poblacionales en *Cylindrotettix obscurus* (LEPTYSMINAE: ACRIDIDAE) una especie con dos tipos de cromosomas supernumerarios.
192. Propiedades biofísicas de la madera y su impacto sobre la economía de agua y el crecimiento en especies nativas y cultivadas de alto valor forestal
193. Satisfaccion de los usuarios de las excursiones nauticas brindadas por la empresa Iguazu Jungle dentro del Parque Nacional Iguazu, Argentina
194. Caracterización morfologica y fisiologica del uso de la mandibulas de la hormigas del genero *Odontomachus* spp. durante la depredacion y defensa

195. Diversidad y comportamiento de las arañas de la República Argentina. (Relevamiento de arañas en Iguazú - Diversidad y comportamiento de arañas de los Bosques Andinopatagónicos - Diversidad de Arañas de Calilegua, con énfasis en la fauna de Yungas) - Diversidad de arácnidos de la provincia de Misiones, con énfasis en arañas de la familia Mysmenidae y otras Symphytognathoidea. Diversidad de Arácnidos en la provincia de Entre Ríos, con énfasis en el infraorden Mygalomorphae y en Dionychae (Araneae) - Diversidad de Arácnidos de Argentina
196. Biogeografía y diversidad de las faunas de cíclidos del sur del escudo de Brasilia, con énfasis en Misiones, Argentina.
197. Percepción de la naturaleza y el paisaje en el Parque Nacional Iguazú según el perfil del visitante
198. Diversidad de Himenópteros y Heterópteros de Patagonia y Chaco.
199. Parque Nacional Iguazú. Comprendiendo la Selva Atlántica Interior / Libro sobre el Parque Nacional Iguazú "Iguazú, maravilla de la Humanidad"
200. Diversidad de planarias terrestres (Platyhelminthes: Tricladida: Terricola) en el Bosque Paranaense Argentino/ Diversidad de Turbellarios en el Bosque Paranaense Argentino
201. Determinantes ecológicos de la respuesta de poblaciones y comunidades al disturbio: escarabajos estercoleros en selvas subtropicales de Argentina. // Efectos del uso de la tierra en funciones ecosistémicas: dispersión de semillas y ciclo de nutrientes por escarabajos estercoleros en el Bosque Atlántico
202. Biodiversidad de Coleoptera y Heteroptera acuáticos de la Argentina.
203. Relaciones entre la comunidad de aves y hábitat en el Parque Nacional Iguazú, Argentina
204. Diversidad y composición del ensamblaje de micromamíferos (Didelphinomorphia y Rodentia) del Bosque Atlántico en Misiones, Argentina
205. Diversidad y Riqueza epifítica en palmeras y otros forófitos representativos de áreas protegidas del norte argentino
206. Identificación de zonas de circulación de orthohantavirus en áreas protegidas de Misiones, en base al estudio de la ecología, movimientos y parasitología de la comunidad de pequeños roedores.
207. Biogeografía y Ecología de las especies del género neotropical *Wasmannia* en Argentina, con especial interés sobre la hormiga invasora *W. auropunctata*

208. Comportamiento espacial y memoria en el mono cai (*Cebus apella*) en contexto de grupo: semejanzas entre primates no humanos y humanos
209. Evaluación del rol de los micromamíferos como potenciales reservorios de Leishmaniasis Tegumentaria en Puerto Iguazú, Misiones, Argentina
210. Diversidad y Biogeografía de las Hormigas y otros Artropodos de Argentina
211. Estudios taxonómicos y biológicos en Basidiomicetes, Ascomicetes liquenizados y Briophytos en el norte de Argentina
212. *Solidago* L. (Astereae: Asteraceae) en america del sur y taxa relacionados en america del norte
213. Estudio sistemático y biogeográfico del género *Usnea* (ascomycetes liquenizados) en Argentina
214. Pteridoflora de las areas protegidas del NEA con énfasis en Ophioglosaceae
215. Relevameinto de los parasitoides de huevos de chicharritas proconiinas (Hemiptera: Cicadellidae) de la Argentina para su potencial utilizacion como agentes de control biologico
216. Estudios taxonómicos de plantas vasculares argentinas. Estudios anatómicos, citológicos y palinológicos en compuestas. Estudios taxonómicos, florísticos y genéticos de Basellaceae, Dioscoreaceae, *Viola*, *Alstroemeria*, *Dioscorea*. Estudios sistemáticos y evolutivos en Alstromeriaceae, Violaceae, Lamiaceae y otras plantas vasculares.
217. Colaboración para realizar maestría en taxonomía de insectos (con enfoque en Auchenorrhyncha)
218. Control de los parámetros acordados entre Argentina, Brasil y Paraguay en el Acuerdo Tripartito firmado en octubre de 1979
219. Los efectos de la fragmentación del Bosque Atlántico de Paraguay sobre los ensambles de micromamíferos
220. Relevamiento de los parasitoides de huevos de chicharritas proconiinas (Hemiptera: Cicadellidae) de Argentina para su potencial utilización como agentes de control biológico.
221. Código de barras de las aves de Argentina: Construyendo una herramienta para a identificación, descubrimiento y monitoreo de la biodiversidad

222. Managing agonistic conflicts and conflict resolution in *Cebus apella* // Estrategias reproductivas en las hembras de mono caí en estado silvestre // Estrategias reproductivas en el mono caí (*Cebus apella* *negritus*): beneficios directos e indirectos en base de la preferencia de la hembras por los machos
223. Efectos de la fragmentación sobre comunidades de aves en la selva atlántica interior de Argentina. Estrategias tróficas y respuesta a la estacionalidad de recursos alimentarios en aves de la Selva Paranaense
224. Programa de mejora de la calidad de visita al Parque Nacional Iguazú
225. Biodiversidad de mosquitos y su asociación con la circulación de Alphavirus y Bunyavirus en localidades seleccionadas de la provincia de Misiones. Insectos de importancia sanitaria con especial atención en mosquitos (Ditera: Culicidae) del PN Iguazu. Biodiversidad e Interacciones inter-especificas entre Culicidae (Insecta: Diptera) habitantes de huecos de arboles de la provincia de Misiones// Biodiversidad de mosquitos (Diptera Culicidae) y otros dipteros hematofagos del Parque Nacional Iguazu // Diversidad y ecologia de mosquitos (Dipteros, Culicidae) y flebotomos (Phlebotominae)
226. Estudio de la percepción del turista acerca de la idea de la instalación de un Globo Aerostático en el Parque Nacional Iguazú
227. El turismo en el proceso de aprendizaje de jóvenes con deficiencia mental en el área cataratas del PN Iguazú
228. Estudios sobre la comunidad de organismos habitantes de phytotallmatas en la región templada y subtropical de Sur America
229. Jardín Etnobotánico, FAUBA.
230. An experimental analysis of alarm calling behavior in tufted capuchin monkeys (*Cebus apella*) at Iguazú National Park, Northeastern Argetnina / Mechanisms underlying deception and conterdeception in the alarm call system of the tufted capuchin monkey stress and skepticism?
231. Estudio del origen endosimbionte de la partenogénesis en *Asynonichus cervinus* (Coleoptera: Curculionidae), y de la relación entre niveles de ploidía y capacidad colonizadora. Presentación 2005: 'Estudios filogenéticos y filogeográficos en gorgojos plaga'.
232. Investigacion epidemiologia
233. Regeneración y Restauración del Bosque Atlántico del Alto Paraná.

234. Proyecto Yaguareté: investigaciones para la conservación del yaguareté y otros félidos en el Bosque Atlántico
235. Botany Field trip to Argentina
236. Botany field trip to Argentina: Temperate and Tropical plant families.
237. Biodiversidad de invertebrados en áreas protegidas de la Argentina. Taxocenosis de Helmintha (Nematoda: Nematomorpha), Mollusca (Gastropoda y Bivalvia) y microcrustáceo
238. Proyecto de Conservación Integrada de *Laelia lundii*, mediante su Introducción/Refuerzo/Suplemento en Áreas Protegidas del Norte de Misiones
239. Proyecto de conservación integrada de *Laelia lundii* (Orchidaceae), mediante su introducción/ refuerzo/ suplemento en áreas protegidas de Misiones, del programa de Conservación de germoplasma de orquídeas nativas de la FORA (Federación Argentina de Orquidófilos de la República Argentina)
240. Recolección y reconocimiento de material biológico (Musci) y relevamiento de la fauna de Oligoquetos (lombrices de tierra) (Anelida), el valor de las especies endémicas/ Los Oligochaeta (Annelida) del norte de Argentina y las interacciones con la microflora del suelo
241. Estudio florístico de hongos y líquenes del NE de Argentina // Estudios taxonómicos y biológicos en Basidiomicetes y Ascomicetes liquenizados en el norte de Argentina.
242. Polinización de flora nativa por esfingidos de trompas largas
243. Relative efficacy of leaf-litter and pitfall trapping to estimate terrestrial macro-invertebrate biodiversity
244. Estudio de la diversidad del Orden Ephemeroptera en el NOA
245. Ecología y etología de lechuzas
246. Inventario actualizado de la lepidopterofauna del P.N. Iguazú
247. Ecology and systematics of fungus-growing ants
248. Ecology and systematics of fungus-growing ants
249. Behavioral and genetic differentiation between native and introduced populations of the Argentine ant.
250. Biodiversidad pteridofítica en el Cono Sur de América meridional

251. Evaluación del riesgo de transmisión de *Schistosoma mansoni* en Argentina
252. Turismo en los Parques Nacionales de Argentina y Australia. Un estudio comparativo
253. Flora de Jujuy / Rnv. 4: Flora de Jujuy, flora Chaqueña y flora de la Pcia. de Misiones. Exploraciones botánicas en el Noroeste Argentino
254. Relevamiento de poblaciones de *Aylacostoma* spp. (Mollusca) en el río Iguazú
255. Sistemática experimental en Leguminosas
256. Estudio de la Organización de Hormigas y termitas en Bosques de Argentina
257. Monitoreo, captura y procesamiento de vectores potenciales portadores de borrelias en Argentina
258. Estudio de los microhongos del suelo y descomponedores de hojarrasca en los bosques vírgenes tropicales
259. Ecología y comportamiento de las hormigas cortadoras de pasto *Atta vollenweideri* // Investigaciones microclimáticas en nidos de hormigas cortadoras // Comportamiento de hormigas recolectoras de néctar (ppalmente *Camponotus*)
260. Cuantificación de la calidad de visita del Parque Nacional Iguazú con parametros sonoros, visuales y perceptivos.
261. Estudio citogenético de escorpiones. Distribución de langostas de río.
262. Composición química del néctar en plantas superiores
263. Sistemática y biogeografía de insectos acuáticos de la Rep. Argentina, en especial con referencia al Orden Odonata. Biogeografía de insectos acuáticos de la Patagonia extra-andina septentrional. Biodiversidad de Odonatos del Parque Nacional Pre Delta // Biodiversidad y conservación de insectos acuáticos del sistema de humedales del Estero de Ibera (Corrientes)
264. 'Estudio de la Biodiversidad Artrópodos Americanos. EXO85 Sec. Ciencia y Técnica'
265. Biodiversidad de Especies Silvestres comestibles del orden Agaricales (Basidiomycetes)
266. Arañas de los Parques Nacionales

267. Diversidad y comportamiento de las arañas de la República Argentina. (Relevamiento de arañas en Iguazú - Diversidad y comportamiento de arañas de los Bosques Andinopatagónicos - Diversidad de Arañas de Calilegua, con énfasis en la fauna de Yungas)/Arácnidos de la RN Otamendi (Rnv. 12)// Muestras - Autorizado por DMR - Convenio APN-FCEyN Exp. 654/94 - // Guia de Transito RNF 04979, 4987, 4989 // Guia de transito Pre Delta 03151 - 03152 (llevando 20 ejemplares por familia)// 26 9 2013 se autorizo por nota el muestreo en San Antonio//Guia de transito Pre Delta 035885 (Martín Ramirez) // Guia de transito Iguazu 05629 (Gonzalo Rubio) //Guia de transito 003224 Rio Pilcomayo (Escorpiones Tityus 8; arañas 4, opilion 1) // Guia de transito 007352 Formosa (escorpiones: Ananteris 9; Bachiternus 85; Tityus 24; Timogenes 45; Bothrius 6; arañas Licosidae 10)
268. 'Amebas sociales del suelo forestal'
269. Cambios del clima, y los recursos de hielo y agua en Argentina
270. Estudios biológicos y evolutivos de heterópteros acuáticos y terrestres de la Argentina: Citogenética, biodiversidad, genotoxicidad y monitoreo ambiental
271. Estudios Citogenéticos y Moleculares en Heterópteros Fitófagos de Interés Agroeconómico en la Argentina.
272. Estudio Florístico de la Provincia de Misiones
273. Determinación de especies vegetales para la comunidad de murciélagos frugívoros de la selva subtropical Paranaense
274. La influencia de los patrones de comportamiento de los monos Caí (Cebus Apella), En el destino de las semillas y en la demografía de las plantas que consumen, en un ambiente de baja predación
275. Observación y colección de muestras de plantas
276. Colección de hongos de suelo y madera
277. Descomposición de hidrocarburos por acción fungica - Revisión de los géneros Patellaria Fr. y Rytidhysterion Speg. de Argentina
278. Biología floral en Bignoniaceae
279. Estudio de los factores involucrados en la compatibilidad de Biomphalaria spp. argentinos con Schistosoma mansoni
280. Megaspore Development in Lycophyta

281. Estructura de las comunidades de peces de las micro-cuencas del Parque Nacional Iguazú
282. Estudio de hormigas
283. Population Structure and zoogeography of commercially important fishes of the Parana-Paraguay basin inferred from mitochondrial DNA
284. Pato serrucho '93 - Odonata Research Proposal
285. Analisis zoosemiotico del genero Tropidurus
286. Sistemática y evolución de primates
287. Estudio biológico y sistemático del orden Diatrypales en la mesopotamia argentina.
288. Estudio del polen de la Familia Leguminosae
289. Conducta defensiva de Hiranetis (Reduviidae) y Polistes (Himenoptera)
290. Estudios de germinación de palmeras con semillas recalcitrantes
291. Estudio de las bandadas mixtas de aves del P. N. Iguazú
292. Asociación de lepidópteros (Geometridae) con sus helechos huésped
293. Viaje de estudios Cátedra Introducción a la Zoología
294. Flora Micológica del P.N. Iguazú
295. Revisión de las orquídeas de Argentina
296. Cambio climático global y salud. Vectores de endemias, relaciones ecológicas y bioclimáticas.
297. Insect and Arachnid Biodiversity in South America
298. Estudios citogenéticos y evolutivos en plantas vasculares
299. Proflora. Revisión de Podostemaceas
300. Contribución al conocimiento del Gro. Selenops en America del Sur
301. Programa de Relevamiento de la entomofauna de la Pcia. de Misiones
302. Estudio comparativo de densidad de hormiga colorada en EEUU y Argentina
303. Estudios bioacústicos de Strigiformes

304. Sistemática y Biología de Hemípteros acuáticos
305. Viaje de Estudios Catedra de Sistemática Vasculares
306. Relevamiento Entomológico sanitario
307. Relevamiento de las poblaciones de Arirai (*Pteronura brasiliensis*)
308. Colección de Insectos
309. Colección de lepidópteros nocturnos
310. Colección y observaciones de campo de Smilax
311. Desarrollo Ontogenético de Lepidópteros Ropaloceros
312. Viaje de Estudios - Recolección de sp. vegetales (dcm 87) y artrópodos (dcm 88)
313. Primate Social Structure in a Low Predation Environment: Test of a new model
314. Inventario de Orquídeas
315. COQUENA-Relaciones del hombre con el medio natural
316. Inventario Herpetológico del P.N. Iguazú
317. Viaje de estudios Catedra de Invertebrados
318. Estudio de la viabilidad económica de la rana toro en el cono sur
319. Contribución al conocimiento de la termitofauna argentina
320. Relevamiento de insectos
321. Mutualismo entre plantas -*Cecropia*- y hormigas
322. Características acústicas del P.N. Iguazú y su efecto en las vocalizaciones de anfibios
323. Biología reproductiva de anfibios anuros
324. Subantarctic flora - Exhibition on Argentine National Parks
325. Polinización por aves e insectos en flora argentina
326. Taxonomy of insects found in ant and termite nests
327. Relaciones evolutivas de los marsupiales americanos

- 328. Taxonomía de Euforbiaceas y Ciperaceas
- 329. Biosistemática, bioecología y protección de especies entomológicas
- 330. Clasificación, Ecología e historia natural de Carabidae
- 331. Biología poblacional del caí (*Cebus apella*)
- 332. Estudio sistematico de dipteros en el Dpto. Iguazu, Misiones
- 333. Citogenética Evolutiva en Insectos (Ortópteros)
- 334. Estudios taxonómicos de plantas vasculares argentinas. Estudios anatómicos, citológicos y palinológicos en compuestas. Estudios taxonómicos, florísticos y genéticos de Basellaceae, Dioscoreaceae, Viola, Altstroemeria, Dioscorea
- 335. Colecciones botanicas - Inventario florístico del P.N. Iguazú
- 336. Estudios hepaticológicos en Misiones - Hepáticas del NOA

**ANEXO 03 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO ATILIO EMILIANO GUZMAN**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

---

**AUTORIZACIÓN PARA USO DE ENTREVISTA**

Yo, Guzman, Atilio Emiliano, autorizo la utilización de la entrevista concedida por mí a Wemerson Augusto, en el marco de su investigación de maestría titulada “**La integración del Parque Nacional do Iguaçu y del Parque Nacional Iguazú y las contribuciones de las dos unidades de conservación para la divulgación científica y la educación ambiental**”, desarrollada en el Programa de Posgrado en Integración Contemporánea de América Latina (PPG-ICAL), de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA).

Declaro estar al tanto de que las informaciones proporcionadas serán utilizadas con fines exclusivamente académicos en su tesis de maestría.

Esta autorización se concede de forma libre y voluntaria, sin ningún tipo de remuneración, garantizando que el contenido de la entrevista será utilizado respetando los principios éticos de la investigación científica.

**Lugar: Puerto Iguazú, Misiones, Argentina**

**Fecha: 19/ 03/ 2026**

**Nombre del entrevistado(a): Atilio Emiliano Guzman**

**Firma:**

**Foz do Iguaçu (PR), \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.**

---

**ANEXO 04 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO DIEGO VARELA**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

**AUTORIZACIÓN PARA USO DE ENTREVISTA**

Yo, Diego Varela, autorizo la utilización de la entrevista concedida por mí a Wemerson Augusto, en el marco de su investigación de maestría titulada “**La integración del Parque Nacional do Iguazu y del Parque Nacional Iguazú y las contribuciones de las dos unidades de conservación para la divulgación científica y la educación ambiental**”, desarrollada en el Programa de Posgrado en Integración Contemporánea de América Latina (PPG-ICAL), de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA).

Declaro estar al tanto de que las informaciones proporcionadas serán utilizadas con fines exclusivamente académicos en su tesis de maestría.

Esta autorización se concede de forma libre y voluntaria, sin ningún tipo de remuneración, garantizando que el contenido de la entrevista será utilizado respetando los principios éticos de la investigación científica.

**Lugar: Puerto Iguazu, Misiones, Argentina**

**Fecha: 24/ 3 / 2026**

**Nombre del entrevistado(a): Diego Varela**

**Firma:**

**Foz do Iguazu (PR), 24 de marzo de 2026**

## ANEXO 05 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO JOSÉ MARIA HERVÁS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
 INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

## AUTORIZACIÓN PARA USO DE ENTREVISTA

Yo, JOSÉ MARIA HERVÁS, autorizo la utilización de la entrevista concedida por mí a Wemerson Augusto, en el marco de su investigación de maestría titulada "La integración del Parque Nacional do Iguaçu y del Parque Nacional Iguazú y las contribuciones de las dos unidades de conservación para la divulgación científica y la educación ambiental", desarrollada en el Programa de Posgrado en Integración Contemporánea de América Latina (PPG-ICAL), de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA).

Declaro estar al tanto de que las informaciones proporcionadas serán utilizadas con fines exclusivamente académicos en su tesis de maestría.

Esta autorización se concede de forma libre y voluntaria, sin ningún tipo de remuneración, garantizando que el contenido de la entrevista será utilizado respetando los principios éticos de la investigación científica.

Lugar: Pto. IGUAZÚ

Fecha: 25 / 3 / 2026

Nombre del entrevistado(a): JOSÉ MARIA HERVÁS

Firma: [Handwritten Signature]

Foz do Iguaçu (PR), \_\_\_ de \_\_\_ de \_\_\_.

## ANEXO 06 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO JOSÉ ULISSES DOS SANTOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

---

### AUTORIZAÇÃO USO DA ENTREVISTA

Eu, José Ulisses dos Santos, autorizo a utilização da entrevista concedida por mim a Wemerson Augusto, no âmbito de sua pesquisa de reemestrado intitulada “**A integração do Parque Nacional do Iguaçu e do Parque Nacional Iguazú e as contribuições das duas unidades de conservação para a divulgação científica e a educação ambiental**”, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).

Declaro estar ciente de que as informações fornecidas serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos em sua dissertação de mestrado.

Esta autorização é concedida de forma livre e voluntária, sem qualquer tipo de remuneração, garantindo que o conteúdo da entrevista será utilizado respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.

Local: Parque Nacional do Iguaçu

Data: 17 / 03 / 2026

Nome do entrevistado(a): JOSÉ ULISSES DOS SANTOS

Documento assinado digitalmente

Assinatura:  JOSE ULISSES DOS SANTOS  
Data: 17/03/2026 21:50:28-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Foz do Iguaçu (PR), 17 de março de 2026.

**ANEXO 07 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADA MARCELA STÜKER KROPF**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

---

**AUTORIZAÇÃO USO DA ENTREVISTA**

Eu, Marcela Stüker Kropf, autorizo a utilização da entrevista concedida por mim a Wemerson Augusto, no âmbito de sua pesquisa de mestrado intitulada **“A integração do Parque Nacional do Iguaçu e do Parque Nacional Iguazú e as contribuições das duas unidades de conservação para a divulgação científica e a educação ambiental”**, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).

Declaro estar ciente de que as informações fornecidas serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos em sua dissertação de mestrado.

Esta autorização é concedida de forma livre e voluntária, sem qualquer tipo de remuneração, garantindo que o conteúdo da entrevista será utilizado respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.

Local: Rio de Janeiro

Data: 19 / 03 / 2026


Nome do entrevistado(a): Marcela Stüker Kropf

Assinatura: \_\_\_\_\_

Assinatura manuscrita em azul da entrevistada Marcela Stüker Kropf.

Rio de Janeiro (RJ), 19 de Março de 2026

## ANEXO 08 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADA MARIA FLORÊNCIA

  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
 INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

**AUTORIZACIÓN PARA USO DE ENTREVISTA**

Yo, MARIA FLORENCIA BIONDI, autorizo la utilización de la entrevista concedida por mí a Wemerson Augusto, en el marco de su investigación de maestría titulada "La integración del Parque Nacional do Iguaçu y del Parque Nacional Iguazú y las contribuciones de las dos unidades de conservación para la divulgación científica y la educación ambiental", desarrollada en el Programa de Posgrado en Integración Contemporánea de América Latina (PG-ICAL), de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA).

Declaro estar al tanto de que las informaciones proporcionadas serán utilizadas con fines exclusivamente académicos en su tesis de maestría.

Esta autorización se concede de forma libre y voluntaria, sin ningún tipo de remuneración, garantizando que el contenido de la entrevista será utilizado respetando los principios éticos de la investigación científica.

Lugar: PTO. IGUAZÚ

Fecha: 19 / 03 / 26

Nombre del entrevistado(a): BIONDI, M. FLORENCIA

Firma: [Handwritten Signature]

Foz do Iguaçu (PR), 19 de Marzo de 2026.

## ANEXO 09 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADA MARIELE BORRO MUCCIATTO XAVIER

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

---

### AUTORIZAÇÃO USO DA ENTREVISTA

Eu, Mariele Borro Mucciatto Xavier, autorizo a utilização da entrevista concedida por mim a Wemerson Augusto, no âmbito de sua pesquisa de mestrado intitulada “**A integração do Parque Nacional do Iguazu e do Parque Nacional Iguazú e as contribuições das duas unidades de conservação para a divulgação científica e a educação ambiental**”, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).

Declaro estar ciente de que as informações fornecidas serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos em sua dissertação de mestrado.

Esta autorização é concedida de forma livre e voluntária, sem qualquer tipo de remuneração, garantindo que o conteúdo da entrevista será utilizado respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.

Local: Curitiba-PR

Data: 20 / 03 / 2026

Nome do entrevistado(a): Mariele Borro Mucciatto Xavier

Curitiba (PR), 20 de março de 2026.

 Documento assinado digitalmente  
**MARIELE BORRO MUCCIATTO XAVIER**  
Data: 20/03/2026 08:37:03-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

(Assinatura)

**ANEXO 10 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO MARIUS DA SILVA PINTO BELLUCI**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

**AUTORIZAÇÃO USO DA ENTREVISTA**

Eu, MARIUS DA SILVA PINTO BELLUCI, autorizo a utilização da entrevista concedida por mim a Wemerson Augusto, no âmbito de sua pesquisa de mestrado intitulada **“A integração do Parque Nacional do Iguaçu e do Parque Nacional Iguazú e as contribuições das duas unidades de conservação para a divulgação científica e a educação ambiental”**, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).

Declaro estar ciente de que as informações fornecidas serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos em sua dissertação de mestrado.

Esta autorização é concedida de forma livre e voluntária, sem qualquer tipo de remuneração, garantindo que o conteúdo da entrevista será utilizado respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.

Local: Foz do Iguaçu

Data: 19 / 03 / 2026

Nome do entrevistado(a): MARIUS DA SILVA PINTO BELLUCI

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MARIUS DA SILVA PINTO BELLUCI  
Data: 19/03/2026 13:22:31-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura: \_\_\_\_\_

## ANEXO 11 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO NEUCIR SZINWELSKI



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

### AUTORIZAÇÃO USO DA ENTREVISTA

Eu, Neucir Szinwelski, autorizo a utilização da entrevista concedida por mim a Wemerson Augusto, no âmbito de sua pesquisa de mestrado intitulada **“A integração do Parque Nacional do Iguazu e do Parque Nacional Iguazú e as contribuições das duas unidades de conservação para a divulgação científica e a educação ambiental”**, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).

Declaro estar ciente de que as informações fornecidas serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos em sua dissertação de mestrado.

Esta autorização é concedida de forma livre e voluntária, sem qualquer tipo de remuneração, garantindo que o conteúdo da entrevista será utilizado respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.

Local: Cascavel, PR

Data: 19/03/2026

Nome do entrevistado: Neucir Szinwelski

Assinatura: \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** NEUCIR SZINWELSKI  
Data: 19/03/2026 10:14:11-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**ANEXO 12 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADO ROGERIO OLIVEIRA SOUZA**

---



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

**AUTORIZAÇÃO USO DA ENTREVISTA**

Eu, ROGERIO OLIVEIRA SOUZA, autorizo a utilização da entrevista concedida por mim a Wemerson Augusto, no âmbito de sua pesquisa de mestrado intitulada **“A integração do Parque Nacional do Iguaçu e do Parque Nacional Iguazú e as contribuições das duas unidades de conservação para a divulgação científica e a educação ambiental”**, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).

Declaro estar ciente de que as informações fornecidas serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos em sua dissertação de mestrado.

Esta autorização é concedida de forma livre e voluntária, sem qualquer tipo de remuneração, garantindo que o conteúdo da entrevista será utilizado respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.


Local: FOZ DO IGUAÇU \_\_\_\_\_

Data: 18 / 03 / 2026 \_\_\_\_\_

Nome do entrevistado(a): ROGERIO OLIVEIRA SOUZA

Assinatura: \_\_\_\_\_

Foz do Iguaçu (PR), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

 Documento assinado digitalmente  
ROGERIO OLIVEIRA SOUZA  
Data: 18/03/2026 19:47:12-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

**ANEXO 13 - AUTORIZAÇÃO ENTREVISTADA YARA BARROS**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA  
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA

**AUTORIZAÇÃO USO DA ENTREVISTA**

Eu, Yara de Melo Barros, autorizo a utilização da entrevista concedida por mim a Wemerson Augusto, no âmbito de sua pesquisa de mestrado intitulada **“A integração do Parque Nacional do Iguaçu e do Parque Nacional Iguazú e as contribuições das duas unidades de conservação para a divulgação científica e a educação ambiental”**, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).

Declaro estar ciente de que as informações fornecidas serão utilizadas para fins exclusivamente acadêmicos em sua dissertação de mestrado.

Esta autorização é concedida de forma livre e voluntária, sem qualquer tipo de remuneração, garantindo que o conteúdo da entrevista será utilizado respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.

Local: Foz do Iguaçu

Data: 18 / 03 / 2026

Nome do entrevistado(a): Yara de Melo Barros

Foz do Iguaçu (PR), 18 de março de 2026

Assinatura manuscrita em tinta preta, aparentemente de Yara de Melo Barros, com uma linha decorativa curva abaixo.

